ITCR

Instituto de Teologia e Ciências Religiosas

Cadernos de TEOLOGIA

PUC CAMPINAS

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

CADERNOS DE TEOLOGIA

Revista Semestral do Instituto de Teologia e Ciências Religiosas - ITCR da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC-Campinas

Diretor Responsável:
Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

Redatores:
Airton José da Silva
Cássio Murilo Dias da Silva

Conselho Editorial:
Airton José da Silva
Alexander Luiz Dezotti
Cássio Murilo Dias da Silva
Josias Henrique Comin
Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

Tiragem: 500 exemplares

Periodicidade: Semestral (Maio e Setembro)

Direitos e Permissão de publicação:
As matérias assinadas são de total e exclusiva responsabilidade dos autores. São reservados todos os direitos ao ITCR - PUC-Campinas. A reprodução de qualquer matéria é permitida, desde que citada a fonte.

Editoração: Wilson Antonio Cassanti

Impressão: Gráfica da PUC-Campinas

CADERNOS DE TEOLOGIA - ANO V - SETEMBRO DE 1999 - Nº 06

CADERNOS
DE
TEOLOGIA

SUMÁRIO

Editorial **05**

PALESTRAS

Evangelização e Política **09**
Fernando Altemeyer Júnior

A partir do Apóstolo Paulo, como entender a Evangelização? .. **23**
Herminio Andrés Torices

Evangelização na Comunicação - Mídia **55**
Augusto César Pereira

Evangelização e Ministérios Leigos **71**
Antônio José de Almeida

Evangelho, Evangelização e Liberdade **85**
José Comblin

CONGRESSO

Soter '99: Mysterium Creationis: Um Olhar Interdisciplinar sobre o Universo **133**
Airton José da Silva

EDITORIAL

A XVI Semana de Teologia do nosso Instituto de Teologia e Ciências Religiosa da PUC-Campinas, realizada de 21 a 25 de setembro de 1998, trouxe para a discussão alguns aspectos acerca dos desafios e perspectivas da Evangelização, e teve como lema a seguinte questão: EVANGELIZAR: QUE HOMEM? QUE DEUS?

A realização de Semana Teológica é uma atividade promovida pelo nosso Diretório Acadêmico "João XXIII", através de seus alunos e alunas, professores e diretores e com o incentivo da Reitoria da Universidade.

Sentimos que a problemática da evangelização no mundo pós-moderno apresenta inúmeros desafios. Qual é o rosto , as feições, os traços e a alma deste homem moderno, sujeito da evangelização? Homem cada vez mais posto de escanteio nas relações de trabalho, na medida em que é substituído pela máquina. Assim, deixa de compreender-se como criador, desvalorizando-se aos próprios olhos... Homem como nunca bombardeado pelos Meios de Comunicação Sociais, e no entanto, sentindo-se sozinho, isolado, carente de relações humanas profundas e significativas... Homem perdido e dilacerado pela crise de valores que até então nortearam sua existência.

Que Deus? Que Evangelho? Que Meios? Certamente um Deus que dê sentido à existência... Um evangelho que dê respostas às questões angustiantes de nosso tempo. Um Evangelho que suscite esperança, valorize e defenda a vida... Promova a liberdade e a solidariedade na convivência humana.

Diante disso, para nos ajudar nessa reflexão e abrir caminhos à missão de anunciar a Boa Nova do Reino de Deus, a serviço da promoção da vida, tivemos a grata satisfação de contar com grandes personalidades, que nos enriqueceram com sua colocações.

A Semana contou com 7 conferências. Na primeira noite esteve conosco o Padre Fernando Altemeyer Júnior, da Arquidiocese de São Paulo, Professor da PUC-SP, que desenvolveu a temática da **Evangelização e Política.**

No segundo dia, na parte da manhã, o Professor Padre Herminio Andrés Torices, Professor da PUC-Campinas e do ITESP de São Paulo, discorreu sobre a questão: **A partir do Apóstolo Paulo, como entender a Evangelização**? À noite, contamos com a presença do Padre Augusto César Pereira, do ITSC de Taubaté, que nos falou da **Evangelização na Comunicação – Mídia**.

Para o quarto tema, convidamos o Professor Padre Antônio José de Almeida, do Instituto Teológico Paulo VI de Londrina. Sua conferência abordou a relação entre **Evangelização e Ministérios Leigos**.

Na manhã da Quinta-feira, o Professor da PUC-Campinas, Ruy Rodrigues Machado, nos apresentou um **Panorama Histórico da Evangelização no Brasil.** Esta palestra, infelizmente se perdeu, por motivos técnicos, e por isso pedimos desculpas aos leitores por não apresentá-la aqui.

Para a noite da Quinta e da Sexta-feira, esteve conosco o teólogo Padre José Comblin. Sua fala abordou a relação entre **Evangelho**, **Evangelização e Liberdade**.

Foi uma semana bastante proveitosa, com a participação intensa de alunos, alunas, professores, agentes de pastoral e religiosas. Com o empenho de alunos e o incentivo do nosso Professor Airton, efetuamos a transcrição das palestras gravadas em vídeo, que oferecemos ao leitor nesta edição dos

Cadernos de Teologia do nosso Instituto de Teologia e Ciências Religiosas da PUC-Campinas.

Amarildo Marçoli
Presidente do Diretório Acadêmico João XXIII em 1998

Nota da Redação

Ao tema da Semana Teológica acrescentamos um relato do recente Congresso da Sociedade de Teologia e Ciências Religiosas, SOTER, ocorrido em Cachoeira do Campo, MG, de 5 a 9 de julho de 1999. A SOTER '99 abordou o tema da Criação com um olhar interdisciplinar sobre o Universo. Onze professores do ITCR estavam presentes.

PALESTRAS

EVANGELIZAÇÃO E POLÍTICA

Fernando Altemeyer Júnior

É um prazer estar com vocês, com as comunidades e os amigos. Eu queria começar esta conferência, que vai ser muito breve, lembrando um fato que eu trago na alma dessa vinda de ontem de Ilhéus onde preparávamos o II encontro do ano 2.000 das comunidades. Eu estive com o grupo dos índios Quiriris sabendo dessa situação que todos viram nos jornais, onde um deputado federal do PFL que possivelmente vai ser reeleito, esterilizou toda a nação Quiriri. Esterilizando todas as mulheres, esterilizando inclusive de uma maneira brutal, não seguindo nenhum padrão legal da medicina, estourando todo e qualquer código de ética.

Então, eu queria colocar esta nossa reflexão sobre Política e Evangelho à luz destes sofrimentos genocidas. O Brasil já tinha matado só neste século, segundo esse nosso grande antropólogo, que morreu recentemente, o Darcy Ribeiro, 80 nações. E agora já temos a 81ª.

Então, teremos que nos penitenciar. Essa denúncia foi apresentada à OEA, esta semana, pelo CIMI. É para que a gente possa tentar punir estas pessoas, pois parece que nada vai ser possível, que nenhuma dessas mulheres tenha a sua operação revertida, parece ser de fato um crime de lesa-

humanidade cometido pelo governo baiano e por um deputado do PFL. Eu falo isso com a intenção clara de que ninguém vote em PFL aqui, porque partidos genocidas não merecem votos de cristãos, especialmente quando cometem algum pecado contra o Espírito Santo. E este é o pecado contra o Espírito Santo, quando você faz toda uma nação não mais existir. Outros já cometeram este pecado, e este pecado não tem perdão.

Queria falar do Evangelho em primeiro lugar para daí poder falar da Política. A própria concepção da palavra evangelização eu achei que está muito bem conectada ao cartaz e fiquei honrado com o convite.

1. FALAR DE EVANGELHO É FALAR DE DEUS PAI

Evangelho, em primeiro lugar, não tem implicação direta e explícita com Jesus, embora estejamos acostumados a dizer que Jesus é o Evangelho. De fato o Evangelho é o Reino. Jesus não é o astro da mensagem. Ele é o apresentador de algo maior que ele, no sentido de que é o Reinado do Pai como proclama o Salmo 98. Deus vem reinando e fazendo acontecer justiça ao pobres; e é esse anúncio que Jesus veio proclamar, então achei muito positivo que vocês tenham proposto uma semana falando e colocando a Evangelização conectada a Deus Pai, Deus Criador, Deus Salvador, Deus Reinante e à humanidade. Claro que no quadro faltaria a mulher, mas isso a gente perdoa como relações de gênero. As mulheres são as que mais perdoam. Na próxima vez virá um cartaz ampliado aqui.

É deste Deus que Evangeliza que nós falamos, porque afinal a ação da apresentação do Reino, como nos lembrava tão belamente Martinho Lutero, é graça de Deus, não construção humana em primeiro lugar. O Papa Paulo VI,

retomando esta intuição importante dos evangélicos, coloca na *Evangelli Nuntiandi* que o principal ator da evangelização é o Espírito Santo. Ele insiste nisso: que a gente seja colaborador dessa grande tarefa da manifestação de Deus na ação do seu Reinado. É sempre importante lembrar isso, Jesus não se anuncia, Jesus proclama o Reino numa tradição muito concreta, nas 3 tradições, quer sinóticas, quer joanina, quer no quinto Evangelho que é o de Paulo, onde, por assim dizer, nós temos a mesma proclamação.

Os Evangelhos apresentam, particularmente Marcos 1,14, um Cristo que anuncia a Boa Notícia, a chegada do Reino, a completude desse novo tempo. Após a prisão de João Batista o texto faz um nexo importante entre ambos: sabendo que João Batista fora preso, Jesus começa a pregar dizendo que o tempo se completou. Então não é uma pregação desconectada como lembrava o Nadai [à época, Diretor do ITCR], não é uma proclamação sem conseqüências práticas e políticas para a vida do grupo de Jesus, é conseqüência da prática desse seu companheiro de caminhada, e possivelmente seu mestre, João Batista. Jesus conecta o seu anúncio de reinado do Pai à prisão de seu companheiro, o que não é muito fácil, sabendo o que significava a força herodiana e o que era o conflito político da época. Essa atitude de Jesus de proclamar o reinado de Deus após a prisão de um grande profeta é um gesto que nos faz pensar muito, especialmente nestes tempos em que a Igreja não tem muito este vigor de proclamação evangélica e que a gente perdeu um pouco destas nossas conecções com as práticas sociais daqueles que ainda estão sofrendo prisão. Falta muito amor aos pobres, essa caridade específica à vida dos pobres, esse anúncio é que tem uma conecção muito vinculante. João, trabalhará, também, na mesma linha.

Lucas apresentará o Evangelho de Jesus no seu primeiro anúncio como a manifestação clara da presença do Pai, simbolizado por esta pomba e esta voz que se manifesta: Este é o meu Filho muito amado é nele que eu anuncio, é nele

que eu tenho toda a minha complacência, todo o meu prazer. É o Deus que se revela, que se manifesta que é a essência da evangelização. Deus que se torna presente, vivo na vida dos pobres. Para usar a antiga expressão da Patrística: "A Glória de Deus está na vida do homem", mas a vida do homem - isto é de Santo Irineu - é contemplar a Deus. E Oscar Romero completava isso: "A glória de Deus na América Latina passa pela vida dos pobres". Não de qualquer homem, não de qualquer humanidade genérica, mas dessa humanidade sofredora, padecente, que precisa vislumbrar a Deus. É preciso ver a Deus, mas ver a Deus olhando os pobres. É preciso retomar uma expressão de Puebla: "O Cristo está presente no rosto dos pobres". Esta é uma expressão visível do Deus que se manifesta.

Quando a gente fala de Evangelho, não está falando primeiramente de Jesus. Isto seria meio tautológico. Jesus falando dele. Ele não falou de si mesmo, ele falou da manifestação do amor de Deus, seu Pai, que convocara todos a viver de uma maneira nova. Citando palavras de Paulo VI: "Quando se fala de evangelização se fala de uma Igreja que procura ao mesmo tempo converter consciência pessoal e coletiva à atividade em que os homens se aplicam". Ora, consciência, prática, é o meio concreto em que estes homens vivem. Isto é evangelização.

Não é só com palavras que se faz o anúncio, como muitos bispos vêm dizer a nós, hoje inclusive até à própria sociedade. Tem muitos bispos que dizem que a Evangelização é querigma, é o anúncio claro e explicito do Cristo vivo. Não, não é. É mais que isso, é o anuncio do Cristo vivo e atividade prática de conversão de vida (*metánoia*) e é o meio concreto em que esta mensagem é aplicada. Como vamos proclamar um Deus de amor e cantar, como lembrava Helder Câmara, "O Senhor fez em mim maravilhas", se a pessoa está vivendo na miséria de uma favela, ou sob a exploração miserável de um salário indigno? É preciso também que as condições de vida mudem. Para lembrar um poema que a gente sempre dizia lá na faculdade, poema de Shakespeare: "Me tiram a vida, se me

tiram os meios de viver". Isso na verdade não é de Shakespeare, na verdade ele toma isso do livro do Eclesiástico: "Se me tirarem o pão vocês não estão me roubando, vocês estão me matando", diz o profeta. Então é preciso que o nosso anúncio de Evangelho seja anúncio claro de um Deus ciumento pela vida dos pequenos; de um Deus zeloso. Importante: este zelo de Deus, não é um zelo pela instituição religiosa, não é um zelo por uma oração bem ou mal feita, é um zelo para que as pessoas tenham vida, vida plena, uma vida digna e vida que seja mais vida.

Então, falar de Evangelho, em primeiro lugar, é falar do Deus Pai, é ele quem fala primeiro. E ele fala do Evangelho apresentando claro, apresentando o seu Filho como "o anunciador".

2. FALAR DO EVANGELHO É ASSUMIR A PRÁTICA DE JESUS NO SEU CONTEXTO

Em segundo lugar, falar do Evangelho significa assumir a prática de Jesus no seu contexto. Jesus nunca utilizou a palavra Evangelho. Evangelho não é vocabulário de Jesus. Evangelho é uma palavra grega, Jesus mal falava aramaico. Então, Jesus está num outro contexto, o que ele está falando é da chegada do Reino dos Céus da penetração profunda de uma mudança que parte da vida dos pequeninos, no novo jeito de viver.

Quem vai falar de Evangelho umas 70 a 80 vezes é Paulo. Paulo vai falar de Evangelho. Paulo é um homem urbano, ele fala e utiliza esta palavra, que é uma palavra técnica do vocabulário do anúncio imperial, daqueles que vão trazer a notícia. Evangelho é notícia do arauto do Império, e ele vai acoplar esta palavra daqueles que a proclamam no mundo grego, para dizer: agora vem uma nova notícia política e essa

nova notícia é a comunidade dos pequeninos. E é impressionante como Paulo faz o processo evangelizador da mensagem de Jesus chegar a toda a Ásia Menor e a todas regiões mais distantes, quer pela sua mensagem missionária de quatro viagens, quer através de seus enviados. Ele gasta 18 meses da sua prática pastoral em um porto em Corinto, trabalhando com os escravos, hoje os estivadores de portos. Porque conectado esse sujeito evangelizador, essa mensagem atingia todos os grupos daquilo que na carta aos Corintos ele chama de "aqueles que ninguém quis escolher entre vocês", pois não há sábios, não há ricos, não há poderosos, há gente muito simples, mas gente muito eficiente em transmitir a experiência de Jesus.

E qual a experiência de Jesus? O Concílio Vaticano II vai dizer que a experiência de Jesus fundamental é a liturgia, ela é o cume, o clímax da Igreja. Eu diria, para não discordar do Concílio Vaticano II, para não me tornar herético, que a liturgia é só o símbolo de algo mais profundo que é a experiência de criar comunidade de partilha.

Aí está o segredo de Jesus, o segredo não é litúrgico, é prático. O litúrgico expressa o prático. Jesus cria uma comunidade capaz de compartilhar e compartilhar a partir da simplicidade de vida mas também da dedicação profunda de crer que o Evangelho de fato é a grande alegria e a grande riqueza.

"Vocês", diz Paulo, "carregam um tesouro em vaso de argila", mas quem encontra esse tesouro dá tudo o que tem para ficar como ele. E esse tesouro é essa amizade, de saber que na vida comunitária você tem nome e sobrenome, identidade, você tem afinal o reconhecimento de que você é gente. Aí está o valor maior de Jesus, Ele chama as pessoas pelo nome, ele as incorpora no mundo como pessoas, ele toca nas pessoas.

Aquela passagem para mim é exemplar: Lucas, capítulo 8. Ele vai indo curar uma menina, filha de um alto funcionário imperial de quem ele não podia nem chegar perto, no

caminho uma mulher toca no manto pedindo a ele pelo toque, não pela palavra. Veja como o Evangelho passa por outros caminhos que não só os verbais. Pedindo a ele no toque, no toque erótico na ponta do manto pedindo que Jesus a curasse de uma hemorragia de uns 12 anos, os mesmos 12 anos da menina. E Jesus pergunta para os discípulos: "Alguém me tocou?" Pedro disse: "O Senhor vai se preocupar com toques, com um toque, temos coisas mais importantes para fazer". Aí a mulher fala e fala em público e vai falar de hemorragia. Falar de hemorragia, hoje, para uma mulher, já é demais numa sociedade à beira do 3º milênio, porque quem é que vai ficar falando de corrimento, menstruação que não pára? E fala na rua e fala em Israel no século I, dizendo que estava curada por um toque de um camponês analfabeto que mal falava aramaico cercado de 12 apóstolos, gentinha iletrada, onde já se viu!

Essa mulher manifesta que ela entendeu de Evangelho, porque ela entendeu de comunhão com o Cristo vivo, porque ela entendeu de partilha e ela fez o diálogo com Jesus Cristo e Jesus Cristo diz: Vá em paz, a tua fé te curou. Eu ainda me impressiono quando leio este texto. Notem que não foi a fé de Jesus que curou a mulher, foi a fé da mulher que a curou, foi uma fé de sensibilidade, de comunhão, uma comunhão, quem sabe, que foi uma das mais profundas que todo o Evangelho pode mostrar.

Mais profundo que isso, somente o Evangelho de Lucas falando do papai que abraça o filho quando volta para casa. Mas isso é parábola, enquanto a outra foi uma experiência histórica. Quem sabe está aí um segundo segredo da evangelização: o Evangelho é anuncio de uma pessoa que recupera a sua dignidade, e não espiritual em primeiro lugar, mas dignidade de saúde.

Mas vocês sabem que no hebraico, saúde, *shalom*, é tudo junto, é como saúde no sentido mesmo do latim, salvação, saúde tem que vir junto. Então, na medida que o anúncio do Evangelho fala de saúde, não é só de pessoas, mas de saúde

de povos, saúde política de uma nação, dignidade humana, e isso é o que a gente diz na palavra "cidadania", a saúde política de um povo. O Papa Pio XI, em 18/12/1927, já dizia que a melhor forma de amar é fazer política, é a mais alta caridade, é a sua mais alta expressão. Muita gente diz que foi Paulo VI, mas foi Pio XI em 1927, falando para os grupos de Ação Católica da época, inclusive bem conservadores, e lançando esta aposta de que o Evangelho é esta penetração profunda na vida prática das pessoas a partir da prática de Jesus.

Portanto, nós não repetimos a prática de Jesus, mas nós voltamos àquela experiência prática para retomar a prática de Jesus nas nossas comunidades. As nossas comunidades devem ser também de novo terapêuticas como Jesus, devem ser der novo sensíveis como Jesus, devem ser de novo preocupadas com a totalidade da saúde de todas as pessoas que delas participam e especialmente da saúde de todo um país como o nosso que anda profundamente enfermo; enfermo da dignidade política, enfermo da dignidade física de nossa gente.

Eu acabo de vir da Bahia, 250.000 desempregados só na zona cacaueira, então você passa por Salvador e todas as crianças estão pedindo dinheiro na rua. E você vê uma nação colocada na miséria ufanísticamente, dizendo que está tudo bem. E a América Latina perdendo de 30 a 40%, neste ano, de suas bolsas, enquanto a Bélgica sozinha teve lucro de 30% só neste ano na sua bolsa. Então nem tudo vai mal, alguns vão bem às custas da maioria que vai muito mal.

Então, é essa prática de Jesus que colocou em xeque todo um sistema, e por isso ele foi morto, que continua sendo feita por cristãos na América Latina. Continua sendo feita esta mesma prática de sensibilidade, de comunhão, de partilha, levando pessoas para a morte e morte de cruz. Dizia tão belamente Jon Sobrino: "Os crucificados de hoje atualizam a cruz de Cristo de ontem". Fazendo, a partir dele, uma contraposição, eu digo que "os cristãos de hoje precisam arrancar da cruz os crucificados de hoje para que de novo Jesus

ressuscite hoje".

Somos nós os responsáveis para que aqueles que estão na cruz sejam tirados desta cruz. E uma maneira de tirar as pessoas da cruz é fazer ação política, fazer a ação cidadã acontecer particularmente nas eleições, mas não só, em todos os movimentos sociais que podemos viver.

3. MUDAR DE DEUS A CADA DIA PARA SER FIEL AO EVANGELHO

Para terminar esta pequena fala. Um terceiro e grande desafio, eu me lembro da expressão bonita e bastante polêmica de Dom Pedro Casaldáliga, que ele diz sempre quando me encontra, me perguntando: "E aí Fernando, você já mudou de Deus hoje?" Ele, Dom Pedro, diz que a gente tem que mudar de Deus cada dia, porque se Deus fica muito estático, parado, ele começa a virar um Deus domesticado, e quanto mais estático e parado, mais idolátrico se torna um Deus sempre à frente, um Deus sempre dinâmico, um Deus sempre questionador e questionador de nossas práticas e questionador inclusive de nossas ações em todos os níveis. No nível de nossa vida pessoal, de nossa vida eclesial e de nossa vida política.

Não é sem razão que um dos grandes profetas do exílio, Ezequiel, que fez a maior revolução no pensamento teológico de sua época, fazendo a Arca da Aliança ser carregada por querubins para a Babilônia. Tirou Deus de Jerusalém, vejam que loucura, ele sonhou que os *querub* que eram os seres angelicais, antropomórficos, seres alados da Assíria, pegavam a Arca e levavam nas costas até onde o povo estava (Ez 10,18-22). Não era o povo que ia para Jerusalém, era Deus que vinha visitar o povo onde o povo estava sofrendo. Deus anda atrás do povo, Deus muda de opinião, Deus quer pensar de uma forma

nova.

Não é à toa que este mesmo homem que realizou esta revolução teológica, diz no capítulo 34 de seu livro, criticando a instituição religiosa de seu tempo: "*Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não devem os pastores apascentar o seu rebanho? Vós vos alimentais com leite, vos vestis de lã e sacrificais as ovelhas mais gordas, mas não apascentais o rebanho! Não restaurastes o vigor das ovelhas abatidas, não curastes a que está doente...*"

Então, aqui está uma palavra que talvez seja das mais atuais nesta eleição aqui em São Paulo, onde nós corremos o risco de ter que votar em dois lobos, até o momento. Um que fala inclusive de Deus, porque há lobos inclusive que cantam, cantam "segura na mão de Deus" - eles são cantores exímios - e há lobos que não são santos mas se fazem de santos... Se nós chegarmos a esse limite nós teremos que pensar de novo qual é o papel da Igreja no anúncio claro e esse anúncio como diz o Papa Paulo VI se faz sempre pelo testemunho de vida e se faz sobretudo pela busca de algo que seja de fato uma boa notícia aos pobres e os pobres precisam dela porque o que se vê na televisão é um consenso tão brutal a favor da dominação que dá dó de ver televisão.

Bóris Casoy chega a ser asqueroso, de tão consensual e de tão submisso: o que é a imprensa brasileira hoje, em função do poder do dinheiro e da hegemonia neoliberal! No entanto, como lembrava os antigos, ainda há um resto de Israel que mantém sua fidelidade, mantém sua fidelidade porque ainda acredita nesses pequenos gestos dos pequenos, mas pequenos gestos que já são sinais de grandes coisas, para lembrar o Evangelho de ontem (domingo, 20/09/1998): quem é fiel no pequeno será fiel no grande.

Nós estivemos em Ilhéus e cada membro da coordenação nacional de CEB's - estavam todos os Estados lá - contou, em cada estado brasileiro, quais estão sendo as lutas

de resistência das comunidades de base de todo o Brasil: romarias de terra, romarias da água que agora é em Minas Gerais, a romaria da água e da terra para salvar a água também do planeta. E essa romaria foi no vale do Jequitinhonha com 20.000 pessoas Não saiu de nenhum lugar importante do planeta e no entanto foi um gesto litúrgico e evangelizador lindíssimo, o povo ficou emocionado com esta presença, essa fidelidade. E a última romaria que agora acabou de ser celebrada essa semana em Santa Catarina com milhares de trabalhadores debaixo de uma chuva feroz, porque foi uma semana inclusive de grande granizo, e tudo isso. E o povo plantou mais uma vez a árvore de cedro para lembrar o contestado e a esperança de que quando você planta a cruz de cedro no chão, aquela árvore brota, nasce, e aquela terra se torna de novo terra santa, terra de Deus.

Eu espero que essa nossa fidelidade ao Evangelho que é o anúncio da vida de Deus possa continuar e se manifestar não só nessa eleição muito difícil e é neste contexto de grande sofrimento do povo brasileiro, mas também da nossa fidelidade enquanto leigos, religiosas e inclusive sacerdotes e futuros sacerdotes ao lado dos pobres.

4. FIDELIDADE À CONSCIÊNCIA POLÍTICA E À CONSCIÊNCIA RELIGIOSA

Quando eu ia me ordenar padre, já faz 14 anos, eu fui com Dom Luciano, que foi o bispo que me ordenou, visitar o Florindo que era um amigo nosso que estava morrendo de câncer, um câncer desses violentos que apodrecia a perna. E ele era o maior líder da comunidade São Rafael, da paróquia onde eu era diácono. E ele sofria muito, pois eram dores profundas, nem mais com morfina era possível conter e bloquear

a dor e nós fomos lá nos últimos dias, praticamente muito perto de minha ordenação falar com ele para levantar a moral. Eu disse: "Dom Luciano, nós precisamos ir lá porque eu não creio que ele irá conseguir chegar até a minha ordenação". Ele já tinha ido na minha ordenação de diácono e eu não acreditava que ele fosse chegar até minha ordenação, como de fato não chegou. E aí naquela semana fomos, e aí nós dois nos pusemos na tentativa de querer falar, e ele disse: "Não, não, vocês dois são servidores dos operários e agora quem vai falar sou eu".

Ele ficou dando meia hora de orientação como Dom Luciano devia ser bispo, e obviamente que ele, Dom Luciano, cumpre a rigor. E até hoje eu não acertei muito o passo com o que ele me pediu.

Ele pediu só duas coisas para mim: a primeira, que eu continuasse sendo brincalhão, animado, jocoso, porque ele achava os padres sempre meio horrorosos, falando de Jesus Cristo na cruz, parece até que Jesus Cristo só ficou na cruz morto! Porque os padres, nos sermões, só enterram Jesus, nada pode ser tão traumático, o que alguns, com a linguagem do "oremos" torna ainda pior, e aí, haja ... para agüentar. E, continuando, disse-me: "E você, animado, hein? Porque Cristo está vivo, então é hora de dar risada". Eu achava isso muito interessante, porque isso me lembrava o profeta Sofonias, a palavra final de Sofonias, no capítulo 3: Deus é quem vai dar a última risada, a última risada é de Deus, não é de quem matou Jesus, não é de quem mata os profetas.

E a segunda coisa que eu gostaria de compartilhar com os que vão ser padre. Ele falou assim: "Olha, rico já tem advogado e os que não têm eles compram, rico já tem terra e os que não têm eles compram, rico já tem médico e os que não têm eles compram, rico...." E aí ele fez uma listinha do que os ricos tinham, e aí ele falou: "Os pobres precisam de um advogado e defensor: o padre. Os padres não têm que ficar do lado dos ricos, os padres não têm que ficar do lados dos poderosos, os padres não têm que ficar no poder. O único lugar do sacerdote

é sendo companheiro dos operários, sendo companheiro dos favelados, sendo companheiro dos pequenos, porque estes não têm ninguém que os defenda".

Então eu tomei isso a sério porque eu sou filho de operário, meu pai é eletricista, e antes de eu ser padre eu sei que eu sou filho da classe operária e essa é minha honra porque essa foi a luta de meu pai para que eu também pudesse ter estudo. Então, eu dou muito valor à minha consciência de classe e à minha consciência política antes da minha consciência religiosa.

Mas, eu sei que minha consciência religiosa tem que estar ligada a este nexo e a esta opção que é mais que uma opção, é quase que uma fidelidade. Vocês aí têm grandes compromissos, principalmente quem é negro ou quem vem das classes populares, de não traí-las! Infelizmente, muitos dos meus companheiros que vieram das classes populares hoje estão fazendo o anti-Evangelho e se aburguesaram.

Eu espero que nós possamos nesta semana continuar anunciando um Evangelho que seja de Deus e um Evangelho que seja vida dos homens. Muito Obrigado.

Padre Fernando Altemeyer Júnior é Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Louvain-la-Neuve, Bélgica. Professor na PUC-SP e na Escola Dominicana de Teologia, São Paulo. Vigário coadjutor de Comunicação da Arquidiocese de São Paulo. Transcrição do texto a cargo de Reginaldo Schivo, do 2º ano de Teologia do ITCR da PUC-Campinas.

A PARTIR DO APÓSTOLO PAULO, COMO ENTENDER A EVANGELIZAÇÃO?

Herminio Andrés Torices

1. ENTENDER O EVANGELIZAR DE PAULO COMO UM ACONTECIMENTO E NÃO COMO UM DISCURSO

Esta é uma oportunidade para partilhar com vocês um assunto que venho desenvolvendo e uma preocupação que tenho: é que algumas coisas ainda não funcionam e não estão bem esclarecidas no que diz respeito ao evangelizar de Paulo, ou estão e não interessam que sejam esclarecidas.

Então o que quero passar para vocês, apesar da limitação do tempo, são alguns aspectos que devem ser levados em conta, para que apareça o evangelizar não como um falar e sim como um acontecer.

Na hora de entender o que é: "Eu fui enviado para evangelizar e não para batizar" e "Eu não me envergonho do evangelho" ou "Eu transmito a vocês o evangelho que recebi". Na hora de formular essas idéias no pensamento de Paulo, nós temos algumas dificuldades de aproximação conceitual porque projetamos sobre elas 20 séculos de história, e, sobretudo, projetamos sobre elas uma Igreja sobre a qual a gente vive, uma Igreja que já tem uma história de evangelização. E ao ler estes textos a gente os entende imediatamente a partir da realidade que vivemos e nos envolvemos principalmente pela catequese

que recebemos, principalmente pela forma como fomos catequizados.

Para entender o evangelizar de Paulo no sentido de acontecimento que vai ser uma provocação para um grande projeto de evangelização, muitas vezes eu falo de um projeto alternativo - esta é exatamente a palavra para evangelizar o Império Romano. O Império Romano também tem um evangelho, também evangeliza.

Na época de Paulo, a família herodiana se constitui também como única, ela não tem coragem de assumir o sumo sacerdócio, mas ela mantém sempre, principalmente com Agripa, uma certa vontade messiânica. Narram-se algumas chegadas de Agripa onde muitas vezes se apresenta este aspecto messiânico e de alguma maneira quer cativar o judaísmo, cativar os judeus.

Numa obra publicada recentemente se pensa muito mais na família herodiana como uma família judia de influência greco-fenícia da região da Judéia perto do mar, não da região judaica mais do interior, e isto é surpreendente, porque isso modifica muito a maneira de compreender a figura de Paulo neste momento.

Ao querer esclarecer o acontecer como projeto evangelizador em contraposição ao dizer, ao ensinar, ao falar, ao fazer uma teologia, é preciso prestar atenção a alguns momentos que podem ser perigosos na hora de entender Paulo.

Nós já temos dificuldades de entender o evangelizar porque projetamos sobre o evangelizar de Paulo um conteúdo doutrinário: alguém que fala, alguém que dá uma palestra, ou seja, como um bispo que chega em sua diocese e entra na igreja, e as pessoas acreditam, quer dizer, reagem com uma atitude de fé. Para eles a pregação os converte, ou seja, é como se fosse uma questão de pura transmissão de conceitos, com o que se perde o grande acontecimento que provocou a reviravolta

na vida de Paulo e marcou definitivamente a sua aprendizagem, porque ele foi aprendendo a sua responsabilidade sobre o evangelizar.

2. ALGUMAS DIFICULDADES QUE TEMOS PARA COMPREENDER O EVANGELIZAR DE PAULO

Existem algumas dificuldades que precedem este evangelizar: **uma delas** é a separação entre o religioso e o profano.

Nós falamos de evangelizar e imediatamente pensamos numa questão religiosa, teológica e não percebemos que por detrás do evangelizar está um fato transformador de uma sociedade, ou seja, o evangelizar é fazer um caminho de transformação de uma sociedade que já tem os seus evangelhos.

Essa sociedade já tem vários níveis: tem o nível do judaísmo, o nível da Palestina ocupada, o nível da cultura helênica que passa agora a ser assumida pelo Império com muito prazer, o nível das próprias comunidades judeu-cristãs nas quais Paulo cresce como "convertido", onde ele aprende a entender o que aconteceu consigo mesmo.

A diferença entre o religioso e o profano prejudica muito a compreensão do que seja Paulo evangelizador.

Evangelizar é um ato extremamente social, social no sentido de ter algo a ver com a sociedade, quer fazer algo na sociedade, alguma coisa que espera que a sociedade modifique. É lógico que implica mudanças políticas, econômicas, sociais, e com certeza é necessário uma base religiosa para essa mudança.

Interpretar o evangelizar no contexto religioso nos

limita muito na compreensão de Paulo, como limita na compreensão na cruz de Cristo. Ou seja, entender a cruz de Cristo como um dado religioso quebra toda a contestação que a cruz representa no Império e o absurdo da proclamação da cruz.

Historicamente a cruz é o castigo dado para os não conformados com o Império, para os que não aceitam os valores do Império, nesse sentido quando se busca nela um símbolo religioso, tira aquilo que mais se esperou dela, que é mudança fundamental do projeto humano, ou seja, aquele que coloca a cruz coloca outro valor de sociedade, outro projeto que não é como a Pax Romana. Sendo a Pax Romana o grande projeto da época, pode-se imaginar que quem prega a cruz não vai se sentir muito à vontade.

Esta tendência muito forte entre nós, que somos Igreja, em pensar o evangelizar como uma tarefa da Igreja que leva a salvar almas, é o caminho que não se pode fazer para entender Paulo. Ou seja, o caminho primeiro e mais importante é entender o evangelizar como uma proposta diante de uma sociedade que se organiza, que tem sua propaganda, que tem o seu marketing, e muito bem feito, e que produz crucificados, produz sociedades alienadas. Então esse caminho não é legal, mais adiante veremos porque não é legal. Agora vamos entender Paulo.

Paulo é fascinante, mas se você não pegar a chave correta, você sempre falará coisa fora, não que seja errada, mas que não bate. Você começa a perceber que alguma coisa não funciona, porque tem muito da linha apocalíptica e porque é um mundo que a gente não está muito acostumado a lidar com ele. "Eu fui levado ao terceiro céu". Quem está acostumado com isso? "Eu vi coisas, eu ouvi...". Nós somos muito racionais para acreditar que esses vôos para o céu sejam levados a sério pelos judeus. Não obstante emanam da mitologia que Paulo usa com muita freqüência. "Foi me revelado" Como é? Deus pegou o telefone e ligou para você? E é isso que nós pensamos muitas

vezes, ou seja, Paulo sabe, porque Deus lhe revelou e o outro não sabe, porque Deus não lhe revelou. Isto quando não saímos fora do contexto apocalíptico, fora, totalmente fora.

Uma segunda dificuldade que sinto quando a gente quer entender e esclarecer o evangelizar, de alguma maneira ligada à primeira, é interpretar o evangelizar como um processo de esclarecimento intelectual que deve levar o ouvinte a uma convicção dogmática de fé e a uma adesão a uma religião, nesse caso o cristianismo. Ou seja, tudo está errado nesta frase, não existe cristianismo. Paulo vive um mundo que ainda não é "cristão", - vamos colocar cristão entre aspas, inclusive porque é um termo usado por seus adversários. Paulo vive num mundo judaico, ele nunca chama as comunidades de cristãs, chama-as de escolhidas, amadas, mas nunca cristãs.

Nós, para entender, vamos falar de judeus-cristãos, judeus seguidores de Jesus de Nazaré. É nesse mundo no qual Paulo está. Então, não é que Paulo tenha ido de um lugar do judaísmo para um lugar do cristianismo. Esse processo está muito distante ainda de acontecer, é um processo que tem muito mais a ver com o exército romano do que com a teologia. É muito mais aberto com as armas do que com a fé.

A terceira dificuldade que eu encontro é que é preciso contextualizar muito bem, é preciso compreender bem, através das fontes, aquela realidade na qual Paulo viveu, uma realidade que é o Império Romano com um projeto bem claro, bem determinado para uma região bem concreta, seja a região da Palestina - se Paulo teve uma atuação em Jerusalém, o que é pelo menos uma possibilidade - seja na região da Síria, Cilícia, Antioquia, Damasco e tem que se levar a sério a afirmação de Lucas de que ele teria vivido na região de Damasco.

Não se pode entender o evangelizar de Paulo como se ele fosse um membro da Igreja que age em contraposição aos que eram membros do judaísmo, ou seja, uma contraposição de duas religiões, uma que é a de Paulo e outra a da realidade

atual. Quer dizer, Paulo teria se convertido do judaísmo ao cristianismo e agora evangeliza como cristão. As duas coisas estão historicamente erradas. Paulo não se converte do judaísmo ao cristianismo e também não existe um judaísmo que se deixa para entrar no cristianismo. Estamos dentro de um pluralismo judaico onde e dentro do qual cabe muito bem a interpretação judaica que Paulo faz a partir da experiência que ele teve, que vamos ver mais adiante, de Jesus de Nazaré.

Já estávamos diante do mundo judaico, de seus projetos, de um pluralismo muito grande produzido pela ocupação, pela presença do Império Romano. A presença do Império tira as raízes das pessoas, ela deixa as pessoas fora de seu entendimento, porque produz pactos, porque produz acordos porque produz imagens diferentes e faz com que as pessoas expressem as próprias traições, aquelas traições as quais somos todos convocados muitas vezes, e que não caímos porque não temos oportunidade. Quando a crise da ocupação é tão forte, a sociedade se desmembra e produz interpretações diferentes para buscar a própria saída.

É este judaísmo no qual Paulo vive, judaísmo com muitas propostas, e por isso o caminho correto é entender que Paulo é um homem que vive dentro do judaísmo sem trair a sua religião, sua origem, sua interpretação, seu ser fiel a Deus e o seu ser de pertença a um povo. É um homem que interpreta dentro do grande Império a proposta que avança um pouco no descontentamento que o judaísmo teve com Roma.

A grande verdade é que o Império não soube lidar com esse grupo chamado judaísmo. Roma também não tinha muito interesse, não demonstrou muito interesse em respeitar essa particularidade desse grupo "teimoso" que não se acomoda à grande obra evangelizadora da Pax Romana. Que pode ceder, porque se não ceder apanha, mas que não perde a identidade, inclusive quando os judeus vivem fora da Palestina, na diáspora.

Dentro dessa idéia, também é complicado entender o

evangelizar de Paulo como se fosse uma contraposição de um todo organizado que poderíamos chamar de judaísmo, para outro todo organizado que seria o cristianismo. No fundo, a grande dificuldade para entendermos a experiência e a proposta de Paulo, é não entender o profano da mensagem de Paulo como modificação do mundo, é querer projetar religião onde tudo é mais complexo, onde a religião é um pouco a base da própria autoridade do Império.

O imperador é o grão-sacerdote da religião do Império, uma religião que pouco interessa. Interessa como aprovação da força do Império, mas não como algo que vai tocar as consciências das pessoas, as consciências são tocadas pelas religiões familiares, pelos deuses da casa. É aí onde a vida religiosa acontece, e acontece como uma religião de superstição bastante significativa.

Às vezes, a vontade que nós temos de entender as nossas origens como algo intacto esconde um pouco essa floresta que é muito bonita e muito rica. Então, é preciso ir em busca da aventura desta floresta maravilhosa, busca que é muito arriscada, com muitos desafios, que produz, inclusive em Paulo, aquela figura que encontrou muitas dificuldades, inclusive para ele mesmo ser reconhecido no próprio grupo. É essa floresta que quero agora tentar desvendar.

3. A CONVERSÃO DE PAULO COMO PROCESSO OCORRIDO NA COMUNIDADE

Algumas coisas atrapalham o entendimento da frase: "Eu fui vocacionado para evangelizar". Eu dizia que fundamentalmente o que atrapalha é entender o evangelizar como um processo religioso como se não tivesse nada a ver com outros aspectos da vida, que me levam já a dizer que o

evangelizar, por ser um conceito que não é publicamente judaico, nem cristão e também do Império, tem muito a ver com a sociedade, com o projeto da sociedade.

E de fato é aí onde vai estar a grande novidade do evangelizar de Paulo em relação aos judeus, ao Império, aos judeus-cristãos, aqueles que vieram do judaísmo e se fizeram seguidores de Jesus de Nazaré, inclusive as próprias comunidades que ele percorria, que ele acaba perdendo ou que são pelo menos ameaçadas. Paulo tem que reconquistar todas as comunidades que foram criadas, não é à toa que isso acontece, está no núcleo desses acontecimentos. As lições que Paulo aprende a fazer, é uma coisa que surpreende no estudo que fui fazendo sobre Paulo, vendo como as coisas vão acontecendo habitualmente. Elas são processo, inclusive a mudança de Paulo. Eu sempre relutei muito em usar a palavra conversão justamente por isso, porque conversão dá impressão de que há uma mudança, que produz ou é produzida por alguém, que faz com ele que era assim, agora é de outro jeito.

Hoje nós sabemos que aquele que tem uma experiência forte na vida e que faz com que seus valores sejam modificados, esses valores passam a ser entendidos, e sobretudo pensados, a partir daquela realidade que agora ele vive sem contestar. Ou seja, a comunidade ensina o convertido a entender o seu passado, e por isso vocês vão perceber que o convertido olha o passado com sentido negativo. Paulo mesmo diz que seu passado foi algo perdido em relação ao que atualmente ele ganhou.

4. PAULO, UM JUDEU TREINADO NA TORÁ

Paulo, penso eu - aqui começo a usar hipóteses - foi um judeu de uma família relativamente poderosa, o suficiente

para fazer com que o filho fizesse uma carreira de conhecimento, de estudo. Paulo não precisou, na hora de passar a evangelizar a Torá para evangelizar a Jesus Cristo, fazer um curso de teologia. Ele já conhecia a teologia, já tinha a linguagem que iria usar, tinha já o conhecimento da exegese tal como era feita nos livros dos Rabis, ou nas escolas chamadas casas de estudos que é um pouco mais que ir às sinagogas.

A gente está acostumado a falar das coisas como se existissem, mas provavelmente as sinagogas ainda não existiam na região da Palestina. A arqueologia não descobriu ainda dados seguros da existência de sinagogas na época de Jesus e também na época de Paulo. É verdade que existem sinais que eles se reúnem. Este reunir pode ser a sinagoga, sem pensar ainda em um lugar específico onde a pessoa faz aquele processo que nós conhecemos de educação.

Então muitos detalhes ainda são inseguros na hora de você querer reconstruir com uma certa tranqüilidade o que deve ter acontecido com Paulo. Penso eu que é seguro dizer, pelo que vamos ver depois, que Paulo foi um homem preparado no zelo para com as coisas paternas, não só alguém que é fiel na vida, mas alguém que estuda. Ele é fiel e sabe que estudar a Torá é a grande vocação para descobrir o caminho de Deus. Sabe que o judaísmo se caracteriza fortemente por essa preocupação com a Torá. A Torá que é vista do ponto de vista dos homens, pelo esforço dos homens nas diferentes etapas para entender as grandes raízes, aquelas raízes que eles consideram que constitui esse povo.

Do ponto de vista religioso, na Torá parece que Deus se revela e fala o que ele quer. Isto é complicado porque nem se sabe como isto aconteceu, nem porque foi feita em hebraico, aramaico e grego, ou seja, a palavra "revelação" é sempre um conceito complicado. Complicado porque na hora de querer dar razão para nosso curso, principalmente no que estava querendo dizer, e aí que está a minha dificuldade de trabalhar a temática Paulina.

No fundo esta é a preocupação que me leva a aprofundar cada vez mais o que de fato pode estar acontecendo. Então, penso que Paulo foi um homem como um outro judeu qualquer, provavelmente pela própria capacidade, um homem destinado ou vocacionado para ser um dia alguém responsável por uma comunidade judaica, ou seja, para interpretar a Torá, ou seja, para explicitar práticas haláquicas do cotidiano.

O judaísmo se caracteriza pelo fazer e não pelo dizer, o judaísmo é prático é pouco teórico, é halacá, e ele cria uma força para "halaquiar", um pouco de alegria que o judaísmo produz para que a halacá seja vivìda com um pouco de alegria. É interessante que nós sempre pensamos que o judaísmo é muito legalista. Na realidade estamos muito enganados, quando falamos do judaísmo, em pensá-lo como legalista.

Eu penso que Paulo é treinado como um bom fariseu, como escriba, na verdade existe uma diferença entre escriba e fariseu. Escriba é uma profissão é alguém especializado em ensinar a Escritura, fariseu não é profissão, é alguém que vive um determinado modelo de vida, muito fiel à interpretação rigorosa da Escritura, mas ele vive entre os chamados "amoraim", pequenas comunidades onde há leis limitantes, chamadas leis de pureza. Os limites são muito cuidadosos para poder manter-se fiel a uma interpretação bastante rigorosa feita majoritariamente pelos escribas dos fariseus.

Devo dizer que, quando falamos de farisaísmo, falamos de uma entidade extremamente complicada e complexa nesse desenvolvimento. Um diálogo sério hoje com o judaísmo, e a Igreja está pretendendo este diálogo, é uma exigência inclusive de outras entidades, nos obriga a calcularmos, a pesarmos bem as palavras que vamos usar. Reconheço que isso deve passar através de vocês para o povo, já que nos sentimos responsáveis pela evangelização, e embora já saibam muito bem o que dizer, é bom antes pesar bem o que vão dizer.

A Igreja sabe muito bem o que dizer porque temos

especialistas que sabem, mas ela não diz por quê? Porque isto supõe uma conversão mesmo, mudança de valores muito sérios, sobretudo no que se refere às suas origens, origens marcadas por uma polêmica que se estendeu durante 20 séculos na maior inimizade que dois grupos irmãos puderam ter.

O judaísmo rabínico e o cristianismo são verdadeiros irmãos, do mesmo pai e da mesma mãe, das Escrituras Sagradas, e, não obstante, foram dois irmãos que caminharam tão paralelamente em certas coisas, dizendo as mesmas coisas, tentando dizer e responder às mesmas coisas que nunca se encontraram, a não ser para se odiar, a não ser para se matar, porque se a história é cruel, está relacionada a judeus e cristãos.

Então a crítica que se faz ao judaísmo e ao mundo cristão é vontade de entrar dentro da História para refazer o caminho de tanta injustiça e de tanto sofrimento, e nesse caminho os cristãos são os primeiros que têm que dar o passo.

Nós temos que dar o primeiro passo porque somos maioria, o judaísmo acabou sendo prejudicado depois das guerras judaicas, sobretudo depois da 2ª guerra judaica. Acabou sendo marginalizado, tentando sobreviver como seita, como um grupo fechado. E um grupo de judeus-cristãos, agora majoritariamente feito por gentios, que com Jesus entra com todo ímpeto, ele se ecumeniza até se caracterizar como a religião oficial do Império. Agora quem manda somos nós e quem obedece, no fundo, são eles.

Se no começo alguma agressividade se encontra da parte dos judeus para com o movimento de Jesus, e de fato se encontra, e existem razões, agora a agressividade parte do chamado cristianismo, isto é, o cristianismo tem muito a pedir perdão em relação ao judaísmo.

Paulo, então, é um judeu treinado na exegese para orientar o povo para que seja um povo santo, um povo que lê a Torá.

5. PAULO, UM FARISEU?

Se Paulo, de fato, foi mesmo um fariseu - ele mesmo diz que foi filho de fariseus, mas alguns autores dizem que ser filho de fariseus não significa ser fariseu. Significaria ser simpatizante, nós temos o caso de Flávio Josefo, ele era sacerdote, e ele num determinado momento aceitou entrar num grupo de fariseus, no sentido de ir aprendendo mais sobre a Torá, depois de passar por várias experiências até com Bano no deserto, onde ele diz que, com muita força, se dedicava a se deixar envolver pela maneira dele de ensinar e fazer.

Então, se Paulo foi fariseu, temos muitas dificuldades para entender a vida de Paulo na diáspora. Se Paulo foi fariseu nós teremos necessariamente, enquanto minha compreensão alcança, que nos colocar cada vez mais próximos a Jerusalém. Porque não se entende isso fora da Palestina, tal é a normatividade de limites, tal é o rigor que o farisaísmo tem nos seus limites fora da Palestina a não ser que muitas coisas ainda nos falta saber sobre o judaísmo, o que também é verdade.

Quanto mais insistirmos que Paulo é fariseu mais teremos que colocá-lo em ambientes onde seja possível ser fariseu. Quanto mais insistirmos em simpatia pelo farisaísmo mais possibilidades teremos de localizar Paulo fora da Palestina, na diáspora, e mais poderemos entender Paulo como homem da diáspora.

A dificuldade que existia no chamado helenismo não existe mais, porque tanto o judaísmo da Palestina como o judaísmo da diáspora, todo ele já está helenizado faz muito tempo, no mínimo há uns 200 anos. Quando se diz que o judaísmo da Palestina é oriental, é hebraico e o judaísmo da diáspora é helênico, isso não é verdade, tudo já começa a ser helenizado a partir de Alexandre Magno, em 332. Os últimos livros da Escritura são em grego do judaísmo da Alexandria, então não teríamos dificuldades de entender a formação

helenística que de fato Paulo tem, que ele domina, a língua dele é o grego, a da Setenta não é aramaico nem hebraico, é o grego.

Mas isso não traz dificuldade nenhuma para entender Paulo no mundo judaico. O fato é que a própria tradição diz que ele teria sido formado aos pés de Gamaliel, inclusive uma irmã sua viveria em Jerusalém durante o estudo de Paulo. Tem muita coisa a trabalhar aí no meio, se quisermos saber a verdade.

É a imagem bonita e sacra de Lucas que fez com que não conseguíssemos saber quase nada de Paulo. É uma imagem tão bonita, a qual diz que Paulo era isso e aquilo, a tal ponto que a imagem é uma imagem fictícia e por isso é complicado para nós nos aproximarmos de Paulo.

Mas a dificuldade para entender Paulo está inclusive nas suas próprias cartas, porque são cartas que ele escreve sobre si mesmo como lembrança do passado. É por isso que insisto muito que a mudança de Paulo é um processo fundamentalmente feito pela comunidade na qual vive, que é uma "comunidade nova". Acho que foi essa vida da comunidade na qual ele vive com que fez que ele tentasse entender muitas coisas que aconteceram com ele.

Ele diz que não está hospedado, era um homem bom, irrepreensível, estudioso da Torá e como conseqüência um homem que quer que a Torá seja modelo de vida para seus compatriotas, mas que tudo isso ele considera tempo perdido... e numa outra ocasião diz, usando a terminologia profética: "Quando eu estava na barriga de minha mãe, Deus já me escolheu para que eu anunciasse seu Filho, para que eu revelasse seu Filho aos gentios".

Não aparece nenhuma vez a palavra conversão, poderia até caber na mudança de Paulo, uma mudança de passagem de valores para valores. Quer dizer que eu tenho esses valores pelos quais eu vivo, num determinado momento eles se desmoronam e outros valores surgem. Isto pode acontecer por uma experiência radical ou por uma experiência lenta, de

alguma maneira através de suspeitas que chegam à pessoa, pelas quais já não se sente seguro daquilo que sempre viveu.

O que terá acontecido com Paulo é um negócio meio complicado porque os textos nunca nos falam o que aconteceu. Eles nos dizem o que ele era e o que ele é, mas nunca o porquê. E quando Lucas nos passa aquelas narrativas bonitas, ele explica muito bem, quando diz que Paulo caiu do cavalo mesmo, mas no sentido de mudança radical de valores, a tal ponto que o que ele era, agora diz que foi tempo perdido.

6. PARA ENTENDER PAULO É PRECISO ENTENDER O QUE ACONTECEU COM O GALILEU JESUS

Para poder entender o que acontece com Paulo e o que aconteceu com outros, inclusive com Estêvão, que para mim é uma figura importante para entender Paulo, teríamos que voltar muito para entender o que aconteceu com Jesus, o Galileu, provavelmente um rabi, homem mais ou menos preocupado com a vida cotidiana do povo e por isso mais curandeiro que estudioso.

Rabi, no sentido de alguém importante de uma aldeia, é como na minha cidade, onde tinha o Severino, que era como todos, um sujeito analfabeto, mas que tinha um pouco mais de dinheiro e era um pouco mais esperto, porque tinha cinco filhos que trabalhavam muito e por isso tinham mais dinheiro porque cultivavam a terra. Pois bem, aos domingos quando todo mundo tinha que resolver alguma coisa, o Severino reunia as pessoas e dizia como fazer. Mandava não como alguém que sabe mais que os outros, mas como alguém que tem um certo prestígio.

Esse prestígio pode surgir, no caso de Jesus, e isto me parece muito claro, pela dedicação, pela responsabilidade.

Nós percebemos muito isso nas paróquias, aquelas pessoas que não são nada. Eu me lembro de uma senhora de quase 75 anos, uma Portuguesa, que dominava um bairro da minha paróquia. Ela dizia tudo o que devia acôntecer, tinha credibilidade. A credibilidade de Jesus está em que passou a vida fazendo o bem.

Pois bem, é preciso avançar no itinerário deste Galileu, para que termine crucificado em Jerusalém, porque é aí onde tudo se encaixa, inclusive o projeto evangelizador paulino, do contrário a gente nunca entende o que de fato aconteceu. Resumindo, me parece que a Cruz de Jesus Cristo, o ato de Jesus, para não dizer que foi um ato de "bobeira", o que a gente nunca vai dizer porque seria uma perda - poderia até ter acontecido, tantos morreram de bobeira, no sentido de que você ia pela estrada e alguém atropela, e daí morre de "bobeira".

Você estava fazendo qualquer coisa em Jerusalém, num ambiente tão delicado como era a ocupação em Jerusalém, e as autoridades judaicas não gostavam porque tinham medo. Eles entregavam facilmente qualquer estranho para as autoridades romanas.

Não penso que tenha sido uma morte de "bobeira", no sentido histórico logicamente a gente sabe que não é. No sentido histórico, penso que a morte de Jesus foi uma conseqüência de um projeto muito bem traçado e que é um projeto extremamente desafiador ao Império, à ocupação e ao projeto de reforma do próprio judaísmo.

Jesus é um judeu e nunca deixou de ser judeu e o que ele pretende é que o judaísmo leve a sério a sua identidade na descoberta de Deus a partir de experiências também em Jesus. Experiências de alguma maneira estáticas, de alguma maneira carismáticas, pelas quais Deus se revela ou ele entende a Deus de uma maneira diferente. O que leva a uma ação extremamente diferente. Isto para não ter que dizer que, Jesus como é Deus já sabe de tudo e já não tem mais o que fazer a não ser morrer para

salvar os homens.

Para tirar esse absurdo de que a morte é um ato inútil e para isso construir a história real de Jesus, nós temos que entender a razão porque dentro do projeto dele cabia o judaísmo, era o ideal para o judaísmo, mas era extremamente perigoso para o judaísmo e para o Império. Era perigoso para as autoridades judaicas porque eram "pelegas", ou seja, eram autoridades extremamente sem qualidades, sem qualificação nenhuma.

São autoridades colocadas pelas famílias sacerdotais, autoridades que sabem muito bem fazer as coisas. As famílias sacerdotais sabem muito bem fazer todo o ritual no Templo. São peritos no trabalho de purificação e também sabem que, através deste trabalho, se enriquecem muito bem, sendo as grandes famílias aristocráticas as autoridades mundiais que vivem em Jerusalém e cuja origem está no campo.

Então de alguma maneira o projeto de Jesus, a maneira de entender Jesus no judaísmo faz com que eles se sintam ameaçados e a ameaça nasce de um dado muito simples: para mim nasce da experiência da escuta de Deus e como conseqüência daquela coisa de que o homem é o grande evangelizador, ou seja, Deus está olhando este mundo e vê que este mundo é mau, e que este mundo não é o que Deus quer, e se não é o que ele quer, quem diz isto para nós é o pobre, é o sofrido. Nesse sentido ele é evangelizador, não porque é melhor que os outros, mas porque revela para nós que este não é o mundo que Deus quer.

Parece-nos que esta é a grande questão, embora, aqui existam muitas teorias e tentativas de entender, e ninguém entende nada. Quando muitas propostas se fazem, sempre penso que muitos procuram entender e é difícil chegar lá.

7. EM JERUSALÉM, JESUS ENFRENTA NORMAS SACERDOTAIS E IRRITA JUDEUS DA DIÁSPORA

Ultimamente penso que o grande momento do fracasso de Jesus em Jerusalém foi produzido por um enfrentamento com uma norma que a família de Caifás tinha estabelecido, pela qual todos os instrumentos, todos os animais, todas as vítimas que eram usadas para os sacrifícios, ele coloca no Templo de Jerusalém, numa das partes externas do Templo. De forma que, economicamente, é muito fácil, é como você colocar pipoca na frente da porta do colégio.

Então, se coloca no Templo todos esses objetos artificiais, inclusive troca de moedas para que o povo que busca oferecer a Deus um sacrifício correto, tenha nas mãos bons animais, bonitos, gordos, impecáveis, sem nenhum empecilho para oferta e que possam oferecer tranqüilamente.

Pois bem, durante muitos anos esses lugares eram fora de Jerusalém, perto do jardim das Oliveiras, lá é que se poderia fazer essa compra que todo peregrino fazia, quando chegava a Jerusalém para oferecer em oblação um sacrifício ao próprio Deus.

Vejamos o que acontece, onde está de alguma maneira a crítica, onde está aquele negócio dos vendilhões que são expulsos, que as moedas são derrubadas. No fundo o que Jesus está dizendo é: "Vocês fizeram da casa de Deus uma casa impossível para o meu povo, para que o meu povo possa oferecer a Deus. Primeiro tem que ter muito dinheiro para comprar aquilo que vocês querem e, segundo, a oferta é de coisas, de animais", um questionamento na linha profética da misericórdia. A viúva que oferece o que tem, o que pode, é louvada. Jesus aí está dizendo que queria que o povo tivesse acesso a Deus, sendo a mediação de todos esses rituais maravilhosos que oferecem vítimas perfeitas, mas que não oferecem a vítima perfeita que é o ser humano.

Penso que esse ato de rebeldia de Jesus, que é um ato extremamente político, e extremamente econômico, porque o lugar do Templo é o recurso econômico para muitos, inclusive para a estabilidade que Roma aceitou e por isso Roma sente-se também prejudicada, pelo menos parece que pode ser prejudicada, este foi o momento sério que se concretiza quando Jesus quer substituir o Templo pelo amor que se expressa naquela comida que ele fará com seus discípulos, onde já está antecipando a grande vítima que se oferece a Deus com amor.

Quando Jesus substitui o Templo, quando diz que fizeram da casa de meu Pai uma casa de bandidos, substitui esse Templo de bandidos por uma recuperação dos próprios judeus, principalmente do povo mais do interior, mais pobre que o povo da Palestina ocupada. Nas grandes cidades estão os ricos que não são judeus, são gregos, as grandes cidades quase não têm população judia, são nas pequenas aldeias que se mantêm os judeus vivendo com suas famílias.

O grande drama para Jesus foi que a partir do momento em que ele quis que o povo tivesse acesso ao seu Deus, tornando-se assim um povo santo e um povo irmão, as ameaças que as famílias sacerdotais sentem provavelmente já contam com uma história de descontentamento com este Galileu. Há uma grande vigilância em relação a Jesus, provocando uma coisa que aparece na Bíblia, - é preferível que morra um do que morram muitos -, ou seja, Roma perceber esta região ocupada como uma região instável não é muito legal.

Pois bem, quando Jesus chega a Jerusalém, nós temos a imagem de que ele chega e morre, o que cria uma extrema contradição. Ninguém poderia conhecê-lo, e a gente não percebe que pode ter sido um tempo muito grande, onde as polêmicas vão acontecendo, onde as desavenças vão acontecendo, mas, sobretudo, tenho a impressão de que em algum momento Jesus teve acesso a grupos de judeus de língua grega, que viviam na diáspora, mas que sempre sonhavam em voltar a Jerusalém para morrer, ou pelo menos para poder

dizer "Estou na minha terra, na minha casa". Isto é algo historicamente comprovado: os judeus têm muita vontade de voltar para Jerusalém, tanto que voltaram.

Pois bem, penso que para entender o que vai acontecer depois, sobretudo na figura de Estêvão, nós podemos deixar como possibilidade que o grupo que se reúne na esplanada ou nos pátios do Templo tenha se defrontado ou com Jesus ou com seus seguidores.

A pergunta é: Por que se defrontar? A resposta não é difícil, ou seja, o judaísmo da diáspora é um judaísmo que tem muitas ligações com Jerusalém que é muito educado a partir de Jerusalém, e que, como todo grupo que fica fora de sua casa mantém um certo tradicionalismo que é o que permite a eles sobreviver como grupo diferente. É como um italiano que chega ao Brasil e depois de 20 anos ele está comendo a pizza como aprendeu na sua "terrinha", o que hoje ninguém mais faz lá, e ele mantém isso como sua identidade.

Então, nós temos que dizer: se por um lado o judaísmo da diáspora é muito aberto porque vive no mundo da diáspora, por outro lado é muito ciumento da própria identidade. Imaginemos homens que na diáspora lutaram para manter sua identidade e voltam para Jerusalém e se encontram com judeus que são capazes de abrir essas normas de condutas rigorosas que eles aprenderam a viver, abrir a tal ponto que outras pessoas possam entrar e modelos de comportamento fortemente tradicionais sejam deixados de lado!

Deve ter acontecido nas primeiras semanas depois da morte de Jesus um mal-estar, não só entre as autoridades, como entre os judeus da diáspora mais fiéis que não querem e não suportam uma abertura que é própria do judaísmo. O judaísmo não é tão legalista assim que diga: "Só é judeu aquele que cumpre a lei"... Ele quer fazer a vontade de Deus, quer viver o que Deus quer, mas de uma maneira muito própria, por circunstâncias históricas, muito fechado. Não pode abrir para

aqueles que vivem de qualquer maneira.

8. ESTÊVÃO CRITICA O TEMPLO E AS TRADIÇÕES DOS PAIS

Essa relação entre judeus e gentios está muito ligada ao fato político da Palestina sempre ocupada. Penso eu que, entre esses que tiveram suas discussões, uma figura que sobressai é a figura de Estêvão, que a gente não sabe qual foi a sua relação com Jesus de Nazaré, mas a gente sabe como foi seu fim como seguidor de Jesus de Nazaré.

Tem duas coisas que ficam como boato, e que deve ser verdade, por causa inclusive da própria história de Jesus, que é uma crítica ao Templo e, ao mesmo tempo, uma crítica às tradições paternas, que é o típico do farisaísmo.

Isso produz justamente entre os grupos de língua grega, está claro no texto de At 7, um mal-estar muito grande que toca a sensibilidade, que mudou muito para ser de um jeito, mas agora vem alguém falar que não é bem assim, a tal ponto que produz um linchamento. Estêvão vai morrer linchado. Pois bem, nós temos então, correndo muito, uma experiência de alguém que, seguindo Jesus, faz uma crítica ao Templo, às tradições paternas, se defronta de uma maneira tal com o saduceísmo e o farisaísmo que morre linchado.

O que acontece é que Paulo estava presente. É lógico que, para Lucas, Paulo tem que estar presente como grande perseguidor, como grande convertido, como homem ilustre que fala aramaico, hebraico, grego, tudo. Ele mesmo, quando escreve, quando se descreve, ele mesmo diz que não é uma figura grandiosa e que não é maravilhoso nas suas qualidades, ao contrário disso diz: "nós somos o lixo da sociedade. A gente

não levava sério o que ele dizia, mas era o que dizia. Vocês são maravilhosos, e o que somos? Nada, diz ele.

Pois bem, não acredito eu que Paulo tenha conhecido Jesus, e os autores de hoje reconhecem que não, mas com certeza Paulo fariseu, se de fato ele se formou em Jerusalém, e este é o caminho, Paulo apologiza logicamente em nome de Deus, em nome da Torá que ele conhece e não admite que alguém possa destruir essa forma muito clara de viver o judaísmo que é o modo farisaico.

Então, de alguma maneira, a afirmação fica mais forte no grupo de Jesus de que o tempo messiânico chegou, de que Deus não teria mais o que esperar e aqui vem toda a concepção apocalíptica. Isto pode e deve criar um mal-estar muito grande.

Usei a palavra apocalíptico que é a palavra chave, vocês sabem que nesse período o judaísmo produz uma literatura apocalíptica muito forte, que é uma literatura de resistência para um povo extremamente excluído.

O farisaísmo tinha criado uma concepção de uma convivência na ocupação, até o dia que Deus quisesse. A idéia era essa: Deus um dia vai intervir e todos os nossos inimigos vão sofrer. Até que ele mostre que vai intervir, a nossa obrigação é resistir aceitando os nossos sofrimentos. No fundo, no fundo o judaísmo sempre teve a idéia de que por causa de nossos pecados nós perecemos e por isso vamos esperar a hora que Deus quiser.

Aí vem a afirmação cristã, que, em síntese, diz que Deus decidiu e que já interveio. O tempo apocalíptico já aconteceu. Lida em termos histórico-sociais, isso significa que a presença de Roma na Palestina tem os dias contados - é o que o Apocalipse vai dizer depois. O que significa isso? É um ato de rebeldia de fato contra a ocupação de Roma.

9. A TRANSFORMAÇÃO OCORRIDA COM PAULO

Aqui o caminho se complica um pouco por causa da literatura apocalíptica e por causa da literatura mística judaica que pouco conhecemos, e que hoje os historiadores descobriram como grande veículo cultural para entender a conversão de Paulo.

A literatura apocalíptica, Henoc e outros textos, descobrem para nós que fora a literatura escriba, rabínica, existe uma literatura não muito aceita e que lida muito com novas revelações de Deus, que não são através de estudo da Torá, são através de viagens: "Eu fui levado ao sétimo céu..." E lá ele viu, ele vê, esse ver o transforma - a palavra é interessante, é **transformação** que é a mesma palavra que vai usar Paulo, que é a própria palavra que acontece com ele e com os cristãos. E Paulo também diz: "*Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado ao terceiro céu - se em seu corpo, não sei; se fora do corpo, não sei; Deus o sabe! E sei que esse homem - se no corpo ou fora do corpo, não sei; Deus o sabe! - foi arrebatado até o paraíso e ouviu palavras inefáveis, que não é lícito ao homem repetir*" (2Cor 12,2-4), e ele fala muitas vezes das experiências que tem.

Olhando essa literatura paulina a partir da mística da merkabá e da apocalíptica, a gente está sabendo que nesta época alguns ou diversos personagens, incluindo a figura de Henoc que é muito forte, passam por experiências estáticas muito fortes, que os levam a devolver ao povo um tipo de interpretação da Escritura que não é a dos fariseus e dos saduceus, fazem-na essênios e messiânicos, ou seja, rebeldes.

Pois bem, os autores caminham para entender que o que aconteceu com Paulo foi o que aconteceu com outros personagens, justamente por ser uma experiência apocalíptica, mística, onde ele vê, ele ouve, - isso hoje não se sabe muito bem explicar o que houve depois, as mudanças que acontecem - e

nesse acontecimento fica muito claro para Paulo que alguém que era maldito pela compreensão que tinha da Lei, agora não o é mais, pois ele se identifica com a figura de Jesus. Nós temos já um ponto de partida para uma mudança que pode acontecer com Paulo. Essa mudança pode acontecer assim, aconteceu. E como conseqüência ele diz que era desse jeito, agora já não é mais.

Mas pode acontecer de outra maneira: Paulo persegue as comunidades, ele teve essa experiência - quatorze anos faz eu fui levado - e fica com ela e se produz em Paulo num processo lento - isso me parece mais certo lendo as cartas de Paulo à distância - se produz num processo muito lento, mediatizado pelas próprias comunidades, onde ele vê uma mudança que o transformara, e que anos depois quando ele olha para elas usa a terminologia profética para dizer que Deus o escolheu para revelar seu Filho aos gentios.

10. ONDE ESTÁ A NOVIDADE DA EXPERIÊNCIA DE PAULO?

O que é que aconteceu, e por que foi tão fundamental? Por que muitos seguidores de Jesus de Nazaré não passaram por isso, eram judeus e continuaram sendo judeus sem problema nenhum? Onde está a novidade e a radicalidade da experiência de Paulo?

Está justamente em ver o crucificado Jesus de Nazaré como alguém aprovado por Deus e, como conseqüência, o que era mantido pela Lei agora não é mais. Aí virá uma reflexão muito grande de Paulo sobre o que significa manter-se judeu. O que faz a Lei diante dessa experiência?

Depois dessa experiência há um processo

complicado que o próprio Paulo narra, quando diz: "*Quando, porém, aquele que me separou desde o seio materno e me chamou por sua graça, houve por bem revelar em mim o seu Filho, para que eu o evangelizasse entre os gentios, não consultei carne nem sangue, nem subi a Jerusalém aos que eram apóstolos antes de mim, mas fui à Arábia, e voltei novamente a Damasco. Em seguida, após três anos, subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas e fiquei com ele quinze dias (...) Em seguida, fui às regiões da Síria e da Cilícia...*" (Gl 1,15-21). E ficou muito tempo em Antioquia. Antioquia é uma cidade de muitos judeus e de comunidades cristãs muito próximas. Paulo ficou lá quatorze anos no mínimo, ou seja, podemos dizer que acontecem muitas coisas, se Paulo está ligado a Antioquia.

É um processo muito lento. Primeiro, nele mesmo acontecem coisas, e ele mesmo tem que ir entendendo o que acontece, e ele cada vez mais assimila esse acontecimento. E vai fazendo essa passagem muito espontânea de todo o seu ensinamento, de todas as técnicas que sabe como fariseu agora aplicadas numa visão que não é mais farisaica, pois ele mesmo diz o que era e não é mais, o que era não tem mais valor.

Então, nós vamos ver agora o Paulo que usa todo o cabedal que ele tem como fariseu para entender essa nova realidade. Essa nova realidade já não foi anunciada um pouco por Estêvão e pelo grupo em que ele estava? Já foi anunciado. Em que consiste essa novidade?

Consistiria em que a morte de Jesus com tudo aquilo que ela trouxe de abertura para os pequenos, para os que não são nada, essa abertura cada vez mais vai se afirmar, e ela se afirma numa polêmica que ia acontecer mais cedo ou mais tarde, que é: nós somos seguidores de Jesus de Nazaré defronte ao judaísmo e defronte ao Império.

Como é que devemos abrir as portas àqueles que vêm à nós? Essa atitude, que, no fundo, sociologicamente

falando, é uma luta pela identidade, produziu grandes divergências dentro do movimento cristão. Movimentos ligados a Estêvão, ligados a Tiago, a Barnabé, ao próprio Paulo, a Filipe, existem muitos grupos que são seguidores de Jesus de Nazaré, mas que não pensam da mesma maneira.

A grande novidade - e aqui entra o tema que eu vou anunciar e explicitar - a grande novidade no evangelizar de Paulo está justamente aí: entre as muitas possibilidades que existem na relação do movimento de Jesus com o judaísmo, Paulo termina afirmando que ***o caminho correto da humanidade é o de uma humanidade onde as barreiras do judaísmo e dos gentios desaparecem. Ou seja, a comunidade que Paulo ambiciona, que sonha, é uma comunidade onde não tem homem, nem mulher, nem criança, nem bárbaro, nem grego. Forma-se uma humanidade sem barreiras, sem fronteiras***.

O judaísmo poderia aceitar muitas coisas inclusive que os gentios não fossem obrigados a viver de acordo com a Torá. Muitos judeus faziam isso, inclusive fariseus diziam isso, os judeus que vivem de acordo com suas consciências são salvos e em alguns momentos nem queriam ser judeus.

O grande problema para mim, que constitui o grande eixo da evangelização de Paulo é criar uma comunidade onde se sentam à mesa judeu e gentio, sem criar aquela situação de que um está contra o outro, mostrando uma comunidade possível e como conseqüência uma superação das barreiras cerimoniais que a lei impunha.

Num certo sentido Paulo preenche a lei, porque a lei nada mais é do que a vida que provém de Deus e se os judeus são luz para os gentios, no tempo messiânico essa luz torna-se real. Num certo sentido Paulo pode dizer "nós somos verdadeiramente os circuncidados"; agora, o que Paulo diz claramente, porque vive em comunidades não judias, é que não tem sentido viver as normas práticas que caracterizavam os

judeus.

Lendo à luz de Deus, eles dizem que tudo perdoaria o judaísmo, o que não poderia perdoar é que alguém judeu pudesse dizer que judeus e gentios podem viver juntos e que isso não é empecilho para viver a própria Torá, mas o que Deus quer.

11. PAULO EVANGELIZA NA CASA E NO TRABALHO, DOIS LUGARES PERIGOSOS

A partir de todas essas coisas que fui falando, que são um pouco complicadas, eu queria chegar a um ponto: se é verdade que Paulo propõe uma comunidade sem barreiras, pensemos num Império Romano classificado extremamente com barreiras, há patrícios, plebeus, escravos, livres... Aí vêm as comunidades paulinas que acolhem dentro delas toda essa massa de gente perdida, sem raízes - ou porque perderam a terra, ou porque perderam a liberdade, ou porque perderam a pátria - onde todos vão ser bem acolhidos, onde vão se sentir bem...

Vão se sentir bem nos lugares onde Paulo está fazendo algum serviço, nas cidades por onde passa, no trabalho onde Paulo se ocupa. Ele é trabalhador, que evangeliza ao trabalhar, talvez aí onde as pessoas devem se sentir bem acolhidas, principalmente todos aqueles gentios que tinham atração para uma vida "espiritual" mais correta. De fato, as pessoas que se aproximam de Paulo estão muito ligadas ou atraídas pelo judaísmo, atraídas pelas sinagogas da diáspora.

Isso acirra muito mais os outros contra Paulo, principalmente o judaísmo mais fiel, que pensa: "ele está tirando nossa freguesia" e vão dizer a Paulo: "Você tirou toda essa

prática cerimonial para facilitar a vida deles e assim tirá-los de nós". Ou seja, se acirra muito esta hostilidade contra Paulo.

O grande ideal de Paulo é criar comunidades que são frutos de uma interpretação da Torá onde haja uma humanidade sem divisões, sem rupturas. Eu imagino que isso só nasce de experiências profundas, porque como é que se pode pedir para o judaísmo aceitar essa comunhão com aqueles que estão ocupando e destruindo, como fizeram depois, destruíram o Templo, destruíram a terra, como é que se pode pedir, como é que Paulo pode pedir para um judeu aceitar viver com os gentios?

Então eu digo que alguma coisa seríssima aconteceu com Paulo, que ninguém vai dizer que não é verdade, porque ele experimentou e ele pode dizer: "Eu vi o Senhor". Apesar dele ficar sozinho, pois Paulo foi um homem que ficou sozinho, nem os seguidores de Jesus, nem os de Jerusalém, nem os de Antioquia terminaram acompanhando Paulo, ele rompeu com os de Jerusalém , rompeu com os de Antioquia e criou uma pregação independente que o leva a uma experiência de abertura e como eu dizia, através de dois lugares perigosos: **a casa e o trabalho**.

Paulo ter escolhido a casa e o trabalho como lugar de evangelização foi coisa perigosíssima, a causa de todo o sofrimento de Paulo, mas um caminho fácil, não precisava se criar uma estrutura nova que Roma não permitiria. Roma era muito vigilante em relação a grupos que se reuniam sobretudo com perspectivas libertadoras, não permitia facilmente. Paulo ter escolhido a casa e o trabalho não teria nada de novo no Império, mas aí é que ele entra pelo cano.

Quando na casa se constitui a *ekklesia*, e Paulo ou outros evangelizadores seriam os dinamizadores da casa, eles se confrontam com a realidade do Império, em que o pai de família é que manda na casa e o pai de família tem toda uma estrutura e um montão de gente que depende totalmente dele.

Ele é que marca as regras, os limites. É compreensível que o pai de família estivesse mais apto para reproduzir as estruturas do Império e esta estrutura diz que o rico deve estar em cima e o pobre em baixo, e o pai de família, por menos rico que seja, tem uma casa, o que o escravo não tem.

Na hora do pai de família viver a fé naquele mundo no qual ele vive, vai se defrontar com a fé daqueles que não têm nada e que agora são vistos como irmãos, e Paulo diz que somos irmãos. Quando diz que um está com a barriga cheia e o outro não tem nada para comer, isto não é aceito. Vemos que os conflitos que Paulo vai enfrentar, na sua grande maioria provêm de conflitos com os pais de família.

E assim, um pai de família que tem boas condições econômicas e muito poder e muita lábia consegue encontrar outros evangelizadores e que podem ajudar muito mais e com mais conteúdos do que Paulo. É o caso de Apolo, é o caso de Pedro, é o caso das comunidades fáceis através deles.

Por quê? Porque nas comunidades de Paulo, o caminho é o da alternativa com as comunidades do Império. O modelo do Império não se reproduz nas comunidades paulinas, quem vive no Império vai sentir muito um caminho alternativo ao Império. Ele vai aprender toda uma estrutura que embasaria uma vida e um projeto.

Imaginem vocês, eu estava vendo televisão, estava passando uma novela chamada "Torre de Babel". Fiquei pensando: como reproduzem valores nessa televisão que nada mais são que cópias de valores do centro do poder.

Eu me perguntava: Como é que Paulo vai se virar num Império muito bem tramado em termos de valores, em termos de propagandas, em termos de compras? Porque o Império compra as cidades, compra as autoridades, e como é que alguém que oferece uma alternativa de igualdade, de não ruptura, como é que vai se sentir bem numa cidade que vive única e exclusivamente do apoio do Império?

Eles vão ser os primeiros a serem visados: "Vocês colocam em perigo a nossa sobrevivência". Aqui eu digo uma coisa e quero que fique muito claro: as comunidades cristãs não sofreram por causa do Império, não tiveram perseguições por causa do Império, **tiveram perseguições dos cidadãos das cidades onde elas viviam.**

Elas eram uma ameaça para as cidades, para as aldeias. E, por isso, aqui os judeus tiveram muita culpa, quando eles quiseram ter uma relação tranqüila com Roma. Para sobreviver, eles denunciavam muitas vezes os cristãos que não tinham mais essa maneira, esse modo de viver submissos às ordens do Império, porque eles diziam que o tempo messiânico havia chegado e não tinham como os judeus que esperar o tempo chegar.

Resumindo: este cenário é uma selva para mim, o que não significa que seja coisa tumultuada. Não, é uma selva que tem muita vida, e a gente não pode ultrapassá-la correndo, tem que parar nela e ver o que está acontecendo ao lado, aquelas plantas novas, aquele riacho, tudo isso é vida da selva, parece um amontoado de coisas. Assim eu entendo hoje a literatura paulina, o processo evangelizador de Paulo, como uma grande selva, mas uma selva que toca o nosso real. Nós hoje - eu digo isso com medo - nos defrontamos com modelos tão bem organizados ou mais organizados do que o Império Romano.

12. O PROJETO PAULINO E A EVANGELIZAÇÃO HOJE

E como os grupos foram capazes de reagir, como reagiu, por exemplo, o grupo judeu?

E quando as coisas apertaram, poucos reagiram

como reagiu o grupo paulino e por isso as comunidades paulinas são chamadas de comunidades do crucificado. Paulo não vai poder dizer outra coisa senão "Eu prego o Cristo crucificado". É por isso que nas cartas paulinas é compreensível a linguagem da tribulação, da perseguição, isto é constante. E Paulo quando quer falar dele mesmo diz: "Perseguições disso, perigo daquilo, naufrágios, prisões".

Onde está isso numa linha lucana, onde Paulo conversa com as autoridades, conversa com todo mundo, como se fosse um grande cidadão romano, soldado lá da sétima legião? Não é essa a imagem de Paulo em Paulo, não tem nada a ver com o homem ilustre dos Atos, não tem nada a ver. Lucas usa memórias e tradições para se defrontar com outro problema, que é o final do século I, ou pelos anos 80 a 90. É outro problema interno da Igreja.

Paulo nas cartas não está diante de uma Igreja, ela não existe, está diante de um Império Romano que ocupa a Palestina e um povo que resiste a esta ocupação, um povo extremamente dividido internamente por causa desta ocupação. Ele tem um lugar, o lugar de Paulo, que não é o lugar de Pedro, nem o lugar de Tiago.

Seria bonito ver depois porque o cristianismo e o judaísmo se separaram. Esse depois é preciso trabalhar, porque é aí onde começamos a entender porque somos irmãos e porque nos separamos. Não foi por questão de teologia: o que nós cristãos dizemos de Jesus, os judeus não têm dificuldade de entender, inclusive no que se refere à Trindade existem muitos textos da figura humana de Deus. Tudo isso nós inventamos para hostilizar os judeus. Porém, eu penso que por detrás da divisão existe como sempre a luta pelo poder. E nessa luta pelo poder nós temos muita culpa.

Eu não sei se expliquei, compliquei ou facilitei. Queria só duas coisas. Primeiro, quando se diz que o projeto paulino é a única possibilidade que existe do mundo sobreviver, é a

mesma coisa quando dizemos que se evangeliza os pobres ou que só os pobres evangelizam os pobres. Evangelizar os pobres é dizer que o mundo só sobrevive se os pobres forem levados a sério, do contrário sobrevivem grupos, elites, mas não a humanidade. É o problema que Paulo teve: a humanidade só sobrevive se ela assume a cruz de Jesus, o que significa que o crucificado perdeu mas ganhou.

O Deus que se revela no crucificado é o Deus universal, o Deus sagrado que tem poder é o Deus partidário. Partidário por quê? Deus só pode ser partidário, Deus é partidário da vida, só pode ser e por isso partidário do pobre, não do rico que em princípio é quem destrói a vida.

Biblicamente o rico é aquele que destrói a condição humana e como conseqüência a proposta paulina viveu, existiu, resistiu, e a Igreja ficou apavorada e a esqueceu quase sempre.

Quando ela se lembrou de Paulo produziu os grandes momentos de renovação da Igreja. A polêmica pelagiana com Agostinho, a polêmica protestante com Lutero e Calvino e a própria teologia de Karl Barth que se encontra no comentário da Carta aos Romanos e que produz todo o conjunto teológico que desemboca agora.

E hoje escritos cada vez mais sérios sobre Paulo estão dando algo que estava faltando mesmo à chamada Teologia da Libertação.

Obras como a "Contra toda Condenação", obra traduzida já em português. É uma leitura sobre a justificação que nasce de experiências da América Latina, então é difícil a gente conseguir avançar com Paulo aqui na América Latina porque a floresta é muito grande, mas tem gente trabalhando e sobretudo tem comunidades vivendo aquilo que Paulo vivia, porque mais do que ensinar, mais do que fazer uma pregação, Paulo criava núcleos.

O evangelizar de Paulo não é ensinar: é criar núcleos

de vida, organizar esses núcleos, e uma vez que eles se organizam eles se espalham e criam outros grupos e estes outros grupos e assim por diante.

É muito difícil entender Paulo como evangelizador, nós o entendemos como teólogo, o que ele nunca foi, ele é evangelizador. O que eu queria passar era isto, e isto é o que eu gostaria que fosse verdade na comunidade cristã.

Padre Herminio Andrés Torices é Mestre em Ciências e Línguas Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma e Professor de Novo Testamento no ITCR da PUC-Campinas e no ITESP, São Paulo. Transcreveu o texto Sebastião Luiz de Souza do 2º ano de Teologia do ITCR da PUC-Campinas.

EVANGELIZAÇÃO NA COMUNICAÇÃO - MÍDIA

Augusto César Pereira

Saúdo vocês todos que aqui estão e quero ser considerado como muitos; como vocês, pessoas que buscam a clareza, buscam o entusiasmo, o esforço para a Comunicação em nossa Igreja. Portanto, somos todos iguais nessa busca. E deixo a minha saudação a vocês, uma saudação muito amiga, muito fraterna.

A religião, hoje em dia, está em alta cotação. Hoje mesmo está começando, começou em São Paulo a 8ª Jornada sobre Alternativas Religiosas da América Latina, reunindo antropólogos e sociólogos e vai ser apresentada a pesquisa do sociólogo Alexandre Brasil Fonseca, da USP, mostrando que o brasileiro hoje está tratando a religião como um objeto de consumo e alguma coisa que se encontra nas prateleiras dos supermercados da vida.

A minha alegria muito grande de estar aqui com vocês é, particularmente, por ser um curso de Teologia e Ciências Religiosas, portanto, seminaristas, leigos, leigas que procuram esse estudo da Teologia. E o fato de colocarem uma noite para Comunicação revela bastante coisa, é bastante alvissareiro para nós na Semana Teológica tratar de Comunicação. E no que eu quero apresentar a vocês; quero deixar assim, bem claro, que são alguns desafios, alguns pontos, algumas coisas que também me inquietam e, vou torcer mesmo, fazer todo

esforço para que nenhum de vocês saia com respostas prontas, mas com bastantes "minhocas na cabeça". Então, eu estarei realizado esta noite.

E, como se trata de Teologia, vocês me permitam um instante para eu dar algumas pinceladas no fundamento teológico da Comunicação. Acho que isso é importante para a gente, e depois um pouco sobre a Evangelização, ou seja, o que estou entendendo por Evangelização e a Igreja nos Meios de Comunicação, seja nos aspectos dos Meios de Comunicação fora da Igreja, mas, principalmente, nos Meios de Comunicação da nossa própria Igreja. Creio que isso não vá ser tão longo por que são algumas pinceladas, alguns aspectos como eu lhes disse.

1. O FUNDAMENTO TEOLÓGICO DA COMUNICAÇÃO

Houve, não faz muito tempo, uma reunião dos reitores de Santuários do Brasil e estava também um pastor evangélico, um pastor protestante e a maioria ali dos padres perguntaram para eles que deveriam ter um número de conversões muito grande pelos programas de rádio que eles têm na madrugada toda e a todo instante. E notem a resposta do pastor, ele disse: "O programa de rádio não converte ninguém. O que acontece é que por causa do programa as pessoas vão lá nas nossas Igrejas e pela maneira de nós acolhermos, aí eles decidem passar para nós". Então, o uso dos Meios de Comunicação, a moral da história, é que o uso dos Meios de Comunicação não dispensa a comunidade. Não dispensa, pelo contrário; deve sair dela e levar para ela. É no aspecto de evangelização em que a gente vê que nós somos uma Igreja que evangeliza.

E também, nesse pequeno aspecto da teologia da Comunicação, eu pretendo lembrar a vocês apenas o seguinte:

Primeiro, que o fundamento teológico da nossa Comunicação é a Santíssima Trindade. Antigamente e talvez nós assim desde mais tempo, sempre recebíamos as homilias, os sermões, os estudos da Santíssima Trindade como alguma coisa incompreensível. Não adianta, bobagem! Tanto que no fim do Tratado da Trindade, *De Trinitate* na Teologia, nós perguntamos ao professor: Professor, basta aquilo que está no Catecismo? Ele disse: "Basta!" E todo mundo ficou contente. Mas hoje a gente percebe que a Trindade é o modelo da comunidade. A Santíssima Trindade existe porque Ela é comunhão. A Santíssima Trindade existe porque Ela é relação, relações. E essa relação das pessoas na Trindade é que leva à comunhão. Então, o objetivo da nossa Comunicação é a gente criar relacionamentos interpessoais para chegarmos à comunhão.

E aí nós chegamos à pessoa de Jesus Cristo, que se encarnou. Jesus Cristo é o Verbo, a Palavra de Deus encarnada. A base disso está em Hb1,1-4. A gente falando assim de uma nossa maneira muito humana, o Pai tinha um problema de Comunicação com a humanidade. Parece que a Comunicação no paraíso não funcionou. Deu no que deu. Então, Deus tinha que arrumar uma maneira de se comunicar com a humanidade. E os níveis eram muito diferentes. Então, aquilo vai exigir que a humanidade suba ao nível de Deus ou vai querer que Deus desça ao nível da humanidade. Deus preferiu esse. Ele desceu, e a Palavra de Deus, o Verbo como diz São João, a Palavra de Deus se fez gente.

A primeira manifestação concreta de Deus não é uma letra, não é uma palavra, nem chega a ser um livro, uma mensagem. A manifestação concreta de Deus, a forma que esta Palavra de Deus tomou é uma pessoa: Jesus Cristo. Depois é que vieram as palavras, os livros etc., mas a primeira palavra, a primeira manifestação em forma concreta da Palavra de Deus é a pessoa concreta de Jesus Cristo. Nele Deus se expressou como Ele é em si mesmo. Então, Jesus Cristo se encarnando, Ele resolveu um problema de linguagem, um

problema de Comunicação com o Pai. Em Jesus Cristo esse problema foi resolvido, tanto assim que Paulo diz: "Cristo é a imagem do Pai. Em Cristo o Pai se expressa como Ele é. "Então Jesus Cristo é, como tem lá em Colossenses "Jesus Cristo é a imagem visível do Deus invisível." E essa encarnação de Jesus Cristo também é a inculturação da Palavra. Jesus, embora divino e de condição divina, despojou-se e se tornou simples pessoa como nós. Ele é a verdadeira e autêntica inculturação.

Depois, a nova comunicação de Deus com a humanidade está expressa num livro do Antigo Testamento, o Gênesis. Gn 11, que é aquele episódio da Torre de Babel, a confusão de línguas e discórdia entre a humanidade. A nova comunicação de Deus é Pentecostes. A linguagem universal que todos entendem. Onde lá havia confusão de línguas, aqui há entendimentos de línguas; e lá que havia discórdia, com essa nova linguagem passou a existir a concórdia.

Disso tudo chegamos agora à pessoa humana. O Homem, o homem pessoa humana, foi escolhido como interlocutor de Deus. Talvez a gente possa arriscar a dizer assim que o homem é mais do que só o destinatário das coisas de Deus. Deus fez a pessoa humana interlocutor. É quem fala de igual para igual. Quem pode também falar, quem pode perguntar. Não é só receber, receber pronto e acabou-se! Ser interlocutor de Deus é muita coisa. Porque a pessoa humana conforme tem lá na *Veritatis Splendor*, número 50, 58, a pessoa humana tem uma capacidade que só Deus tem: é dela refletir sobre si própria. Nós temos a capacidade da reflexão, e é nisso que a pessoa humana é tão imagem de Deus, o que nós chamamos de comunicação intrapessoal, quer dizer, dentro. Interpessoal - entre nós, e intrapessoal essa capacidade de refletir, de reflexão. Por causa do Homem, então, por causa da pessoa humana a comunicação é um processo. Comunicação é um processo de relações entre pessoas e para criar comunhão.

Os Meios: televisão, rádio, jornal, cartazes, tudo; os meios são meios, são instrumentos. Comunicação é gente com gente. Isso nós temos que ter sempre e muito bem claro que é a partir de Deus mesmo a teologia da comunicação. Comunicação é gente com gente. O meio se justifica quando ele me ajuda a criar essa comunhão. E daí também que a comunicação hoje é uma ciência. Não é apenas um meio, um instrumento. Ela é também ciência. E nós, pessoas humanas somos aquilo que São Paulo diz em Romanos 8, 29 : "Nós somos imagens do Filho de Deus". E a gente já vai terminando esse aspecto, assim bem rápido, da teologia da comunicação.

A comunicação também é uma questão de eclesiologia. A comunicação, na prática, tem que se perguntar: Que comunicação nós queremos fazer, para que tipo de Igreja? Portanto, o modelo de comunicação é uma questão de modelo de Igreja. Modelo de Igreja: aí cada qual se pergunta, cada comunidade se pergunta: Que modelo de igreja? Que Igreja nós queremos? Tanto se vem discutindo isso na Igreja do Brasil: Que igreja nós queremos? Uma Igreja profética, missionária, participativa e serviçal? É essa Igreja que nós queremos? Se for essa, como é que vai ser a nossa comunicação? Também profética, participativa, serviçal e, principalmente, ela tem que ser uma comunicação dialógica, ou seja, no diálogo de todos feitos interlocutores de todos. Ninguém é mais do que ninguém. E aqui tem um pensamento do rabino Henri Sobell : "Nós somos diferentes, mas não somos divididos. Nós aceitamos a diferença, mas nós não aceitamos a divisão". O diálogo, portanto, de igual para igual. Confiança absoluta, uns com os outros.

E como evangelização, um último aspecto desse que eu chamo teológico; como evangelização é preciso também a gente ter claro o que a gente entende por evangelização. Se evangelização é a gente ajudar as pessoas a descobrirem um Deus que já está ali no meio delas, que chama "Sementes do Verbo". Não é isso? Ajudá-los a encontrar Deus que já está ali. Ninguém de nós é o primeiro evangelizador, a primeira

evangelizadora. Deus é o primeiro evangelizador. Ele sempre chega primeiro e a arte da evangelização é procurar encontrar esse Deus junto com as pessoas, as comunidades onde a gente está. E sob os aspectos do próprio nome : Evangelizar, Evangelho. Vocês sabem, a palavra grega.

Então, a Igreja em nossa época não pode se satisfazer em ser notícia. Por exemplo, essa Semana Teológica não pode ser apenas notícia. Pode dar uma notícia: aconteceu assim, assim, com tantas pessoas; se é que vai dar nos grandes meios! Mas isso para a Igreja não basta ser notícia. Ela precisa ser *Evangelium*, ou seja, ela precisa ser Boa-Notícia. Não basta, portanto, só notícia, uma informação, aconteceu, foi assim, não foi assim. Tem que ser uma Boa-Notícia. E como ela vai ser uma Boa-Notícia? Como que a Semana Teológica pode ser uma Boa-Notícia? Dependendo daquilo que a gente vai ser para o nosso povo depois disso. Nós temos que ser a Boa-Notícia para as pessoas. Então, para nós sermos Evangelho, nós temos que ser essa Boa-Notícia: O Evangelho que é vida, que é paz, que é justiça, que é, principalmente, solidariedade. E para nós sermos uma presença, é só se a nossa ação for uma ação organizada, organizadora e, também, principalmente, uma ação transformadora.

Até aqui eu quis passar alguns... chamar a atenção de vocês para alguns aspectos da teologia da comunicação. Digamos: umas pinceladas.

2. A IGREJA NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

2.1. A Igreja e os Meios de Comunicação Externos

E agora eu vou passar para a Igreja nos Meios de Comunicação. Nos meios externos e nos nossos meios internos.

E nesse **meio externo** eu trago alguns fatos bem próximos. Agora, com as eleições, têm acontecido algumas coisas em que a Igreja, a CNBB toma posição, por exemplo, quanto a candidatos, isto e aquilo, e depois um faz isso, outro faz aquilo, provocando muita discussão, também, na grande imprensa. Até no Faustão os padres já estão indo, na Manchete, em outros lugares. A revista "Época" de umas três semanas publicou depoimentos de jovens que estão encontrando Jesus Cristo dessa maneira, daquela. E a gente se pergunta a troco de que nossos jovens, as moças e rapazes, têm que contar a sua intimidade para um repórter bisbilhoteiro? A troco de quê?

Nós precisamos levar muito em conta que a grande imprensa, quando tem boa vontade faz coisas maravilhosas sem dúvida. Ultimamente exploram dois aspectos: o exótico, o diferente, aquilo que dá espetáculo, que é o outro, o diferente, e exploram também o que é conflitivo, quando revela as diferenças e os conflitos de opinião, de posição etc., dentro da Igreja.

E nós precisamos ter os olhos muito abertos para não confundir aquilo de: "Ah! Mas vai abrir espaço". Abrir espaço não é a mesma coisa que você se deixar ser usado. É bem diferente. Abrir espaço é uma coisa. Ser usado é outra. A gente precisa ter muita atenção para isto.

Nesta mesma revista que eu citei antes, a "Época", a edição mais recente publicou uma pesquisa em torno da política. Fez a seguinte pergunta: *A Igreja é uma força positiva para a reforma social do Brasil*? Ela dá um dado de 1962 e outro de 1998.

Em 1962, concordam com a afirmação 69% e discordam 22%. Em 1998, concordam 73% e discordam 23%. Houve um aumento de 14% dos que concordam e um aumento de apenas 1% dos que discordam.

Se a igreja deve orientar a opinião pública em questões políticas, por exemplo, nas eleições? Em 1962, 42% concordam que a Igreja deve orientar a população. Em 1998, subiu para

46%. E os que discordam são 51% tanto lá como agora.

Agora outra pergunta: *Você é a favor ou contra um candidato apoiado pela Igreja?* Em 1962 eram a favor 67% e em 1998 desceu para 50%, diferença de 17 pontos. Eram contra 24%; hoje são contra 38%. Em 1962, nesse quesito, a Igreja estava em 3° lugar e hoje está em 6° lugar, entre as instituições.

E a última: a confiança nas instituições, *a confiança na Igreja*. Isto em 1989. Em 1989, a Igreja Católica tinha o primeiro lugar. Confiam na Igreja em 1989, 80%. E não confiam 18%. Agora, em 1998 confiam na Igreja 70% (10% a menos) e não confiam 25% (7% a mais). E a Igreja que estava em primeiro lugar em 1989, passou para segundo em 1998, e tomaram o primeiro lugar os professores da escola pública com 79% de aprovação popular.

O percentual mais alto que a Igreja já conseguiu de aprovação foi em fevereiro de 1990 com 82%. Depois, ainda em 1990 desceu para 80% e desceu mais, para 78%. Em 1991 subiu para 80%; em agosto de 1991 subiu para 82%, depois foi 77% e está agora em 70%.

Mas, por curiosidade, só essas pesquisas aí são da revista "Época". E essas últimas desses anos de 1989 etc são do IBOPE Como também essa aqui. Foi perguntado: *Na sua opinião, que instituições têm prejudicado o desenvolvimento do país?* Nós estamos aqui com mais 4% e as outras igrejas mais 7%, vindo os políticos com 52%, os campeões.

2.2. A Igreja e os seus próprios Meios de Comunicação

Agora vamos dar uma olhada na **Igreja e os seus próprios meios**. Além de levantar os desafios, talvez eu queira até provocar vocês também nesse aspecto que nós abordaremos agora. Começo com a seguinte afirmação: Os números da comunicação na Igreja, a quantidade não é problema. Ninguém tem o que a Igreja Católica tem. Quantidade de rádios, jornais e

boletins. Tem agora a invejável Rede Vida de Televisão. A quantidade não é problema. Qual será o problema? A Qualidade. Isso! Tá certo!

As nossas editoras, as editoras católicas, entre as primeiras, as mais importantes do país estão quatro editoras católicas pelos títulos que produzem a cada ano. Agora, tem a Rede Católica de Rádio. Muita coisa positiva. A gente não pode olhar tudo como negativo.

Mas no negativo nós temos que nos penitenciar na formação, no amadorismo, nos equipamentos. Tem emissoras de rádio que nem podem melhorar um bocadinho, nem receber alguma transmissão de satélite porque não têm como. O equipamento não dá; as finanças, as improvisações, o individualismo e a incompetência. O desafio: Por que a Igreja Católica não começa fazer aquilo que ela critica nos outros? O que está errado lá, vamos fazer como é o certo. Então, por que não faz?

A preocupação dos Meios de Comunicação agora da nossa Igreja é a Rede Vida de Televisão. É ela que está mostrando agora o rosto da Igreja. Não a Igreja que queremos, vamos dizer, mas a Igreja que mostra a Rede Vida. Aliás, a Rede Vida de Televisão não é um problema. Não. Ela revela os nossos problemas.

Eu não venho só falar de problemas, mas de desafios. Desafiado, a gente procura melhorar, chegar no bom, certo? E tudo se resume numa questão de linguagem. Linguagem, vocês sabem não é questão de idioma: francês, inglês, português. E Linguagem é tudo, é o jeito de ser. Com base no que mostra a nossa Rede Vida e tantas outras que a gente conhece, a questão de linguagem...

Nós estamos falando e produzindo muito para o pessoal de dentro da Igreja. Vocês percebem? Um padre que tem nome, o Padre Atílio Hartman, ele deu a seguinte baforada para quem quisesse ouvir: "Sem a Rede Vida, sem os rádios,

sem os nossos jornais, a Igreja Católica seria a mesmíssima". Sim, porque mesmo com a Rede Vida agora, a gente fala para dentro. É o pessoal que já é de Igreja. Estão reforçando as suas convicções e olhando na Rede Vida só aquilo que quer ver para confirmar aquilo que crêem. Se vem alguma coisa aqui que dá uma chance para abrir um pouquinho a cabeça, já telefonam reclamando, já desligam, coisa assim.

A nossa comunicação não discute, não debate. É extremamente autoritária, de cima para baixo: "Eu sei. Eu tenho a verdade. Portanto, eu falo e você que não sabe: escute". Muito auto-suficiente. Eu sei, eu tenho a verdade... discutir por quê? Debater por quê, se eu já tenho a verdade. E quando é excessivamente moralista: Pode! Não pode! Certo! Errado! Vocês já perceberam certas propagandas, dizem assim: "A verdadeira história do Natal, compre esse vídeo que esse aí é a verdadeira história do Natal. As outras são todas conversas, a verdadeira é esta. É o termo verdadeiro. A tradução fiel da Bíblia, as outra são fajutas, não são fiéis. O melhor caminho para chegar não sei onde, os outros são atalhos, não servem, desviam. E por aí a fora esses que a gente usa.

Temos que chamar atenção agora para nós. Nós estamos fazendo um tipo de exame de consciência, uma reflexão e temos a capacidade reflexiva que Deus nos deu. A nossa linguagem é defasada no seguinte: defasada em questão de época, por exemplo, o nosso *catoliquês* ou *teologuês*. A gente fala a nossa linguagem, sabe-se lá quem entende. A linguagem defasada da nossa época: defasada nas idades, na cultura, em geral. Mas vendo aquilo, autoritário, auto-suficiente: "Pois eles que procurem me entender e não eu entendê-los. Ora! Eu sou eu!"

Agora há um outro aspecto do defasado que é preciso também a gente já tomar muita atenção. A nossa linguagem é defasada em relação ao veículo que a gente usa. Não é a mesma coisa falar uma homilia numa missa e aquela mesma homilia no rádio ou na televisão. E nem escrevê-la, também não

é a mesma coisa.

O veículo televisão, por exemplo, é show, é luz, é cor, é movimento, é tudo isso. O show, o espetáculo é a televisão. Na televisão a emoção vai pela pessoa e por todo esse conjunto de espetáculo. Vocês vêem todo noticiário é feito em forma de espetáculo, também.

E no rádio? A grande linguagem do rádio, que identifica o rádio, é emoção pelo som, pelo que se ouve. E pelo que a gente ouve, então, funciona o nosso imaginário. Eu não me lembro no momento, um fulano que era muito popular no rádio, ele não se deixava ver pelos fãs e pelas fãs. De jeito nenhum! Ninguém sabia como fulano era. Ele dizia: "Deixa a turma imaginar o que eles acham que eu sou, porque se eles me virem eu sou feio demais." Ele era feio mesmo. Então, ninguém conhecia, mas todo mundo tinha a imagem do fulano pela voz. Isso é o rádio.

Nós somos um pouco defasados na ética: um pensa, ninguém mais precisa pensar. Vocês estão vendo certas coisas que a gente critica nos outros, e nós não fazemos igual? Mas é que do nosso jeito vale, não vale? Não vale do jeito deles. Muito racional, nós somos racionalistas, raciocínios lógicos, perfeitos, mas não é a linguagem do povo.

O grande marketeiro da eleição agora, Duda Mendonça. Todo mundo já ouviu falar. O Duda Mendonça diz o seguinte: "Gente! Comunicação não é aquilo que eu quero dizer para o outro. Comunicação é aquilo que o outro entende daquilo que eu falei." Comunicação não é o que eu quero dizer. Comunicação é o que o outro entende. Então, os marketeiros da campanha eleitoral, primeiro, eles vão saber o que o povo está entendendo, aí eles vão falar o que o povo entende e ganham a eleição.

Num curso na USP, com o Professor Mauro Vilson. Quem fez o SEPAC deve conhecer o Mauro Vilson. Eu estava fazendo um curso sobre recepção, o receptor. E às tantas eu disse para ele: "Olha, professor, lá na nossa igreja, igreja grande

do Santuário de São Judas Tadeu em São Paulo, moro lá. Eu tenho mil na minha frente na missa de Domingo. Mil pessoas sentadas. Daí eu passo aquela minha mensagem e aí a concorrência é grande demais. Como é que é? Eu estou angustiado", eu falei para ele.

O Mauro Vilson apontou assim para mim, na cara. E disse : "Olha! O problema não é a sua mensagem. A sua mensagem é boa. O problema é você que não sabe transmiti-la." Aí eu procurei aprender como é que se vai transmiti-la.

Mas, gente, nós temos uma dificuldade imensa naquilo que é o nosso principal, o nosso original no Cristianismo, que é o testemunho. Nós da vida religiosa, por exemplo, temos os três votos: pobreza, castidade e obediência. Quem acredita que somos pobres, castos e obedientes? Se a gente tivesse como voto o de solidariedade, de partilha, não seria outra coisa? Mas mudar o nome vai ser um negócio. Em todo caso, temos que testemunhar isso.

Nesse mesmo curso com o Professor Mauro Vilson ele nos deu uma relação dos critérios que as empresas usam para distinguir a sociedade: A, B, C, D, E etc. Então, é pelo número de automóveis, de freezers, televisores. Em nossa comunidade lá em São Judas Tadeu, nós éramos na época 8 padres. Nós estávamos fora e acima de qualquer classe, pois cada um tinha um carro, quase cada um tinha um televisor, quase cada um tinha isso, aquilo e aquilo. Então, nós estávamos por fora e acima das categorias sociais. Como dar um testemunho de pobreza? Mas a gente precisa daqueles carros, daquelas coisas todas. Mas nisso dar testemunho...

E a dificuldade que nós temos na liturgia? Nossas celebrações, os símbolos, as homilias. Um colega meu, o Padre Serginho, disse que no Instituto Santo Anselmo, em Roma, que é um grande Instituto de Teologia, na aula sobre eucaristia o professor disse para ele: "Gente! A minha maior dificuldade não é acreditar que o Cristo esteja presente naquela

hóstia. O meu problema é acreditar que aquilo seja pão". As crianças não pedem a bolachinha também? Eu quero a bolacha como a mamãe ganhou.

Uma palavrinha de marketing e aí nós vamos chegando quase ao final. O marketing é embalagem para a venda. Aliás, vocês já perceberam que na campanha política atual, no Brasil, se substitui o debate pelo marketing. Então, nós não vemos as idéias dos candidatos nas programas, nós vemos a embalagem deles. É embalagem só, dentro daquele show, luz, cor etc e falando aquilo que os fulanos querem ouvir.

O marketing da evangelização: a evangelização virou marketing. Olha, gente, a característica da nossa evangelização, desde o começo das nossas primeiras comunidades de Jerusalém, o original do cristianismo era o testemunho: "Vejam como eles se amam." Não era testemunho de uma doutrina. Era testemunho de um estilo de vida. Isso era o nosso original. "Vejam como eles se amam." Hoje a gente quer dar isso para os marketeiros. Evangelização não é tarefa de marketeiro. Evangelização é tarefa de testemunha.

Parece que estou só no negativo, mas eu vou levantando desafios para vocês. Depois a gente vai procurar corrigir tudo isso, principalmente, toda essa juventude aqui. Se nós um dia voltarmos a esse mundo nós vamos ver uma Igreja totalmente diferente. Confiamos em vocês: Mas, não é que a gente não luta para ir melhorando isso. Claro que lutamos.

Nós temos um grande sucesso. Isso é indiscutível. O nosso sucesso é quando nós trabalhamos individualmente. Cada um na sua congregação, sua diocese, sua paróquia, sua comunidade, seu isso, seu aquilo. Individualmente nós somos imbatíveis.

O nosso fracasso é quando nós temos que nos unir e, justamente, a comunhão é o nosso original, é o nosso testemunho. Mas como é que vamos ser então? Aí a gente vai chegando no final. Ao menos algumas dicas.

3. Concluindo: precisamos saber dar as razões de nossa esperança

Primeiro, um esforço para a gente se capacitar, aprender a linguagem própria desse meio que eu estou usando: se é escrito, se é um boletim, se é um cartaz na parede etc. Que tipo de jornal? Para quem? Programa de rádio: Como é que faz no rádio etc. Eu tenho que me capacitar nisso. Aliás o Papa João Paulo II, na *Redemptoris Missio*, nº 37, letra C, ele dá a entender ali que a gente não pode sacrificar o meio por causa da mensagem.

A gente discute, reclama muito da missa na televisão da Rede Vida, o terço na Rede Vida. O problema é que a missa foi inventada antes da televisão. Agora as duas não se combinam. Se tivesse sido o contrário, talvez desse certo. Se todo mundo consegue colocar na televisão as suas coisas, nós não vamos ter criatividade para encontrar um jeito de colocar missa na televisão? Nós vamos agora falir em questão de criatividade? Isso não é um desafio? O terço é a mesma coisa: Como vamos colocar isso, a reza do terço na televisão para ser atraente, para ser bonito? É, mas televisão é show, é luz, é espetáculo. Como é que nós vamos usar a televisão sem prejudicar a missa e como usar a missa sem prejudicar a televisão? Isso é o desafio para nossa criatividade. Nenhum dono de rede de televisão precisa dizer isso para nós. Isso é tarefa nossa. Nós temos que ajeitar, arranjar o jeito de fazer isso ou então não fazemos. Mas se não fizermos, a gente está confessando a nossa incapacidade, falando de criatividade.

Um outro estilo de linguagem que nós precisamos nos esforçar para ter é uma linguagem que propõe, não uma linguagem que impõe. Como Jesus fazia: e proposta clara, bem apresentada. Mas quem decide é o homem. E diante dos desafios, acabei de falar, a criatividade. Nós temos que ter alternativas. Nós somos gente criativa. Temos que encontrar

maneiras. E muita coisa, vocês sabem, que a gente tem que fazer, é só pressionando para ver se conseguimos alguma coisa.

Por que não um rito de missa próprio para televisão? Que mal tem nisso? Porque o que nós temos não serve! Também, não foi feito para televisão. A missa como Jesus fez não foi feita para televisão. Então, nós precisamos ser criativos, abrir a cabeça, o coração e fazer um rito de missa para a televisão.

Como um rito de missa para as crianças. Coitadinhas! Aquela chatice a criançada escutando aquilo tudo. Domingo passado eu substitui um colega na missa das crianças e disse: "Ah! Meu Deus, se eu fosse criança... ainda bem que não sou mais." Mas, principalmente, a nossa linguagem dialógica, lembrando aquela do rabino: nós somos diferentes, mas não somos divididos. E aceitamos a diferença, tanto que dialogamos. Aceitamos a diferença, mas não aceitamos a divisão.

Vocês me permitam eu deixar assim um apelo aos seminaristas, que eu sempre dou minha preferência aos seminaristas e a vocês leigos também preocupados com essas coisas, mas, principalmente, os nossos seminaristas, que a gente ouve cada coisa dos padres mais novos... Vamos tentar salvar já! Vocês entenderam o que eu estou querendo dizer. Tem que estar preparado, preparado mesmo. Basta desse negócio de improvisação: "Eu sei tudo! Vai ser como eu quero!"

Basta de exibicionismo. Acabem com essas coisas. Tem que ser autêntico. Cada seminarista tem que desde já e, depois de formado padre, ser capaz de conduzir o processo da comunicação. Esse processo dialógico, dentro da Igreja, a comunicação, o diálogo dentro da Igreja. Você tem que ter condições de saber conduzir esse processo, do diálogo dentro da Igreja. E da Igreja com a sociedade, mas reconhecendo a sociedade como interlocutor capaz, interlocutor à sua altura.

Com tanta dignidade e competência como você. Abertos ao diálogo, abertos às pesquisas, abertos à busca. Tem que ser padre assim, hoje. Competentes no uso dos Meios de Comunicação. Naturalmente, não é função do padre ser técnico da emissora de rádio, da emissora de televisão ou do jornal. O padre pensa a comunicação e ele valoriza o leigo competente, profissional. A gente tem que investir nos leigos profissionais para a comunicação da nossa Igreja.

Então, vamos precisar saber dar as razões da nossa esperança, como diz São Pedro. E como profetas, dar o testemunho, a ousadia. Nem acomodados, nem covardes, nem alienados, nem incompetentes e, muito pior, nem medíocres, que são os piores que existem.

E, meus caros, a nova evangelização terá credibilidade se o primeiro fruto dessa nova evangelização for uma nova Igreja. Aí terá credibilidade. E essa credibilidade passa pelo testemunho, que é o que nós temos de mais original. Então, uma nova evangelização que não consegue fazer uma nova Igreja não terá credibilidade no novo milênio.

Padre Augusto César Pereira é professor do ITSC de Taubaté, São Paulo. Transcrição do texto a cargo de Francis Tadeu de Oliveira Mistrelli do 2º ano de Teologia do ITCR da PUC-Campinas.

EVANGELIZAÇÃO E MINISTÉRIO DOS LEIGOS

Antônio José de Almeida

Minha intenção, neste tema, não é falar daquilo que já estudei sobre este assunto, e sim do Estudo do Documento 77, que a CNBB aprovou em final de abril e maio de 1998 e que tem sido estudado e discutido por muitos grupos, paróquias e dioceses de todo o Brasil. Provavelmente, até o próximo ano, este documento terá seu nome mudado.

O Domumento 77 está dividido em três partes e segue a metodologia do ver, julgar e agir. Na primeira parte, são apresentados os desafios e os sinais dos tempos. A segunda parte apresenta o aspecto teológico, *a missão do povo de Deus*, e está subdividida em (1) a missão e (2) povo de Deus. É justamente nesta segunda parte do documento em que se fala dos ministérios. A terceira parte fala da comunidade em missão. Missão compreendida no contexto comunitário e como exigência do anúncio, do diálogo, do serviço e do testemunho.

1. VISÃO BREVE DA PRIMEIRA PARTE

O texto fala que o cristão deve olhar para o mundo com realismo e esperança. É no mundo que irá descobrir os

sinais da vontade de Deus e os caminhos que apontam para este rumo. Mas é também no mundo que irá ver os obstáculos e as forças que impedem a sociedade humana de avançar em direção à justiça e à paz para todos.

O que está por detrás dessa primeira parte do documento é uma teologia dos sinais dos tempos. Sobretudo, porque, a partir do Concílio Vaticano II, a Igreja se torna sensível a isso.

O documento não faz uma análise exaustiva da realidade, mas procura mostrar os traços mais relevantes que se constituem como desafio para o processo evangelizador.

No que se refere aos desafios econômicos e sociais, o documento fala da globalização e de seus aspectos positivos e negativos. No entanto, dá ênfase maior aos aspectos negativos e cita a *Centesimus Annus*, números 34 e 35, em que o Papa aborda a questão da globalidade. No nosso caso (Brasil e América Latina), o crescimento da dívida externa e da dívida social agrava ainda mais essa situação, porque nós temos reflexos particulares.

Observa-se que a economia, cada vez mais, situa-se no centro do sistema do qual nós estamos envolvidos e no qual há uma tendência a subtrair do domínio da ética as questões econômicas e políticas. Nesse sentido, a Igreja tem uma palavra a dar. Ela deve trabalhar na formação das consciências. Hoje, passamos por um processo de deformação das consciências. Aqui no Brasil, temos um crescimento do abuso do poder, um crescimento descontrolado da corrupção e da exploração institucionalizada, o que é favorecido pela impunidade.

No nº 18, o texto faz uma análise da juventude. Diz que uma grande parte dos jovens rompe com o passado, perde a consciência com a forma de viver do passado e com o protagonismo e perde também a perspectiva do futuro, na medida em que procura usufruir do mundo, num clima de individualismo e consumismo.

Esta parte termina dizendo que a globalização e a ideologia que acompanham o neoliberalismo, mesmo tendo se imposto muito fortemente, já encontra sinais de reações contrárias, da parte de grupos, comunidades e governos.

Ainda nesta primeira parte, no nº 21, o texto apresenta os desafios culturais e religiosos. Diz que, apesar da economia ser o centro de nossas relações, ela não é o único fator que explica a forma de viver de alguns grupos e que ela é insuficiente para compreender as tendências da sociedade atual, bastante complexa. O texto diz que, em lugar da cultura tradicional, vai se difundindo, cada vez mais, uma cultura da modernidade. Uma grande característica da modernidade é o pluralismo cultural que, como todos sabemos, não é uniforme e, ainda, sofre influência dos MCS. Hoje, misturam-se neste fenômeno a cultura popular, a erudita e a científica. É preciso reelaborar a identidade pessoal. Na sociedade tradicional, a identidade já era dada. Na modernidade, cada indivíduo é desafiado a elaborar sua própria identidade, na medida em que vai adquirindo, para compor sua identidade social, aqueles elementos que o mercado lhe oferece. Porém, este tipo de identidade é fraca, porque não se enquadra em todos os ambientes e porque não é sempre a mesma.

O pluralismo também tem conseqüências explosivas no campo religioso. Hoje, a religião não é mais uma religião que se baseia e se pauta a partir da revelação. Antes, é a busca de soluções para os problemas pessoais. Ela é mais uma religião do tipo que consola, cura e ajuda a dar sentido à própria existência. E, ainda, reconsiderando as opções pessoais, temos uma grande variedade à nossa disposição. Alguns optam por uma religião sem muita institucionalidade e sem práticas comunitárias. Outros, por uma religião que repropõe a comunidade tradicional; é a religião fundamentalista, que garante segurança. Outros, por formas mais espontâneas de manifestação do sagrado: esoterismo, budismo, crença na reencarnação. Rejeitam-se, assim, as grandes religiões e a

racionalidade científica. Embora a grande maioria das pessoas seja católica e ainda opte por ela, dois fenômenos convivem lado a lado: a adesão parcial, em que se faz a seleção daquilo que se crê, e as tendências fundamentalistas, que atinge setores de movimentos e comunidade.

Esta parte termina dizendo que, para o católico, a melhor resposta a essa situação não é simplesmente conservar a religião tradicional, e sim renovar a sua adesão ao catolicismo, tornando-a mais consciente e responsável, enraizando-a numa profunda experiência de Deus, iluminada pela palavra, partilhada na vivência comunitária e sacramental e atenta ao magistério da Igreja. Na sociedade atual, ou o cristão tem uma fé personalizada, assumida, enraizada numa experiência forte de Deus, ou, simplesmente, não será cristão.

A última subdivisão da primeira parte traz como título: *Força e Fraqueza dos cristãos*. Quero partir de dados não só numéricos, mas também qualitativos.

Nota-se, hoje, uma busca da espiritualidade, que, por sua vez, é caracterizada pelo pluralismo e pelo subjetivismo. Há uma multiplicação de novos movimentos que oferecem várias propostas. Experimenta-se um novo vigor nas antigas associações religiosas e também na tradição religiosa popular. Surgem propostas pastorais inéditas e o aumenta a busca de formação teológica. Há clima favorável para o ecumenismo e para o diálogo inter-religioso, não obstante a resistência de grupos radicais e a tendência a nivelar e confundir as experiências religiosas.

Observa-se também a profunda transformação de católicos militantes na sociedade, principalmente no processo de redemocratização. As CEB's assumem uma atitude mais crítica em relação à sociedade e em relação às pastorais sociais; vêem-se cristãos engajados em conselhos partidários e exigindo apoio da comunidade eclesial. As paróquias, sobretudo as urbanas, aparecem com mais atividades e os párocos

sobrecarregados. As pastorais são fragmentadas e falta harmonia entre elas na comunidade. Uma tendência crescente é a de tornar as paróquias uma rede de comunidades. As CEB's continuam ainda numerosas; porém, apresentam uma queda em suas atividades. O número de agentes pastorais aumentou. Temos, no Brasil, conforme pesquisa do CERIS, 70.000 celebrações semanais, de 300 a 350.000 catequistas, 100.000 agentes da pastoral da criança e um número incalculável de pessoas que assumem outros ministérios. Calcula-se, para cada presbítero, um mínimo de 50 leigos.

O nº 31 do documento destaca que, na Igreja, a presença maior é a de mulheres.

Na última década, aumentou o clero diocesano. No Brasil, temos 16.000 padres. Nos últimos 15 anos, ordenamos 4.500 padres. Mas a situação ainda é ruim se comparada ao ano de 1960, quando, para cada 6.284 habitantes, tinha-se um padre disponível. O aumento do número de padres, porém, não acompanha o crescimento populacional.

O texto ainda diz que é urgente, por um lado, repensar a ação do ministério presbiteral e, por outro, ter em conta a corresponsabilidade de todos os cristãos no plano da evangelização e uma melhor adequação do padre aos desafios da comunidade eclesial e da sociedade.

2. A SEGUNDA PARTE: A MISSÃO DO POVO DE DEUS

2.1. O conceito de Missão

Como eu havia adiantado, esta parte subdivide-se em dois blocos: o primeiro é uma reflexão sobre a evolução do conceito de missão, do Vaticano II às últimas diretrizes. O segundo é uma reflexão sobre a teologia do povo de Deus e,

nela, aborda-se a questão teológica dos ministérios.

O texto começa dizendo que, em relação à sociedade atual, a Igreja tem a missão essencial de prosseguir a prática de Jesus. É este o serviço que ela deve prestar ao mundo. A compreensão da missão deve ser aprofundada na medida em que a Igreja presta atenção aos sinais dos tempos e às mudanças na história humana.

O texto revela algumas idéias chaves que surgiram nestes trinta anos. Primeiro, a missão não é, antes de tudo, tarefa humana, e sim obra de Deus no mundo. Trabalha-se o conceito pluriforme do Vaticano II de Igreja como *sacramento de salvação*. A Igreja é o fruto das divinas missões do Filho e do Espirito Santo, enviados pelo Pai. Assim, a Igreja é toda missionária, toda conotada pela missão, exatamente porque surge das divinas missões. Com grande força, desde o final do século passado, a Igreja tem sentido uma ruptura com a cultura moderna. Com o Vaticano II, e mais ainda após o Concílio, esta mesma Igreja vê como necessário criar-se novamente a si mesma no seio da sociedade, de ressurgir na sociedade, de se reelaborar. Surge, então, o tema da *Plantatio Ecclesiae*, ou seja, da implantação da Igreja. A Igreja não está mais adequada às condições atuais da sociedade e da cultura. Este tema foi forte no Vaticano II. Naquele momento, já se colocavam alguns elementos para que a questão não fosse pensada em função da implantação da Igreja, e sim que a Igreja fosse, cada vez mais, pensada como serviço ao leigo, mais exatamente, ao reino de Deus e à paz.

Nisto, nós já temos duas noções: primeiro, a missão pensada como implantação da Igreja na sociedade moderna, e, segundo, a missão pensada como serviço ao Reino de Deus no mundo.

Na década do Concílio e na posterior, a Igreja foi tomando, cada vez mais, consciência do valor e da necessidade do diálogo. É famosa e paradigmática a Encíclica *Ecclesiam*

Suam de Paulo VI, promulgada logo no início de seu pontificado. O papa aborda, exatamente, o diálogo e, sobretudo, o diálogo com a sociedade. O concílio havia tratado tal problema na *Gaudium et Spes*. Paulo VI, porém, retoma a questão com muito mais força nesta Encíclica de 1964. Já o Concílio havia trabalhado a questão do diálogo com as Igrejas Cristãs e se mostrado, de certa forma, aberto ao diálogo inter-religioso, que é um tema que será aprofundado depois.

Quanto a isso, o texto da CNBB realça que o diálogo não nasce de interesses práticos, mas de uma atividade que apresenta motivações, exigências e dignidade próprias. Em outras palavras, é exigido profundo respeito por tudo aquilo que o Espírito, que sopra onde quer, operou em cada homem. Através de tal diálogo, a Igreja pretende descobrir as sementes do Verbo, os fulgores da realidade que ilumina a todo homem, as sementes que se abrigam nas pessoas e nas tradições religiosas da humanidade.

Com isso, temos um outro aspecto da missão: a missão da Igreja não pode ser pensada sem aquilo que o Espírito de Deus está realizando em vários povos, culturas e tradições religiosas. Antes, deve ser programada sistematicamente, deve articular as dimensões antropológica e ideológica (que partem dos problemas dos leigos), deve ser orientada predominantemente para as atuações das transformações sociais, deve ser diversificada e adaptada às diversas situações e deve dar especial atenção ao campo sócio-político.

Os conselhos de leigos têm caráter canonicamente consultivo, e isto não significa que os(as) leigos(as) não devam participar da elaboração das decisões, e sim que os párocos devem assumir as decisões dos conselhos, a não ser que tenham graves razões de consciência para adiar uma decisão ou levar o problema aos superiores (bispos). O conselho dos leigos é o espaço próprio de articulação, organização, crescimento, formação, etc.

2.2. A segunda parte do Documento 77 da CNBB e as orientações da Santa Sé sobre os Ministérios Leigos

Qual a esperança de uma Igreja menos hierárquica e mais ministerial? Quando as mulheres poderão presidir uma celebração eucarística como leigas? Podemos ter esperança?

A instrução romana tem duas partes. A primeira traz uma fundamentação teológica. A segunda traz orientações práticas.

A fundamentação teológica é bastante sólida. Deve-se, no entanto, fazer a ressalva de que não aborda a questão do que vem a ser ministério, para que se possa discutir a possibilidade ou não de ser assumido por e atribuído a leigos.

O problema, porém, está na parte prática e o problema nasce de um equívoco. Há uma série de funções que historicamente, tradicionalmente, têm sido atribuídas a e exercidas por ministros ordenados mas que, teoricamente, não supõem a ordenação para serem exercidos. Qualquer membro da Igreja, em certas condições, pode assumi-los.

O equívoco está em tomar aquilo que é fruto de uma determinada evolução histórica e de uma espécie de monopolização das funções pela hierarquia da Igreja e dogmatizar essas evolução e monopolização. O processo é considerado legítimo e sem alternativas. No entanto, poderia ser diferente, ou seja, há uma série de funções que poderia ser exercida dentro da Igreja por leigos(as) com uma boa teologia. A Igreja, tendo em vista a atual penúria de ministros ordenados, a falta de vocações e a complexidade da ação evangelizadora, poderia criar verdadeiros novos ministérios a serem confiados, com responsabilidade e autoridade próprias, a ministros(as) leigos(as). Essas funções podem sempre continuar a ser exercidas por padres, bispos e, em parte, por diáconos. Mas nada impede que uma série delas seja exercida por ministros leigos. A verdadeira questão, porém, é a falta de uma consciência suficiente dos desafios das comunidades paroquiais e das

igrejas particulares que leve a perceber onde estão as reais necessidades; ou mesmo coragem suficiente para dar esse passo.

O Documento 77 leva em consideração o documento romano e procura aproveitar as brechas deixadas por este. Evidentemente, propõe incentivar e valorizar aquilo que já existe de potencial e que já está funcionando. Essa é a grande diferença entre ambos os textos.

Quanto à questão da esperança de termos uma Igreja mais ministerial e menos hierárquica, depende de duas coisas: do vigor, da vitalidade das igrejas locais e do processo, do dinamismo evangelizador que elas forem capazes de impulsionar. Isso depende de nós, do Espírito Santo, não de decisões simplesmente burocráticas ou de instâncias da hierarquia. O documento romano poderia ser visto com uma espécie de canto do cisne. A coisa está ruindo por vários lados e temos que tentar salvar o salvável, o que realmente é necessário salvar. Nisso há um conflito entre duas figuras ou modelos ou projetos de Igreja, e o documento romano tomou a defesa de um determinado modelo. Na prática, porém, há outros que estão aí, que vêm da objetivação teológica. Outro modelo é o que se sustenta fortemente no NT, o qual apresenta uma pluralidade de imagens de Igreja. No NT e na Igreja Antiga, encontramos uma pluralidade de ministérios que a evolução histórica posterior acabou por monopolizar nas mãos de poucos. O que nós estamos vivendo, hoje, na América Latina, no Brasil, em termos de criação de novos ministérios, tem muito a ver com o que se deu no processo do NT.

Quanto à outra questão, quando as mulheres poderão presidir ou ser ordenadas, devo confessar: não sei. Do ponto de vista romano, sendo Jesus do sexo masculino e tendo ele escolhido apóstolos do sexo masculino, a Igreja não se sente livre para modificar a postura atual. Mas há um outro ponto de vista, defendido até por teólogos conservadores, como Dom Boaventura Kloppenburg, de que isto é um dado cultural. Ou

seja, Jesus agiu dentro das limitações da sua cultura, de seu horizonte cultural e, em respeito ao simbolismo de sua cultura, ele não poderia escolher senão doze homens, que simbolizavam os doze patriarcas. E a renovação da totalidade dos patriarcas de Israel, sendo um dado cultural, poderia ser relido em outro contexto e de outra maneira. E a Igreja poderia ser livre para ordenar, não somente homens, mas também mulheres. Essa é uma questão cuja discussão se tornou proibida pelo atual Papa há pouco mais de dois anos, quando ele promulgou um documento, quase uma definição dogmática, afirmando não haver solução. Infelizmente, nesse assunto a liberdade de pesquisa e de opinião acaba sendo limitada, o que é prejudicial para a própria Igreja para a sua missão.

3. QUE ESPERAR PARA O FUTURO?

Oxalá, no futuro, alguém com outra mentalidade reavalie essa questão, porque bons teólogos, e mesmo bispos, são da opinião de que a Igreja poderia dar outra definição para este problema.

Primeiro, o documento 77, diz que os presbíteros estão com excesso de trabalho. Não será porque não foram preparados para delegar poderes?

Segundo, embora, hoje, os leigos tenham conseguido na Igreja uma abertura bem grande, ainda esbarramos nas velhas estruturas conservadoras de certos padres. Entre estes, alguns bem novos. Como o(a) leigo(a) pode também ser protagonista dessa realidade sem se frustrar?

No que se refere ao excesso de tarefas, há varias situações. Aquela em que o padre exerce o ministério de forma mais ou menos tradicional, mantendo, de fato, tudo nas mãos.

Há uma sobrecarga, também, daqueles que exercem o ministério de forma renovada. Pessoalmente, acho que em uma paróquia em renovação, as atividades se multiplicam enormemente e, ainda que o padre redistribua sem trabalho, ele continua sobrecarregado. O estudo da CNBB fala que devemos repensar as prioridades do ministério presbiteral. Na verdade, o documento está apontando para outro modelo de comunidade, para outro modelo presbiteral. Nós temos ainda paróquias enormes do ponto de vista populacional. A relação está de 1 para 10.000, mas a distribuição é bastante irregular: há padres que atendem áreas com 130, 150, ou mesmo 170 mil habitantes, enquanto outros atendem de 3 a 4 mil.

Esse modelo paroquial acaba sobrecarregando o padre. Se pudéssemos pensar a Igreja como uma grande rede de comunidades menores e essas comunidade tivessem seus próprios ministros e alguns ordenados que assumissem a animação, a coordenação, o acompanhamento delas (tipo paróquia atual), certamente a relação de ministros ordenados da comunidade, de lideranças leigas, etc, seria diferente. E o padre poderia ter uma relação muito mais próxima dos fiéis. É o que acontece nas comunidades evangélicas que não são tão grandes assim. E isso só seria possível, se a Igreja aceitasse a tese de ordenar os chamados "homens maduros na fé", casados e com família. A estrutura ministerial comunitária da Igreja ficaria totalmente redesenhada.

Teoricamente isso é viável. A Igreja católica do Oriente tem essa possibilidade; mas, na Igreja latina, há uma posição de fechamento para isso. E a saída intermediária seria reconhecer que, nos fiéis existem carismas, aptidões básicas para assumir funções diferenciadas na Igreja. Então o padre se transformaria naquele que anima, coordena, acompanha, ajuda na formação dessas lideranças todas, com as quais ele reparte o trabalho evangelizador. Na verdade, o padre pensado nesse modelo seria uma espécie de mini-bispo; mais ou menos um modelo episcopal, porque ele teria que exercer um ministério, não tanto,

de contato direto com as pessoas, mas de um acompanhamento mais geral do ministério dos vários líderes e das várias comunidades.

Esta é aquela proposta que Dom Tepe fez de padres como pastores. No seu livro *Pastores do Povo de Deus*, ele pensa o padre como um grande animador e coordenador, e não como alguém que executa as tarefas.

Eu, pessoalmente, acho que devemos ter mais informações, mais dados da sociologia. Eu acho que nós ainda temos uma boa porcentagem das paróquias no Brasil que ainda estão no modelo tradicional, sacramental, muito centralizadas, com muitas responsabilidades diretamente nas mãos do padre. Há padres cuidando de contas de banco ou organizando festas, há padres restritos ao atendimento sacramental. Isto é catastrófico para o futuro da Igreja se ela não repensar o problema. No documento, fala-se dos novos padres e faz-se a seguinte crítica: de uns quinze anos para cá, os novos padres têm certos vícios de sacramentalização, centralização, etc. Tal sintoma não é exclusivo dos novos, mas algo comum aos padres da nossa geração e das gerações anteriores à nossa. No entanto, isso precisaria ser avaliado, porque estamos em outro momento histórico, outro clima cultural. Hoje a religiosidade é diferente e muito forte. A sensibilidade para o lado estético é muito maior. Isso teria que ser melhor analisado.

A formação deveria enfrentar essa e outras questões que, muitas vezes, não são enfrentadas, não sei dizer por que. Talvez sejam dribladas, camufladas ou, em nome do respeito à individualidade, evitadas. As conseqüências surgem depois, é claro.

Cada Igreja local deveria pensar melhor o perfil do padre que realmente quer é trabalhar a formação a partir desse perfil. Às vezes, esse perfil não está muito claro e o processo se complica. Nestes casos, não adianta criar o quinto e o sexto anos. Deveria ter sido trabalhado desde a pastoral vocacional,

no propedêutico e, onde houver, no seminário menor. A Igreja precisa definir melhor um ou mais perfis de padre que ela necessita e trabalhar por isso. O candidato serve ou não serve. Caso não sirva, os formadores devem ter a coragem de dizer a ele que procure outro caminho a seguir. Não é esse tipo de Igreja que queremos construir?

Uma análise realizada acerca do clero francês diz que a situação é difícil. Há dioceses que há anos não ordenam ninguém. Há mais de 20.000 comunidades sem o atendimento direto de um padre. Essa é uma situação nova na França e ele diz o seguinte: "Nessa penúria em que nós estamos, mesmo assim, temos que investir nas melhores vocações. Não é porque a situação, do ponto de vista numérico, é calamitosa, que nós vamos abaixar a qualidade. Precisamos ter critérios muito rígidos na seleção. Claro que dentro do perfil que se deseja de uma Igreja desafiada como é a nossa. Não se pode e nem se deve baixar as exigências em termos de qualidade de um presbítero".

No que se refere a ministérios, não se trata de delegar. Delegar passa a seguinte idéia: eu tenho, em razão do sacramento do crisma, autoridade para realizar aquilo e o outro não tem. Assim, eu transfiro algo que era de minha responsabilidade para o outro. Mas isso não é correto na teologia dos ministérios, não é esse o esquema. A teologia dos ministérios propõe que, em cada comunidade, cada membro tem um carisma, uma aptidão, uma vocação para realizar algo. Eu vou olhar a necessidade da comunidade e ter a coragem de criar ou reconhecer o ministério próprio para determinada situação e atribuir responsabilidade própria. Não é esquema de delegação. Se partirmos do princípio de que as pessoas não só devem ser cristãs, mas que precisam ter carisma, o ministério é a afloração de tal carisma a serviço na comunidade. Não é esquema de repartição burocrática ou meramente funcional de tarefas. É o reconhecimento dos carismas de fato existentes na comunidade. O carisma deve responder às reais necessidades

da comunidade. A questão da renovação dos ministérios não é uma questão de delegação, e sim de reconhecimento dos carismas e, relacionado a isso, das necessidades da comunidade em sua missão.

Padre Antônio José de Almeida é Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Professor de Teologia no Instituto Teológico Paulo VI de Londrina, Paraná. Transcreveram o texto Edson Marcelo Falsarela e Ismael Vanderlei Avi, do 2º ano de Teologia do ITCR da PUC-Campinas.

EVANGELHO, EVANGELIZAÇÃO E LIBERDADE

Parte I

José Comblin

1. EVANGELHO E ELITES SOCIAIS

O que é o evangelho para o mundo universitário? O que é o mundo inculturado? Afinal, estamos aqui no contexto de uma universidade e o evangelho também se dirige a eles, aos universitários. Eles são os Zaqueus dos tempos modernos, os jovens ricos dos tempos atuais, e no evangelho também há uma orientação específica para eles. Qual é esse evangelho?

Vivemos um contexto de decadência progressiva do modelo paroquial tradicional. Daqui a cem anos, haverá alguns restos, algumas sobras; mas todo mundo acaba dando seu aval e esse modelo vai ficando cada vez mais desacreditado, porque não consegue resistir à implantação da própria civilização ocidental que, atualmente, se impõe com tanta força. Em conseqüência, o catolicismo tradicional não é capaz de resistir, de agüentar. Inclusive outras religiões parecem mais fortes e, então, parece que o indivíduo tem mais capacidade de resistir a este salto de encontro a uma cultura e civilização nova, científica, tecnológica, individualista, etc.

No Japão, não há mais desemprego. No Brasil, há desemprego, e muito. Em quase todos os países católicos há

muito desemprego. E por que não no Japão? Porque é mais rico? Não. Porque o Japão dividiu a economia em dois setores. No setor para a exportação se pratica a competitividade, a produtividade máxima. Isso é 10% da economia. E o restante sacrifica a regra da competitividade, da produtividade, para salvar o camponês. Os japoneses pagam pelo arroz dez vezes mais do que pagariam se importassem do Vietnã; mas, como querem salvar a classe dos pequenos agricultores do Japão, preferem pagar mais caro pelo arroz.

No Brasil é o contrário. Decidiram sacrificar, no caso dos agricultores, os mais miseráveis. Então, a migração para a cidade foi crescendo. E nos serviços, vão eliminando a vez dos que podem menos. Quer dizer, os países católicos são os que menos praticam a solidariedade. São os países pagãos os que mais praticam o evangelho.

Não é a primeira vez que isto acontece. Isto nos deve levar a pensar, refletir e fazer atos penitenciais que não sejam simplesmente formais, como se faz nas nossas liturgias, em que se acusam todos os pecados, salvo os verdadeiros.

Parece que, na América Latina, as Igrejas são incapazes de impor uma barreira que iniba a entrada dessa nova cultura. Inclua-se, um segundo elemento: muitos e cada vez mais parecem aceitar o papel que esta civilização capitalista lhes reserva. Já faz mais de vinte anos que os teólogos do capitalismo, Michel Neubart, Peter Berger e outros defenderam a tese de que, na civilização capitalista, há espaço para a religião, que há espaço para as igrejas. Mas que espaço?

É o espaço da terapia. O capitalismo vem satisfazer tantas tristezas, tantas formas de frustrações, que cria a necessidade de consumo, a necessidade de terapias. Com isso, fica aberto um espaço imenso e parece que o mundo está contente e satisfeito com isto. É uma civilização que refaz e retifica todas as terapias, porque a metade da civilização é neurótica. Porque são neurotizadas pelas necessidades da

luta, pela incerteza, pela competição. Enfim, por um mundo em cada um tem que lutar contra todos, em que não há mais solidariedade, em que ninguém pode contar com ninguém, apoiar-se em ninguém, como era antigamente na civilização judaica. Você chega na cidade, a solidariedade desaparece, cai totalmente, e aí é luta, cada um deve e paga, e se não triunfa, sente-se marginalizado.

No meio dessas inúmeras terapias que agora se propõem, basta visitar uma bienal ou uma exposição de livros e ver o que é que se publica, o que eles vendem: terapias de todos os tipos. Pode ser terapia pelos perfumes, pelas pedras, pelas estrelas, por toda uma série de ervas e plantas de todo tipo, de todos os aspectos psicológicos, que vêm de todas as fontes do mundo inteiro, algumas da China, da Índia... Qualquer lugar do mundo tem centenas e centenas de métodos de terapia. Entram aí também as tais religiões que têm um aspecto que de fato se dedicam a isto. Seria bom, uma coisa boa: terapia para pessoas que estão em estado de estresse. Mas não é propriamente o evangelho, nem a libertação. Quer dizer, a civilização dominante está restringindo perfeitamente o papel que se atribui à religião e aos de esquerda.

E agora, qual é o desafio para os cristãos neste mundo? Pois ele é para as pessoas que estão colocadas em primeiro lugar, nos lugares privilegiados, que têm possibilidade de conhecer, de saber. As nossas faculdades teriam a possibilidade de saber o que está acontecendo no Brasil. Vão ter que aprender para entender, para compreender isto. Porque estão totalmente desorientadas no momento de agir. Não dá para entender, mas o universitário, enquanto aluno de universidade pública, pode saber, portanto, deve saber, deve conhecer e, por isso, a responsabilidade que lhe cabe vem da posição privilegiada de, em querendo, poder saber. Claro que não basta a teoria das aulas dos professores, porque nem sempre estas aulas dos professores vão dizer outra coisa que não seja o discurso oficial, o discurso obrigatório. Mas, de

qualquer maneira, os universitários têm acesso a bibliotecas, à Internet, a muitas fontes de informação. Querendo saber, podem, têm condições. Por que não podem compreender o sistema e sentir a urgência? O sistema está mudando tanto, esvaziou completamente toda a tradição; progressivamente, desaparece tudo. Desaparece tudo o que havia de tradição, dos pobres. Tudo o que é solidariedade humana, tudo o que é gratuidade, tudo que é amor ao próximo, está sendo esvaziado. Porque há uma só obrigação, um só valor, que é a obrigação de ganhar dinheiro. E ganhar dinheiro o mais possível. A isso deve dedicar-se, a esta atividade santificadora dos tempos atuais. Dedicar-se ao deus que é o dinheiro, simbolizado em seus santuários, que são as bolsas de valores, e chegar a tê-lo, não pelo trabalho, mas através da bolsa de valores, da especulação. A atividade central é a especulação financeira. E quem está vivo, quem quer progredir, quem quer avançar na vida sabe que aí está o segredo, aí está o dinheiro, aí está a fortuna, aí está a possibilidade de crescer na vida e na sociedade. Está aí, na bolsa de valores, na especulação.

Alguns países chegaram a pensar que poderiam renunciar a toda produção, dedicar-se unicamente a formar uma nova cultura, na qual todo mundo se dedicasse ao dinheiro, à especulação, à multiplicação do dinheiro em função do dinheiro. Esse é o jogo deles. Esses estão instituindo a nova classe dirigente de todas as nações, aqueles que dirigem, divulgam os valores.

Por outro lado, é preciso saber qual o ponto de vista deles e se isto poderia ser compatível, isto é, se uma pessoa poderia dedicar sua existência a entrar nesta busca de dinheiro, cada vez mais dinheiro, e manter alguma sensibilidade cristã.

2. A REBELIÃO DAS NOVAS ELITES

Cada vez mais é assim e ninguém faz nada. Por quê? Por dinheiro. Até vinte anos atrás, a metade da humanidade trabalhava gratuitamente. Todas as mulheres trabalhavam gratuitamente. Todo trabalho não era pago, não recebiam nenhum dinheiro. Metade da humanidade podia manter uma sensibilidade cristã. É por isso que as mulheres permaneceram cristãs por muito mais tempo, porque o marido se dedicava ao deus dinheiro e a mulher dava a possibilidade ao Deus de Jesus Cristo, porque não buscavam o dinheiro. Toda a sua vida estava dedicada a não buscar dinheiro, a agir gratuitamente.

Mas, ultimamente, primeiro nos EUA, depois nos países do primeiro mundo, nas classes médias e nas classes superiores, as mulheres entram e se envolvem cada vez mais no sistema em que vale quem ganha dinheiro. Aí está a publicidade oferecendo todas as vantagens. O dinheiro nos permite satisfazer todos os desejos. E aí está o sistema publicitário. Às crianças com dois, três anos de idade, oferece-se um mundo de coisas agradáveis para satisfazer o desejo. O desejo se torna a regra, a norma. É preciso satisfazer os desejos. A publicidade está criando desejos novos. Não só vai ao encontro das vontades naturais, como vai multiplicando os desejos, para multiplicar as ofertas produzidas e, assim, fazer crescer o ritmo de circulação do dinheiro. Esta é a situação em que a civilização atual cada vez mais se encontra. E não pensemos que isto vai terminar em dez ou vinte anos, pois os dominadores criam condições de conduzir os valores para onde querem.

Até os sociólogos norte-americanos estão assustados. Assustados porque todos os valores tradicionais da nação norte-americana de per si desaparecem. Tudo o que era solidariedade humana tende a desaparecer.

E nasceu uma nova classe social. E já está bem

implantada aqui em São Paulo esta nova classe dirigente. Christopher Lasch, em seu livro "A Rebelião das Elites e a traição da democracia", afirma que as elites novas se negam a qualquer solidariedade. Não assumem nenhuma responsabilidade social. É a primeira vez que acontece, na história da humanidade, uma classe dirigente que se nega a assumir a responsabilidade pelo munus social de uma nação, de uma pátria e de uma sociedade. Os latifundiários antigos eram mais conscientes e mais responsáveis. Os atuais se dedicam à especulação financeira e assumem cada vez mais as gerências das empresas. Os donos das empresas estão cada vez mais expansionistas, vulneráveis e não têm muita influência. Quem determina é o executivo.

O salário dos executivos aumenta, cada vez, 10% em todos os países, qualquer que seja a situação. Se os salários dos empregados ficam iguais ou quase; se, como nos EUA, em quinze anos, o salário médio baixou 14%, não faz mal. Todos os anos, os executivos ganham aumento e tornam-se, assim, uma super-aristocracia. Nos EUA, 45% do produto nacional está nas mãos de 1% da população. O Brasil ainda vai conseguir chegar lá... Vai parar lá, não há dúvida. Porque a dinâmica está implantada. Uma super classe social que é celebrada por todos os Meios de Comunicação. Cada pessoa vale pelos milhões de dólares que possui. Os que têm apenas duzentos milhões são mais modestos. Mas, de qualquer maneira, é assim. Vejam bem: campeão de futebol, a cada ano ganha mais; apresentador de televisão, igualmente. Esses são os campeões apontados pelas elites.

Essa classe é cosmopolita, não se sente responsável pelos irmãos, vivem isoladamente, separados cada vez mais, edificando as Alphavilles, que são paraísos artificiais, separados do resto do mundo, onde alguém pode passar a vida toda sem saber que existem pobres no país. Essa pessoa viria a saber um dia porque, talvez por interesse, a televisão os mostrasse.

Mas, por medo, nunca verá uma pessoa pobre, nunca

verá um dos operários que trabalham em sua fábrica, nunca fará contato direto com um deles. Falamos de uma classe que não tem contato com ninguém, que se isola, que vive nos outeiros do mundo inteiro. Todos os que pertencem a ela são iguais. Voam de Hong Kong para Tóquio, de Tóquio para o Cairo, e para a China e nada os impede de passar alguns dias em São Paulo. São os donos do mundo e determinam os valores. Concentram em suas mãos todos os recursos. Sabemos que, daqui a pouco, o governo vai aumentar os impostos. Mas os únicos que não terão impostos aumentados serão os executivos. Essa classe dirigente não vai aceitar pagar impostos demais. Conseguiram, nos EUA, a redução drástica de seus impostos pelo presidente Reagan. E assim se mantêm. Não querem pagar impostos, porque não são solidários.

Os executivos têm a seguinte idéia: "Se existem pobres, não tenho nada a ver com isto. Se tem gente que está passando fome no Brasil, não tenho nada a ver com isto. Que eles façam como eu. Eu consegui um bom nível de vida. Façam como eu... porque não tenho nada a ver com isto!" Uma classe social que não tem nenhum sentimento de responsabilidade social, porque não aceita sacrifícios. Uma classe que reserva para si mesma uma porção cada vez maior do produto nacional, sem arrependimento, sem sentimento de culpa absolutamente. Os que pertencem a esta classe, consideram-se inocentes, totalmente isentos de pecado. Nem sabem o que é isto. E como não tem contato humano, jamais o saberão. Vivem no mundo dos computadores. São seres humanos que se conhecem pela Internet, jamais por contato direto, jamais por contato imediato.

E é esta a classe que impõe os seus valores, porque os transmite pela mídia; e a televisão, bem como os outros Meios de Comunicação, os oferece como referência. E isso cria tensões e medos na classe média que quer imitar o modo de viver da classe superior e não tem dinheiro suficiente para isto. Quer imitar, quer entrar e o dinheiro não dá. Além disso, o nível da classe média está abaixando progressivamente e isso

aumenta a angústia, porque quem pertence a ela não pode participar nos valores reconhecidos socialmente. Esta é a situação em que estamos.

E o que diz o evangelho? Na versão de Lucas, Zaqueu diz que vai dar a metade de seus bens aos pobres e devolver quatro vezes o que defraudou (Lc 19,8). E o jovem rico, o que ele tem a fazer (Lc 18,22)? E nesse momento de final de século XX, o que Jesus diz? Jesus diz que devemos buscar uma alternativa, outro modelo de sociedade, a partir do lugar em que estamos, com o que somos e com as capacidades que temos. Mas isso exige aceitar e definir uma situação de ruptura. Na verdade, exige tomar consciência da dinâmica social em que estamos e decididamente não cooptar este ritmo, não aceitar, mas buscar uma sociedade alternativa, de diversas maneiras, de inumeráveis maneiras.

Não vamos, agora, pensar que os partidos de oposição vão mudar a situação. Se o Lula fosse presidente, ele faria exatamente o que o Fernando Henrique está fazendo, porque não tem liberdade nenhuma. São os industriais quem impõem o conjunto de valores. O Lula seria prisioneiro de todas as forças culturais e econômicas que se lhe imporiam. Não é uma reforma política que vai resolver a curto prazo. O tempo da política virá mais tarde. Vai demorar dezenas de anos. Não é por este caminho. Porque o modelo que se implantou está tão forte que já foi assimilado até pelos mais pobres, os quais começam a venerar os ídolos do dinheiro. Os formadores das diversas culturas, que preferem confiar seus destinos a alguns desses homens muito ricos, ficam impressionados pelo modo de viver destes, e não percebem que este modo de viver tira deles (dos formadores das diversas culturas) a subsistência e a possibilidade de liberdade.

A classe política não vai criar um modelo alternativo. Esse modelo tem que ser primeiro vivido por grupos humanos que não querem o modelo dominante e procuram uma alternativa.

Não adianta fazer muito discurso. Hoje em dia, as palavras perderam todo o seu valor. Isso, porque a pesquisa é generalizada. É só observar o jornal. (Eu mesmo, assisto uma vez a cada três meses o Jornal Nacional da Globo, para não ser contaminado...) É pura mentira... Podemos até escolher... Durante dois anos, nós ouvimos que o Brasil está bem, que o governo tomou todas as medidas para evitar a crise e que nunca haverá crise séria no Brasil. Certo? É pura mentira... E muito bem elaborada, muito bem proposta e combinada. E os apresentadores tem uma inocência que parece tão grande... Podem informar e dar a impressão de que as notícias são sérias e que falam sinceramente. Mas é um jogo de mero sentimentalismo.

Isto acontece não só na televisão, mas no conjunto da imprensa que aí está. A linguagem não tem mais significado. Cada um diz o contrário daquilo que pensa. Quando alguém diz que vai fazer algo, podemos ter a certeza de ele que vai fazer o contrário. Daí, que se perdeu toda confiança na linguagem. Por que tanta indiferença do conjunto da população para com a campanha eleitoral? O povo se deu conta que tudo é mentira, que ninguém fala sinceramente, que ninguém diz realmente o que existe e o que vai fazer.

A classe executiva não vai ceder. Então, é preciso uma economia alternativa que possa dispensar os serviços dela e em que as empresas possam ser dirigidas pelos próprios empregados. Até nos EUA, os melhores críticos de hoje dizem: "É só o socialismo que pode mudar esta situação". Um socialismo baseado na responsabilidade e na competência dos próprios trabalhadores, que tomam conta de sua vida. Isso é bem possível. O obstáculo é a resistência da classe dominante. Mas, em síntese, é bem possível. Um bom exemplo é o de uma companhia aérea americana, a principal delas. Esta companhia aérea conta com novecentos aviões e é dirigida pelos próprios empregados, que dispensaram os executivos por causa da remuneração. Os próprios empregados é que vão escolhendo

os seus dirigentes, que pertencem ao mesmo mundo deles. E todas as empresas poderiam ser dirigidas pelos próprios empregados. Não estamos mais na época em que os empregados são analfabetos. Os empregados têm mais visão e mais conhecimento que os próprios executivos, que só se interessam pelo discurso que têm na memória, mas não sabem como as coisas são na realidade, como lidar com a realidade e nem levar em conta a realidade.

Hoje, 24 de setembro de 1998, na *Folha de S.Paulo*, até o diretor gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI) confessou que tinha cometido um erro na Ásia. Ora, ele devia estar na cadeia por ter errado, porque milhares e milhares de pessoas morreram por causa disto, milhares e centenas de milhares caíram na miséria por causa disto. Ele é um criminoso, muito mais culpado do que aquele que matou alguém na rua por aí. É um criminoso de grande gabarito. Mas não tem problema: ele não irá para a cadeia de jeito nenhum. Ele pode ficar sossegado que não lhe acontecerá nada. E se for, por ter faculdade, será recebido como um príncipe, embora seja um criminoso.

Um socialismo cooperativista em todos os ambientes, é isto que deve ser valorizado. Porque o tipo de empresa capitalista que nós temos somente serve para manter o sistema atual como está e acorrentar a solidariedade. E o primeiro desafio é refazer uma sociedade em que possa haver solidariedade, que está quase destruída. Ela somente subsistir em famílias opcionais, em vilas de pobres que se ajudam mutuamente. Mas, nas classes dirigentes e nas classes médias, a solidariedade quase desapareceu. Para os jovens é uma palavra sem conteúdo, porque não têm uma experiência vital dela.

Urge, portanto, reconstruir uma possibilidade de sociedade solidária, porque somente numa sociedade solidária pode haver liberdade. E a causa da liberdade só poderá crescer a partir de empresas solidárias, nas quais uns aos outros se

ajudam.

No sistema capitalista neoliberal, aquele em que a base da liberdade é a livre empresa, o mercado livre e assim por diante, mais da metade dos capitais investidos pelos países ricos, hoje em dia, vão para a China. A Boeing, por exemplo, manda construir muitas peças de avião na China. Por que na China? Porque, na China, as mulheres trabalham na fábrica e ganham menos de um dólar por dia. Exploração como na China não há em país nenhum. No entanto, as empresas capitalistas vão aos lugares onde as pessoas não têm nenhuma condiçao, nem mesmo para pensar, e não se perguntam quanto devem ganhar as operárias. Pagam aquilo que o governo impõe. O problema de como o operário consegue viver com tal salário não é da conta da empresa. Não há nenhuma solidariedade.

Cadê a liberdade? Cadê a promoção da liberdade?

Por outro lado, devemos atentar para o que aconteceu na Suécia, onde os trabalhadores conseguiram uma melhor situação social. Mas foram lutas e lutas, sem trégua. Só depois de lutas em que morreram milhares de trabalhadores é que se conseguiram condições melhores. Mas, hoje em dia, com as forças sociais desarticuladas, nenhum país consegue resistir muito. E o capitalismo mais selvagem investe contra os que não o enfrentam.

Em João Pessoa, na Paraíba, estão instaladas fábricas que saíram de São Paulo e do Rio Grande do Sul. São fábricas de roupas, de sapatos, etc. Foram para lá porque, no sul, elas têm que pagar ao operário três ou quatro salários e lá pagam somente um salário. Fica muito mais barato mandar a matéria prima para lá e trazer de volta o produto já acabado. No Nordeste, quem ganha um dólar, um real, um salário mínimo, fica feliz, porque teria um ordenado pior se não tivesse nada. A alternativa é nada. E nada por quê? Porque não se reúnem para partilhar da agricultura, porque não se enfrenta a seca de maneira eficiente. Um salário mínimo é mais do que suficiente,

e ninguém quer mais que isto. Estas são as empresas de São Paulo, do Rio Grande do Sul. Não é tão grave como na China. Lá estão bem piores, porque matam as pobres chinesas de excesso de trabalho.

Vê-se que é preciso procurar outra forma de empresa e encontrar um meio de construir alternativas. Grandes, se for possível; pequenas, se não for possível. É preciso buscar outras formas de trabalho em que exista solidariedade entre os trabalhadores. Esta é a primeira responsabilidade. E depois, além da comunidade de trabalho, reconstituir a vida comunitária.

Antigamente a comunidade era a família. Na família, havia sete, dez ou mais filhos. Eu conheço uma família com vinte e sete filhos... mas nenhum excluído.

Onde existe isto? Nas comunidades onde há famílias. Mas, hoje em dia, a família se desintegra, pelo menos as famílias jovens, e a comunidade de famílias tende a desaparecer. A família pequena, de quatro pessoas — pai, mãe e dois filhos — é o modelo dominante no sul. Ali, a vida familiar e comunitária não existe, porque cada um leva sua vida particular de forma própria e individual. Cada uma tem sua televisão, seu carro, seu computador, isto é, cada um tem própria sua vida. Então, cadê a família? A família desaparece porque tudo o que se lhe oferece no mercado é para o indivíduo, bens que respondem a desejos individuais. Não se lhe oferece nada que seja comunitário ou que leve à comunidade. Para isso, a publicidade não nem nada, não se produz nada. Tudo é feito para satisfazer desejos individuais.

E como podemos construir civilização humana simplesmente cristã, se não há vida comunitária? Pois a vida comunitária é aquela em cada um se põe a serviço dos outros, toma e presta serviços gratuitamente. No mundo de hoje, a gratuidade tende a desaparecer e, no entanto, não haverá gratuidade se não houver comunidades, se não houver lugares e situações em que as pessoas se sirvam mutuamente de modo gratuito. Assim agiram as gerações anteriores, que

guardaram os valores cristãos.

Mesmo para os de fora da comunidade o serviço era gratuito, bastava surgir uma necessidade. Hoje em dia, ainda existe isso, há várias iniciativas, mas falta muito.

Por que a gratuidade foi simplesmente abandonada? Por que a necessidade é grande e os recursos da família são insuficientes, ou por que as famílias foram seduzidas pelo sistema dominante, no qual quem não produz não ganha dinheiro, não presta, não tem valor nenhum?

No modelo dominante, se sacrifica o que é valor cristão. Por isso, precisamos criar, na sociedade, um modelo alternativo que possa convencer. Uma revolução no campo dos valores, atualmente, passa pela cabeça das pessoas. Se não se muda a mentalidade das pessoas, não vai acontecer nada de novo. As pessoas ficam inteiramente apegadas ao modelo capitalista e não há partido político que possa mudar. É preciso converter a mentalidade. E como? Somente pelo exemplo, mostrando o exemplo do líder que, no concreto da existência, mostra outra possibilidade de vida, que não seja satisfazer todos os desejos, que não seja entrar na dinâmica do consumo.

Toda criança sonha em conhecer a Disneylândia. Toda criança de São Paulo tem este desejo. Os pais precisam mandá-la para lá porque ela quer. A criança simplesmente entrou no esquema de consumo: tem que ver a Disneylândia. Os pais devem se sacrificar. Mas, um modelo alternativo de família, que rompa os laços do consumismo, que se negue a satisfazer todos os desejos e no qual se passe a valorizar o serviço prestado gratuitamente aos que estão mais necessitados, são poucos os que buscam e realizam. Por isso, ainda não temos um número suficiente de famílias que possa impulsionar a sociedade, mostrando que é possível viver de outro modo, que é possível estar neste mundo usando as tecnologias e os conhecimentos científicos a serviço dos mais necessitados. Para isso, consumiremos muitas iniciativas

durante dez, vinte, cinqüenta anos, talvez, para criar, progressivamente, outro tipo de sociedade.

Aquela que está aí, que é dominadora, que é terrível, não vai mudar por via política. E enquanto os EUA estiverem aí, como potência dominante do mundo, isso não vai mudar. A classe dirigente dos EUA, a famosa direita republicana, tem cada vez mais e cada vez mais quer implantar seu modelo no mundo inteiro. Enquanto essa situação persistir, nada vai mudar; e é preciso ter uma paciência muito longa para criar, dentro deste mesmo sistema, uma alternativa social, um outro modo de vivermos juntos, uma outra maneira de estar a serviço, sacrificando o próprio eu e disciplinando os próprios desejos. Afinal, todas as civilizações anteriores, todas as filosofias, todas as religiões, sempre ensinaram maneiras de disciplinar os desejos, de, com o tempo, limitar os desejos, para dar prioridade aos valores humanos superiores, que se resumem na solidariedade. Sempre foi assim.

3. O EVANGELHO CATIVO

Esta é a primeira civilização que, sistematicamente, cultiva os desejos. E a fatalidade quis que tivesse nascido em terras cristãs, no mais antigo sistema cristão e com o apoio e a aprovação de muitas igrejas cristãs. "Agora é tarde!", como falava um teólogo presbiteriano dos EUA sobre o cativeiro do evangelho nos EUA. Cativo? Preso? Onde? No mundo suburbano das Alphavilles, nos condomínios residenciais. Aí encontramos igrejas católicas e evangélicas de todo os tipos. Aí se celebram missas, liturgias, batizados e outros sacramentos. Mas o evangelho não tem vez, não pode aparecer, não pode se expressar. Há espaço somente para gestos religiosos, piedade e lágrimas, inclusive. Mas, para o evangelho, não. Ele está

preso, prisioneiro. Este teólogo estadunidense dizia isso já há tempos atrás, referindo-se às áreas suburbanas de Massachusetts.

Atualmente, o fenômeno é tão generalizado, que o cativeiro do evangelho já se estendeu a inúmeras regiões e a todas as igrejas.

Eis o nosso desafio. Ele supõe que profissionais, comerciantes, empresários e uma juventude que vai se integrar à sociedade adotem e busquem outro modelo, que, por sua vez, supõe uma renúncia à satisfação na busca dos bens. Isto é difícil, porque a civilização atual impõe o seu estilo. Por exemplo, se um amigo quer ser gentil com outro e lhe serve um uísque nacional, fica definitivamente desprestigiado. "Logo se vê que não é dos nossos". Para manter um nível de vida, torna-se condenado a um conformismo, o conformismo da classe dominante, que é tal, que não só o evangelho é cativo, mas os próprios membros dela o são, não têm mais liberdade nenhuma, têm que fazer tudo o que as modas impõem em seu poder social. E os mais exigentes são as crianças, que voltam da escola dizendo: "Meu amigo ganhou tal coisa... Ele viajar viajar para a Europa... Eu também quero! Ele vai fazer um safari na África do Sul... Eu também quero!". As crianças são as que mais exigem, são as mais conformadas ao sistema. Quanto às crianças, é fácil explicar, porque buscam imitar o modelo do mais forte. Mas os adultos precisam criar coragem para resistir ao que lhes é imposto. Esse é o evangelho para este mundo universitário: ruptura com o modelo dominante e busca de outro modelo, em que se pratique uma vida comunitária.

Há muitas maneiras possíveis de viver na mesma casa, mas vida em comum significa colocar os serviços em comum, colocar as próprias capacidades e os próprios talentos a serviço dos mais necessitados. O que se gasta em coisas supérfluas, no puro conformismo, poderia ser gasto no serviço aos mais necessitados. Aí se dirá: "Esse evangelho é muito duro!" Não é mais duro do que aquele que Jesus disse ao jovem

rico. Não há possibilidade de viver o evangelho, a não ser sob esta condição. O resto é terapia, ficção de vida evangélica.

Construir um modelo novo de sociedade, no meio de uma sociedade grande, que prega exatamente o contrário, faz com que nos sintamos alheios, alienados. É interessante observar que os crentes aceitam renunciar a tudo aquilo que faz a vida social de seu ambiente: a cachaça, as mulheres, o jogo, as drogas. Renunciam e resistem. E por isso, são considerados tanto melhores pelos outros. Usam roupas do século passado, mas resistem. Eles tem mais coragem e resistem.

E então? Pessoas com formação universitária não podem resistir, não podem ser fiéis a um modelo de vida decidido por elas mesmas? Um modelo mal considerado, mal apreciado, desacreditado pelos outros. Mas, o que importa? Só assim podemos dizer: "Esta vida que escolhemos vale mais do que aquela da qual tinha me tornado escravo!" Escravo do próprio modo de viver, sem mais possibilidades de escolher, de definir, nem de pensar. Pois os universitários devem pensar.

No entanto, cada dia somos obrigados a escutar o que diz a televisão, o que ela quer nos incutir. Até ontem, por exemplo, podia-se dizer: "Não! Não haverá novos impostos no Brasil, porque assim afirmou Fernando Henrique Cardoso". Hoje, porém, ele diz que todo mundo tem que mudar este pensamento, isto é, conformar-se ao perjúrio da classe dirigente. Todo mundo de ser conformista seguir a dica obrigatória, olhando para o chefe, olhando para o dirigente, que nos diz o que temos que pensar hoje, o que temos que pensar até amanhã, pois amanhã pode ser que devamos mudar.

4. EVANGELHO E RUPTURA

Ora, para ser cristão é preciso romper. Romper,

buscar algo novo com outros que tenham este mesmo pensamento. E isso precisa começar desde a vida universitária. Há vinte e cinco anos atrás, os jovens estudantes mais comprometidos entravam na política, inclusive na política de luta. Hoje em dia, não o fazem porque pensam que ali não vão conseguir nada, porque o problema é muito mais profundo, muito mais sério e muito mais acentuado. Trata-se de refazer uma vida nova, uma sociedade diferente, em que as pessoas se importem mais com os outros.

O desafio é grande. É grande, se quisermos mudar e viver segundo o evangelho. É claro que é grande. Durante muito tempo, seremos uma minoria; mas os primeiros cristãos foram minoria até Constantino. Isso durou trezentos anos, mas eles desafiaram todo o sistema romano, todo o sistema de cultura e de escravatura. Durante trezentos anos, como uma força permanente de contestação. Algo semelhante deve acontecer, porque a cristandade morreu. Alguns podem pensar que ainda sobrevive, mas está morta, não tem mais forças para lutar contra a civilização, nem deseja lutar contra a sociedade. Morreu. Somente subsiste para complicar a vida de comunhão. Essas liturgias, que não são uma alternativa para a sociedade, são como um cadáver, uma coisa morta.

Há, no entanto, vida em alguns grupos. Só que são a minoria. No futuro, eles serão uma alternativa. São a minoria, mas vão vencer e reorganizar a sociedade, pela sua própria resistência, pela sua teimosia, pela sua perseverança, pela superioridade de vida que isso constitui. Mostrarão que viver a solidariedade e o serviço constitui uma vida superior àquela de puros desejos e satisfações que se oferece e que se mostra nos modelos atuais. Mostrarão que a solidariedade vale muito mais e está ao alcance de todos. Em um mundo cristão, todos podem participar e jamais serão humilhados.

Quando isto acontecerá? Não sabemos, mas será a tarefa do terceiro milênio. Porque o segundo, com seu modelo de cristandade, morreu. Eu sentia isto já há cinqüenta anos

atrás. Ordenei-me sacerdote e comecei a conhecer um pouco mais o ritmo das paróquias e assim por diante. Fiquei desesperado! Era visível que tudo isto estava em agonia, estava morrendo. Hoje em dia, esta agonia é vista na Europa. Quem vai visitar as catedrais? Os turistas! Não há mais nenhum cristão para freqüentar as catedrais, só turistas. Morreu, a Igreja morreu. Mantém uma fachada bonita na frente dos homens, porque as pessoas não se inspiram mais no evangelho da vida. Eu disse a mim mesmo: não vou passar a vida toda no meio de agonizantes, vou procurar outro lugar para ver se é diferente. Mas, hoje em dia, sente-se que as forças da civilização dominante está se implantando com tanta energia, que nós ficamos desconcertados.

Uma boa parte das pessoas que se sacrificou muito durante a época política dos anos sessenta e setenta desanimou e perdeu a confiança e se converteu ao capitalismo dominante da sociedade. E isso é o pior.

O desafio de iniciar um terceiro milênio diferente ficou para os jovens de hoje. No segundo milênio, o grande erro foi pensar que iríamos cristianizar o mundo caso fizéssemos alianças com alguns dirigentes, pensando que o futuro da Igreja consistia em reconquistar uma aliança com a classe dominante. Esse foi um erro colossal. As outras igrejas fizeram a mesma coisa.

Ao final do século XX, as coisas estão muito mais claras. A evolução da sociedade e a evolução do cristianismo estão, agora, muito mais claras. Por isso, os desafios também aparecerão muito mais claramente. E o desafio maior é este: formar uma sociedade diferente.

Claro que, para assumi-lo, é preciso ter uma personalidade forte, uma convicção forte, a fim de ser diferente do modelo dominante, do modelo dos mesmos consumos, dos mesmos carros, dos mesmos uísques, dos mesmos turismos. Enfim, é necessário uma casta inteligente, que viva de outra

forma. Para romper, é preciso ter convicção, e isto é a conversão. É a conversão para ser vivida nesta época. Porque é entre os vinte e vinte e cinco anos de idade que a personalidade se define, ou seja, define se vai seguir o modelo dominante ou se vai buscar alternativas. A época da universidade é crucial, porque é nela que se tomam as grandes decisões. Depois dela, cada um vai lutar, ao longo de toda a vida, para realizar, pelo menos, alguma coisa desta decisão, desta realidade fundamental. Eis a tarefa das universidades: confrontar toda essa juventude com os desafios que está vivendo. E se a universidade católica vai oferecer o evangelho, não obriga ninguém. A Igreja não tem mais poder para forçar tal opção. O que ela pode fazer é oferecer uma alternativa, oferecer um espírito.

Eu disse que este desafio supõe personalidades fortes, e isto falta muito na Igreja. Ela deveria ser uma espaço para formar, fortalecer, converter personalidades e torná-las capazes de assumirem este desafio. Muitos movimentos atuais entram mais na categoria de terapia e não se deixam questionar pela questão comunitária. Quando isso acontece, não tem jeito. É preciso formar personalidades firmes, fortes, capazes de resistir e de agir como os discípulos de Jesus Cristo, que não se deixaram envolver e absorver pela sociedade dominante. Isto acontece em alguns lugares, mas ainda falta muito. Esta é uma tarefa específica para os agentes de pastoral que estão, no momento, mais envolvidos com homens e mulheres desta faixa de idade, entre vinte e vinte e cinco anos. Estes jovens são os que vão tomar a decisão, os que vão poder buscar outra coisa, uma alternativa. A tarefa fundamental consiste em estimular, despertar e evangelizar para que concentrem suas energias neste desafio.

No Brasil, há cerca de um milhão e trezentos mil universitários. É um contingente vasto, grande. No entanto, as forças pastorais dedicadas a ele são bem poucas. A prioridade não deve ser continuar esta Igreja que está aí, porque ela já morreu. No mínimo está condenada, virtualmente condenada,

porque cada ano há menos gente que cuida dela. A prioridade deve ser aqueles que vão criar e implantar uma sociedade nova. Esta deve ser a primeira prioridade. Para quem se prepara para o sacerdócio, acho que esta é uma prioridade absoluta.

Claro que os seminaristas estudantes de teologia têm um complexo de inferioridade muito grande face aos outros universitários, estudantes de medicina, de direito, etc. Complexo reforçado pelo sistema. Sistema feito para criar complexos, para preparar pessoas tímidas, medrosas, que vão permanecer em um mundo no qual não há perigo nenhum. Serão bem acolhidas, bem recebidas. Tudo garante que ficarão num segundo paraíso. E têm medo de sair daquele mundo que as acolhe favoravelmente, onde não existem problemas, mas também não há nada para se fazer. Essas pessoas não vão mudar, e têm medo de se aproximar uns dos outros. A formação sacerdotal não foi para a coragem. Apesar de sentir reservas em se aproximar de um estudante de medicina, sente-se indiferente. Mas isso não deve ser motivo para não se aproximar, porque esse estudante de medicina não é só um estudante de medicina, é também uma pessoa humana, é também um membro da sociedade, que se qualifica.

Eis a prioridade. Hoje em dia, 8% dos jovens está na universidade; mas, daqui a vinte e cinco anos, será 20%, porque a política consiste em multiplicar as universidades, em multiplicar a formação universitária. O que importa para o governo é formar uma população com 1/3 de universitários. Os outros 2/3, ninguém se importa com eles. Afinal, essa é a política da classe dominante.

E qual é o evangelho que esperamos dar a eles? Com qual evangelho assumem a vida? Se é que o evangelho tem lugar, ao invés de uma simples terapia, que é uma coisa boa quando se está com estresse. Para quem está neurótico, há sempre uma terapia. Mas, não é essa a função principal do evangelho, e sim preparar uma geração nova que possa preparar uma sociedade nova.

Sabemos que estamos no início de um processo muito demorado, muito difícil. Mas quem está no início tem a vantagem de ser também fundador, de ser mais criador. O preço é o sentimento de isolamento, de ser rejeitado; mas, por outro lado, o orgulho de ser criador, de ser formador, de lançar colunas novas, de lançar sementes de uma sociedade nova. É a graça que lhes posso desejar.

EVANGELHO, EVANGELIZAÇÃO E LIBERDADE

Parte II

José Comblin

1. QUAL "OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES"?

Hoje em dia, a fórmula "opção preferencial pelos pobres" sofre dos defeitos de toda e qualquer linguagem ou discurso.

Todo mundo faz a opção preferencial pelos pobres e é muito provável que a fórmula tenha perdido muito do bom de seu conteúdo. Hoje em dia, até o Fundo Monetário Internacional coloca sempre como condição a opção preferencial pelos pobres. E se FHC agora pede auxílio ao FMI, com certeza, na resposta o FMI dirá que todo esse dinheiro deverá ser primeiramente destinado a melhorar as condições de vida dos pobres. Ou seja, esta fórmula já se tornou universalmente utilizada.

Para explicar tal fenômeno, precisamos abordar a problemática do uso da linguagem na cultura atual, na cultura dos Meios de Comunicação.

Os Meios de Comunicação fazem um consumo tremendo de idéias e de temas. Para tanto, precisam absorver tudo e recuperar tudo, porque o progresso da televisão precisa

de milhares e milhares de palavras, de temas, de idéias, que não podem se repetir nunca, todo dia precisam apresentar uma idéia nova. Por isso, tudo pode ser recuperado e reaproveitado.

A fórmula "opção preferencial pelos pobres" caiu no de sempre, no lugar comum. Uma fórmula de conveniência e isso pode levar à seguinte conseqüência: a realidade tende a ser aparência.

No entanto devemos lembrar que a frase em questão foi cunhada há trinta anos atrás e expressa mais claramente há vinte e um. E hoje, em que pé estão as coisas? Nos seus dois momentos fortes de formulação, as Conferências de Medellín e de Puebla, tratava-se de um desejo, uma aspiração e, até certo ponto, na mente de vários grupos, uma promessa ou um compromisso. Mas, depois de trinta anos de experiências, podemos fazer uma certa atualização, uma reflexão sobre o que aconteceu neste período.

Àquele compromisso de opção pelos pobres, que aconteceu a ele, na prática? Em termos teóricos, não há mais dúvidas e já se firmou: todas as teorias cristãs, hoje, católicas, protestantes ou ortodoxas, em todos os continentes, todas afirmam que a prioridade da evangelização são os pobres. Pode-se dizer que há uma unanimidade no mundo da ideologia, bem como no mundo do terreno e no mundo do sagrado. Em termos de reflexão teórica, não há mais dúvida a este respeito.

No entanto, na prática, que acontece? Vê-se que as instituições são muito pesadas e muito lentas na sua evolução. A Igreja Católica está saindo de mais de mil anos de compromisso com as classes dirigentes. Compromisso firme e constante desde Carlos Magno. O que foi instado por aquela época foi sendo constantemente renovado, constantemente reforçado.

2. *"ROMA LOCUTA..."*

Na história da América Latina, este compromisso com as classes dominantes foi levado ao ponto extremo de todos os bens da Igreja estarem entregues ao rei de Portugal e Espanha. E os próprios Papas abandonaram toda iniciativa de exercer seus cânones aqui. A Igreja não só estava aliada às forças ordenadoras da sociedade, mas também subordinada a elas e servir como um instrumento da colonização e da fundação de uma nova sociedade de dominação. É deste período que estamos saindo.

É verdade que houve separação entre Igreja e Estado com o advento da República, mas logo o episcopado se empenha em retomar sua herança junto às classes dirigentes. Esse acordo foi de uma dimensão e de uma inspiração muito bem montadas, perseguida com muita perseverança, com muita constância. Chegando 1960, quando aparecem as primeiras contestações, esses sistemas estão muito bem implantados.

A Universidade Católica de Campinas, sob a direção e a orientação do professor Salim, aliou-se às autoridades políticas do governo estadual que compartilhavam o mesmo ideal. O próprio professor Salim dizia que, para receber todos os subsídios e as ajudas, sacrificava 15% das finanças em gorjetas para os funcionários públicos. Todas as instituições, as autoridades federais e estaduais, se financiavam em até 30%. Não era demais. Hoje em dia é pior. Muitos funcionários públicos e ministros do governo exigem mais do que isto. Mas era muito para aquele tempo em que havia mais moderação.

Isso significou uma implicação dupla, uma aliança muito forte. Mas foi exatamente no momento da proclamação de temas totalmente opostos, como a prioridade da opção preferencial pelos pobres. Como mudar a orientação assumida? Pensar que é possível mudar isso numa conferência episcopal?

É claro que os dinamismos históricos são muito mais pesados, muito mais fortes.

Então, o que aconteceu no concreto, na prática? O que mudou? Quais foram os elementos, as classes da Igreja que mudaram seu rumo, suas atividades, sua implantação? E aí se vê que alguma coisa não deu certo.

Eu me lembro que Dom Paulo, Cardeal de São Paulo, certo dia, recebeu um grupo de jornalistas estrangeiros. Eles felicitavam o Cardeal pela diocese de São Paulo, pelos religiosos e religiosas que tinham feito a opção pelos pobres. O Cardeal respondeu: "Aqui em São Paulo, 20% das religiosas fez a opção pelos pobres e foram trabalhar em bairros populares; 80% permaneceu fiel à sua opção anterior pela classe média". E São Paulo passava a ser, no Brasil, a diocese mais transformada! Entre as religiosas, 20%. É até muito, porque em outros segmentos, não são tantos. E se fizéssemos a conta das paróquias que mudaram seu rumo, não chegaria a 20%. E se tomarmos o episcopado, quantos bispos fizeram a opção pelos pobres? Também não chegaríamos a 20%. O fato é que foi uma minoria que assumiu esta disposição.

Aliás, imediatamente, foram acusados, denunciados, perseguidos e mortos. Como um bispo da Guatemala, como Dom Oscar Romero e outros. Todos os bispos que tomaram este rumo foram repreendidos e condenados em Roma.

Um dia, Dom Fragoso dizia que, em seu relatório escreveu: "Na minha diocese, todos entraram numa pastoral popular, foram para o campo, para os bairros periféricos, salvo uma congregação, que manteve o colégio tradicional". Veio a resposta da Santa Sé: "Recebemos seu relatório e ficamos muito felizes. E, agora, o senhor queira apresentar os parabéns especiais a estas religiosas que permaneceram em seu colégio"...

Ora, a opção preferencial pelos pobres não chegou até Roma. Porque aí a prioridade é o relacionamento com os

Estados, com os governos; os pobres não são prioridade. Lá, a prioridade está nas alianças com os governos, qualquer que seja a sua política. Isso torna mais difícil as Igrejas particulares fazerem a opção pelos pobres, pois sentem que não é algo aceito na Igreja universal. Na última vez em que o Monsenhor Oscar Romero foi visitar o Papa, poucas semanas antes de sua morte, saiu da entrevista chorando, porque dizia que o Papa desaprovava sua atitude, desaprovava-o. Não houve tempo para refletir muito: poucas semanas depois, Dom Oscar foi morto.

Um exemplo da política de bom relacionamento com os Estados, mantida por Roma foi a visita do Papa ao Rio de Janeiro. Foi notado muito claramente que, em todos os seus discursos, o Papa evitou a palavra *esterilização*. E por que não falou de esterilização? Como todo mundo sabe, a política oficial é de esterilização. Quase metade das mulheres foram esterilizadas por uma política sistemática. Justamente por isso, o Papa não citou o problema. Só falou o que agradava. Ao governo é legítimo lesar. Se tivesse falado somente aos católicos, aí sim, começaria a bater muito forte. Mas, falando publicamente, em presença de convidados do governo, evitou tudo que poderia criar problema, tudo que poderia criar desagrado para os convidados públicos. É isto a opção pelos pobres? Não!

E a situação é ainda mais difícil para as Igrejas locais, pois há outros problemas intrínsecos. Como que uma Igreja, fundamentalmente de cultura de classe média, poderia fazer a opção pelos pobres? A Igreja Católica, até o fim do século passado, tinha duas alianças fundamentais. A primeira, com os grandes proprietários, e, depois, com os camponeses. Com a classe rural perdendo muito de seu terreno e prestígio, a Igreja se tornou urbanizada. Adaptou-se ao mundo da cidade. Mas, no mundo urbano, onde se implantou? Fundamentalmente, prioritariamente, no ambiente da classe média. E ficou completamente envolvida na cultura da classe média. Muitos jovens sacerdotes vêm da classe pobre, da classe de

camponeses ou de uma classe média muito baixa, da classe popular. Vai para o seminário, que é um caminho para envolvê-los na cultura da classe média. Depois de cinco anos, a teologia é esquecida e, por isso, pode seguir qualquer caminho; mas o que fica é a transformação cultural. Quando se passa de uma cultura muito mais simples, muito mais pobre, para uma cultura de classe média, isso é o que fica, é o resultado mais claro da formação dada no seminário. O resto puramente intelectual tende a desaparecer. Aprenderam a manipular todas as ferramentas que servem para a classe média atual, aprenderam o estilo e o modo de pensar típico da classe média, cheio de abstrações, de esquemas lógicos, de conceitos, e assim por diante; tudo o que podemos ver nas assembléias eclesiásticas, nos planejamentos e em toda literatura produzida pelas Cúrias e pelas comissões pastorais. Coisas típicas da classe média.

3. E, NO ENTANTO, EXISTE O POVO

A classe popular não vai se ocupar dessas coisas, que não correspondem a um modelo de classe popular. Mas isto é o que se aprende nos seminários.

Aliás, mesmo fisicamente, a Igreja Católica se situa na classe média. No Brasil, 44% dos habitantes são morenos e 56% são brancos. No entanto, na Igreja católica, a proporção é bem diferente. No episcopado, com cerca de 400 membros, contando os eméritos, seis ou sete se reconhecem negros ou morenos. Uma pequena proporção. Entre os 15.000 sacerdotes, 200 são negros. Pouco mais de 1%. Muito longe da proporção no Brasil.

E podemos visitar as congregações e institutos religiosos. Basta ver uma reunião, para ver uma reunião de pessoas brancas. Mas, observemos uma reunião de pastores

da Assembléia de Deus: são todos morenos. É outro mundo, porque essa outra igreja está implantada no meio popular. A Igreja Católica é fundamentalmente branca e de classe média. É uma situação que constitui um problema, pois, com esta condição, que pode significar fazer opção preferencial pelos pobres? Este é o desafio.

Um desafio que não podia ser examinado na assembléia de Medellín ou na assembléia de Puebla. Somente depois de 30 anos de experiência é que convém avaliar o que foi feito e quais são os desafios atuais.

4. ALGUMAS OBSERVAÇÕES PARA O TRABALHO NO MEIO POPULAR

4.1. Evangelizar os pobres?

Primeiro, devemos deixar a pretensão de "evangelizar" os pobres. Porque, de modo geral, são mais evangelizados do que nós, são mais evangélicos do que nós. Isso, de uma maneira muito mais vivencial. É evidente que não conhecem discursos, não conhecem as palavras, não saberiam fazer explicações. Mas, vivencialmente, nos seus comportamentos, na sua maneira de enxergar e de interpretar a vida, os acontecimentos, as desgraças, as doenças, as esperanças, as promessas, em tudo estão muito mais imbuídos de espírito evangélico.

Como conseguiram receber esta inspiração de fé?

Não puderam ler a Bíblia durante séculos, porque não sabiam ler e também não havia interesse em dar a Bíblia aos leigos. Mas ouviram falar, ouviram contar. Foram buscar na pregação os elementos que lhes serviam e recolheram, justamente, o que é, o que se faz, o que é o mais necessário

para a vida. E se criou uma religião popular, não feita de coisas esotéricas, mas de uma vivência interior, uma maneira de assumir e de interpretar a vida, a vida difícil, a vida de tantos sofrimentos, e também de esperanças sempre renovadas. Então, não somos nós que vamos evangelizar.

Mas isso provoca, na classe média, muita divisão. É claro, quem tem esta cultura de classe média e universitária pensa que tem a ciência, que descobriu a verdade, que sabe a realidade das coisas, pois toda ciência se apresenta como universal, válida para todos e ao alcance de todos. Basta explicar bem... E lá vamos nós explicar qual é o sentido do Evangelho. Mas os pobres não precisam de explicação. Quem vive não precisa de explicação. Isso foi muita pretensão e muita arrogância, pensar que nós vamos explicar o evangelho aos pobres. Ao invés de explicar o evangelho aos pobres, nós vamos aprender, aprender muito mais do que ensinar.

Isso não quer dizer que não podemos trazer elementos novos dos quais eles estão carecendo. Temos elementos novos, mas que somente podemos comunicar depois de realizar um entrosamento, uma convivência que crie uma confiança espontânea. Quando, no mundo popular, alguém que vem do mundo dos intelectuais se aproxima, primeiro há um clima de desconfiança. Por exemplo, quando, no meio popular, se anuncia que o deputado do PT virá, já se sabe que este homem vai manipular, vai nos envolver, vai nos levar a fazer a coisas que não queremos. Que falaremos a este homem? De qualquer maneira, é um branco, é um senhor. De qualquer maneira, é um doutor. E um doutor merece respeito, consideração. Será tratado com todo respeito, mas não com confiança. Não se tem confiança num "doutor".

Assim, se o agente de pastoral parece um doutor, não haverá confiança.

Eu estava dando uma formação para líderes de comunidades em Juazeiro, na Bahia. E não sei porque, uma das

dirigentes me apresentou, disse o meu nome e falou que eu era teólogo. Uma senhora se levantou e disse: "Esse não é teólogo, não. É dos nossos!" Porque, se é teólogo, não pertence ao mundo popular. Na classe média é diferente: todo título universitário suscita reverência e confiança. No mundo popular é o contrário, suscita desconfiança.

Então, vamos supor o caso de um "doutor". Precisa mostrar que não é, tem que dar as provas suficientes de que não é. Vai ter que chegar à convivência. Isto supõe tempo, paciência, presença física e participação física nos acontecimentos da vida. Não se poderá evangelizar por meio da Internet. A presença física é sempre primordial, fundamental. E a participação nos acontecimentos da vida. Para evangelizar, eu poderia dizer, que, fundamentalmente, isto basta. Se não se mostrar que é capaz de uma convivência participada, viva com os pobres, então, não precisa dizer da vida. Não precisa fazer discurso. O discurso seria vaidade. Porque fala esta vida, esta convivência.

Sabe-se muito bem que, para a classe média, não é fácil renunciar às muitas comodidades e às muitas coisas que agradam mais. Então, requer-se tempo. É precisar estar consciente disto: não precisa dizer nada, as coisas falam por si mesmas.

4.2. Ajuda, sim. Paternalismo, não.

Por outro lado, os pobres precisam de ajuda. Não têm capacidade de sair, por si mesmos, da situação de miséria, de abandono, de frustração em que se encontram. Isto, porque a pobreza em que estão, hoje em dia, é uma pobreza fabricada. E o resultado das estruturas sociais novas é uma nova pobreza. A pobreza tradicional, do sertão, é resultado das condições, do ambiente, do risco da seca, é a conseqüência de condições naturais.

Na cidade, porém, a pobreza não resulta das

condições naturais. É o resultado das estruturas sociais, quer dizer, é o resultado de decisões que se podem tomar, consciente ou inconscientemente; decisões que foram tomadas pelo conjunto das classes dominantes e pelas autoridades que o representam. É uma pobreza constantemente alimentada, renovada, fortalecida, justamente pelas leis estabelecidas, pelas relações sociais que existem, e assim por diante. Vê-se aí que o pobre não tem condições por si mesmo. Precisa de ajuda.

No entanto, ajudar é muito perigoso, porque é muito fácil cair no paternalismo. E, então, não acontece nada de novo. Quando aparece alguém que está relacionado com alguma instituição de desenvolvimento, com alguma instituição do governo ou com os setores que têm dinheiro, os pobres se precipitam com mentalidade de mendigo. Isso alimenta o espírito de mendicidade e de pura dependência. É uma tentação constante e alguns vão cedendo. Os primeiros que vão cedendo são as crianças. Quando se oferecem roupas, é muito difícil para a criança não aceitar, porque não tem o sentimento de dignidade suficientemente elaborado. Os adultos vão sentir isso como humilhação, mas as crianças não. É assim que penetra a mentalidade de dependência e de mendicidade. O que não resolve nada. Pelo contrário, degrada a mentalidade e o espírito dos pobres. Então, é preciso ser perdoado de qualquer ajuda. A ajuda do mundo da ciência é bom que não apareça muito, mas, se houver, sempre com reciprocidade, na fase de desenvolvimento.

Até agora foram feitas muitas críticas a todos os sistemas de desenvolvimento. Tudo era unilateral. As pessoas que tinham, as pessoas que sabiam, vinham dar sua ciência, sua tecnologia, seus recursos financeiros. Bom, unilateral, sem despertar e sem dar oportunidade aos próprios pobres de eles também poderem dar sua própria contribuição e se tornarem sujeitos. É grande a dificuldade em intervir na vida do mundo popular.

No mundo de hoje, o desemprego é tão grande que

até em São Paulo chegou, até em Campinas, até aí entrou o desemprego, para não falar no Nordeste, que tem um desemprego de 60, 70% da população. Quando alguém surge como um doador de empregos, todo mundo aparece. Se a Igreja dá emprego, o que acontece: contamina e degrada, porque esse pessoal que vem para pedir emprego não vem para trabalhar, vem para ter emprego; e emprego, justamente, para não trabalhar. Para isto serve o emprego.

Freqüentemente, os eclesiásticos são muito ingênuos, não vêem o que está acontecendo, não vêem que estão sendo explorados, e explorados pelos elementos menos interessados da sociedade. Por aqueles que tem espírito de mendicidade.

Entre as centenas e centenas de projetos de desenvolvimento que conheci, nunca encontrei um só que tivesse realmente a amizade dos pobres. Tudo pensado numa mentalidade muito mais poderosa, mais rica que, sob o pretexto que ensinar o modo de empregar, o modo de usar, quer submeter os pobres à orientação, à aprendizagem, a uma direção da classe superior. Penso que isto não tende a ajudar o pobre, e sim prolongar sua miséria.

Imagino que todos tenham ouvido ou tido acesso à famosa carta que Fernando Cardenal publicou em várias revistas, de apoio à liberdade. Fernando Cardenal foi ministro da educação do governo sandinista na Nicarágua. Jesuíta, foi expulso da Companhia por ordem expressa e pressão muito forte. Recentemene, foi reintegrado, reabilitado na Companhia. Por sinal, nunca tinha saído da casa dos jesuítas. Não era como jesuíta, era como hospede. Nunca saiu da residência. Pois bem, Fernando Cardenal depois de tudo o que tinha acontecido, perguntou a si mesmo: "Porque tudo o que nós fizemos na Nicarágua, porque a reforma agrária foi um fracasso? Porque todas as formações na educação, porque tudo isto foi um fracasso? Não conseguiu convencer as massas populares. Nunca os camponeses receberam tantos privilégios. No entanto entraram contra e deram apoio ao "prós". Foi o que aconteceu.

Nós demos aos camponeses a terra, ajuda técnica, capitais, materiais, tratores, insumos, enfim, tudo. E não deu certo..." E porquê não deu certo? Porque faltaram as disposições humanas que correspondessem a todo este apoio. Para poder usar todo este material, é preciso ter incentivo de responsabilidade, que um camponês tradicional não tem. É preciso passar por uma reeducação de mentalidade, reeducação de vida. Mas tudo tinha que ser rápido e não se transforma a mentalidade, sobretudo de camponeses, em apenas alguns anos.

Sem uma mentalização nada funciona. Coisas exteriores, coisas materiais, sem uma educação adequada, não funcionam. Mas não tiveram a paciência de dar esta educação.

Uma boa proposta é, por exemplo, estabelecer-se em uma pequena comunidade de pescadores e conviver com eles, a fim de fazer uma educação para as necessidades da sociedade que eles devem enfrentar. Uma situação muito comum em qualquer associação popular, cooperativa, assentamento: o tesoureiro rouba o dinheiro. Eu não vi, até agora, nenhuma associação popular em que o tesoureiro não tenha roubado dinheiro. E para ele, o dinheiro não é roubado. "O dinheiro está aí, e minha sogra precisa ser operada... Depois eu vou reembolsar". Só que este depois nunca chega. Assim acontece, porque não foram educados para o sentido do bem comum, do bem de todos, que é intocável porque é de todos. Somente poderia ser usado se todos concordassem. Isso se torna uma educação.

Somente alguém que é de classe média, da cultura, pode inculcar isso nos pobres, mas não vai inculcar isto numa aula, numa conferência. Tem que ser aceito, tem que criar um ambiente de confiança, em que eles possam adquirir e assumir estas coisas, em que possam compreender que o que se quer é o bem deles, o progresso deles. E para fazer entender o porque das coisas, é preciso uma lenta educação.

As formas de educação popular são precipitadas. Todos pensam que deva ser assim. Quando se falava em conscientização, pensava-se que em três meses se poderia conscientizar um operário. Não três meses, e sim trinta anos. Três meses não mudam ninguém. Quem procura inculcar nos pobres a consciência, deve ter paciência. As pessoas repetem algumas palavras e a maioria dos agentes pode pensar que aprenderam, que entenderam algumas coisas e agora podem entrar nos quadros da modernidade. Mas entender, compreender, assimilar, tudo isso se torna uma tarefa longa, paciente, imensa de alguém que decide passar anos e anos numa convivência com o mundo pobre, para ajudar numa reeducação. Há coisas que os pobres nunca fizeram, não têm experiência de vida em associação, não têm experiência de buscar juntos alguns objetivos novos. Por isso, vão devagar por meio de experiências progressivas, utópicas, sucessivas, e a partir de pessoas que estejam completamente inseridas no meio deles. Não a partir de funcionários públicos ou de funcionários da Igreja. Essa é uma observação importante, porque muitas políticas de desenvolvimento ou de revolução fracassaram por impaciência e porque as pessoas de classe média são impacientes e querem resolver tudo em pouco tempo. Nas empresas, tudo tem de ser rápido: ao se produzir um carro novo, um novo modelo, tudo tem que ser feito o mais rápido possível, pois o mercado exige. Só que toda ação no meio de pessoas humanas é uma lenta, cansativa, repetitiva e que supõe muita paciência. E as pessoas da classe média, inclusive os que são da Igreja, não tem paciência. Aliás, não é a formação do seminário que inculca a virtude da paciência: esta se aprende na prática, exercendo a paciência na prática.

Também a evangelização dos pobres vai exigir uma longa e imensa paciência.

4.3. "Sede lentos para falar, rápidos para ouvir"

Os partidos políticos, as organizações e os movimentos pensam: "A libertação dos pobres vai ser como nós definirmos". Estes grupos pensam que os pobres não sabem nada, não sabem escolher as metas e não sabem escolher nem dar sua opinião sobre os métodos e as práticas. E, por isso, nada tem resultado, nada funciona, uma vez que tudo chega pronto e definido, sem ser assumido verdadeiramente pelos pobres.

Eu me lembro do dia em que entre nós, ali na Paraíba, chegou um sacerdote francês para tomar conta de uma paróquia no sertão. Uma paróquia muito pobre, muito miserável, muito abandonada. Cheio de ardor chegou e imaginou um plano de desenvolvimento. A primeira coisa era alfabetizar: escolas para as crianças. Achava que tinha que começar por aí: escola para crianças. Na sua pregação, começou a ensinar, a inculcar: "Queridos paroquianos, irmãos e irmãs, vocês não sentem que aqui temos necessidade de escolas, que as crianças não podem ficar analfabetas, sem saber nada?" Ele usou de todos os argumentos de que poderia dispor. Supondo que ninguém sabia nada. E ninguém reagiu. Todos concordaram. Mas ninguém se comoveu e não aconteceu nada. E depois começou a fazer a pregação sobre as construções, sobre o posto de saúde. Mas ninguém se comoveu com o posto de saúde, ninguém se interessou. E aí um velho se aproximou do padre e disse: "Olha, seu padre, desse jeito o senhor não vai conseguir nada. Precisa perguntar para eles. Sabe o que eles querem? Todo mundo aqui quer e deseja é um cemitério, seu padre. Todos vivem angustiados e, depois da morte, são enterrados ao longo da rua, da estrada e a onça pode vir durante a noite e desenterrar. Estão todos angustiados por esta questão". O padre, no domingo seguinte fez uma grande pregação sobre o cemitério e a necessidade, e , todo mundo se levantou, aplaudiu e aclamou: "Amanhã mesmo vamos começar a fazer o cemitério". Partindo deste exemplo, depois do cemitério, outros interesses que vão

aparecer. Mas não adianta partir de coisas que não interessam. Coisas que não interessam não estão nas preocupações, porque não mobilizam as energias, e não se faz nada. Tem de partir daquilo que eles entendem como sua libertação. Se a primeira libertação é o cemitério, então, vamos fazer o cemitério. Será que sentem tanto a necessidade de escola? Por que primeiro o cemitério? A escola ensina, mas muita gente está convencida de que isto não muda nada. Quem tem um diploma de primeiro grau está desempregado como qualquer outro. Não convence suficientemente. Em todo caso não somos gente da classe média que devemos fazer a proclamação da libertação.

Há 25 anos atrás, movimentos de esquerda procuraram integrar as massas populares na busca de uma revolução social. Mas isto não interessou a ninguém. E por quê? Porque cinqüenta milhões de brasileiros estavam saindo do campo para a cidade e o problema deles era chegar na cidade e ter um terreno para construir uma casinha. Construir uma casinha, porque, em São Paulo, 90% das casas são construídas pelos próprios moradores, sem a ajuda de ninguém, sem nada. Isso exige energia e gastos que ocupam uma pessoa completamente durante cinco, seis anos. Isso é o mais urgente. "A revolução depois; agora, a minha casinha. E também procurar um emprego, outra coisa mais urgente que a revolução. E depois um ônibus para sair desse bairro perdido e chegar à cidade". Assim, há uma série de prioridades. Quanto as mudanças na sociedade, vamos pensar nisto depois, mas primeiro o mais urgente. E por isso não tinham disponibilidade mental, psíquica, para pensar em coisas da gente da classe média, que tem outra visão das coisas, porque já tem casa, já tem formação intelectual, já tem ônibus e muitos deles até seu carro pessoal. Por isso, podem pensar em outras questões. Mas, com os pobres, é preciso partir das prioridades, isto é, o que eles sentem como a etapa atual no seu movimento de libertação.

Talvez seja a questão da saúde. Um dos grandes

triunfos de muitas igrejas pentecostais, inclusive a Igreja Universal do Reino de Deus, é a saúde. Oferecem uma resposta ao problema de saúde, porque a saúde pública não resolve e deixa muita coisa sem solução e as pessoas sem orientação. E aí vem a igreja e seu pastor, ali o espírito é muito forte e a questão da saúde é prioritária. Além disso é tradicional. Já há trinta anos atrás, foi feito um inquérito, aqui mesmo em São Paulo, sobre qual é o objeto das orações do povo. Quando o povo reza, reza o quê e para quê? E 90% das orações eram para pedir saúde. A questão da saúde envolve todo mundo. A saúde pessoal, de minha mãe, de meu pai, de meus avós, das crianças, de toda a família. Quando um membro da família está doente, todo mundo se põe a rezar. Ou então vão procurar os espíritas, que fazem operação gratuita, ou vão consultar um pai ou uma mãe de santo, que tem muitas receitas.

Só a Igreja Católica não tenta explorar essas fronteiras. É verdade que, agora, as paróquias têm a pastoral dos doentes. Mas esses leigos que fazem a pastoral dos doentes deveriam ser melhor acompanhados. Do contrário, é um desastre: os leigos não sabem dizer, não sabem acompanhar, não sabem tratar.

"Ah! vão visitar seu Zé que está doente!"

"Oh! Seu Zé, o senhor está melhor, está melhor não é?"

"Não, eu estou muito mal."

"Não! Diga comigo: eu estou melhor".

E o homem é obrigado a dizer que está melhor. Isto reflete um problema de insegurança do visitante. O visitante gosta de saber que melhorou, porque assim não precisa fazer mais nada. Ele vai com seu problema pessoal, problema de insegurança pessoal, e vai descarregar isso sobre o doente. Eu aconselho acompanhar essas pessoas e dar-lhes uma formação adequada, que é um bem necessário. E isso os protestantes sabem fazer muito melhor do que nós.

Depois os vícios. Trata-se de um problema cada vez maior. A bebida, o alcoolismo, as drogas. Quando um membro da família cai no vício, toda família sofre. E quem é capaz de tirar o bêbado da bebida? Os pentecostâis. E a Igreja Católica não tem força para isto. Para inumeráveis pessoas o problema imediato é o seu alcoolismo, é sair da bebida. Porque com isso toda vida muda. Um operário, vamos supor, um servente de pedreiro, aquele que construiu minha casinha, ganha R$ 50,00, dá R$ 15,00 para a mulher para o gasto da semana, e R$ 35, 00 é para seus gastos pessoais, que dizer para a cerveja, para a praça, para o fumo e para as pinguinhas com os amigos. R$ 35,00 para os seus vícios, R$ 15,00 para os gastos da família. O resultado é esta miséria em que está. Se ele se converte à Assembléia de Deus, os R$ 50,00 vão para a família. Só que ele vai dar R$5,00 para o pastor. Mas são só R$ 5,00. Não é nada em comparação aos R$ 35,00 que antes perdia nos. A vida da família muda imediatamente. Para muitos, a prioridade ainda é lutar contra o vício. E isso por si só é difícil, é difícil persistir na luta. E tudo indica que isto tudo vai aumentar.

Outra coisa é a necessidade de relações humanas. Relações de verdade. Os que saem do campo ficam atônitos com o que encontram quando chegam na cidade. Então, a violência cresce. No bairro onde estou, cada semana tem um assassinato. Aí entra o problema da bebida e a qualquer insulto puxam a faca. E também problema de mulher: porque é suspeita, já mata.

Não há relações humanas. Não se sentem aceitos, integrados mesmo no grupo. Não vivem no grupo relações humanas, a não ser aquelas quadrilhas de viciados. Mas relações humanizantes, isso não. O que se pode fazer? É preciso suscitar um entrosamento no qual possam desenvolver a afetividade, a necessidade de sentimentos, a necessidade de carinho e de amor.

4.4. Toda solução pronta é estéril

Em tudo isso, o importante é conseguir levar as pessoas a fazer por si mesmos, e não fazer por elas. Todo tipo de organização supõe estímulo, atenção, atendimento e acompanhamento constante, mas o importante é que façam por si mesmos. Os métodos realmente educativos são os métodos em que a pessoa aprende por si mesma.

Quem é responsável por seminário que aprenda. A mesma coisa nas universidades. As aulas são todas perda de tempo. São coisas de outros séculos. Como se aprende? Fazendo, acompanhando o fazer. Pois o que a pessoa não fez não aprendeu. É por isso que, saindo do seminário, os meninos estão desamparados. Não sabem de nada. Não aprenderam a fazer nada. Puras teorias, puras idéias. Então, onde aprender, como aprender? Da mesma forma que o povo pobre: fazendo.

Eu diria que a paz e a vida religiosa são a mesma coisa.

Nossa vocação surge a partir de um agir próprio e particular. Depois, somos colocados numa congregação, num instituto, numa ordem religiosa e aí há todo um sistema já feito, já construído. Antigamente era assim e funcionava muito bem. Mas hoje em dia, não é mais possível graças ao nível de desenvolvimento da personalidade a que chegamos. Tudo tem que começar desde o inicio, desde a base, como fizeram os fundadores, quando não existia nada de institucionalização. E deixar a todos o desafio e o orgulho.

A Madre Chantaul, que era a priora beneditina de Curitiba, ia fundar um mosteiro na Amazônia. Disse: "Vou mandar muitas jovens, porque assim terão a oportunidade de fundar uma coisa nova. Se eu mandar uma pessoa de experiência, vai estragar tudo. Não lhes dará a possibilidade de serem criativas, de criar, de inventar, porque irá com um esquema pronto previamente".

Ela agiu com muita sabedoria. Aliás, ela é uma mulher com um grande coração e uma grande inteligência. A vida religiosa deve ser reinventada por jovens, livres de todas as superestruturas insustentáveis. Antes, eu pensava que isto era um problema só nordestino. Eu via que algumas jovens religiosas, que entravam numa ordem, numa congregação, simplesmente não agüentavam. De cada cinqüenta, uma perseverava até o final da vida. Eu pensava que isto fosse só no Nordeste. Mas não é. Abrange todas as novas gerações da sociedade, porque as novas gerações têm personalidade muito mais desenvolvida do que as gerações anteriores, então não se enquadram.

Para os pobres, é pior ainda. Quando se lhes impõem estruturas de classe média não funciona. Um exemplo: os pobres não têm nehuma condição de entrar numa vida paroquial. Não é possível nem com as CEB's. As CEB's não reúnem a classe mais pobre, os "lascados"? Mas a vida paroquial tem muitos elementos de classe média. Por exemplo, o horário fixo. Depois, ter que ler coisas escritas. Ora, o povo não sabe ler e se comunica pela palavra. Toda orientação feita à base de escrita não serve para os mais pobres. Tem de ser tudo oral e com o uso do relógio muito limitado, pois eles não se orientam muito pelo relógio. Isto é motivo de impaciência das classes médias, para as quais tudo é feito com pontualidade.

4.5. Igreja do Espírito Santo X Igreja Burocrata

Para entrar no mundo dos pobres, só com a inspiração do Espírito Santo. Os planejamentos não servem para nada. Tudo muito bonito, mas dão satisfação só aos instintos burocráticos do clero e da classe média. Em 50 anos, o clero se burocratizou tremendamente. Na Europa, o clero só faz trabalho burocrático, já não tem mais nenhum trabalho apostólico, missionário. Só aprendem a fazer reuniões, relatórios e planejamentos sem fim. Todos os dias tem uma, duas, três

reuniões, com todo tipo de comissões, cuja eficiência é nula. A burocracia aumenta. Duplicou o número de funcionários no Vaticano com o Papa atual. Vemos que, em todas as instâncias, aumenta cada vez mais a burocracia. E os computadores fazem a felicidade e alegria dos burocratas, porque podem multiplicar muito mais os papéis. Ninguém vai ler nada, mas eles têm a impressão de ter feito alguma coisa...

Quando se faz uma avaliação séria dos planejamentos, qual é o resultado? No mundo dos pobres, tudo depende da inspiração do Espírito Santo, porque não adianta planejar, pois não tem ninguém para aplicar o calendário. Em geral, faz-se o planejamento sem perguntar quem vai fazer isto, quem vai aplicar. O maior problema é saber quais são as pessoas que vão ao encontro do mundo dos pobres, para ajudar, apoiar, e não para dar orientação. Como alguém vai dar orientação se não está inserido no assunto, se não sabe nada. Se houvesse mais liberdade, haveria mais iniciativa. E se as inspirações do Espírito Santo fossem mais acolhidas, produzir-se-ia mais do que tantas comissões e tantos planejamentos.

A Igreja não é uma empresa, não é uma industria em que tudo pode e deve ser planejado. Nem tudo depende do trabalho voluntário, das inspirações e da boa vontade das pessoas. É o Espírito de Deus quem vai sugerir e despertar. Acontece que, hoje em dia, os agentes de pastoral são todos pelagianos. Pensam que são os seres humanos que podem criar a graça de Deus, que podem construir a Igreja, que podem levar à frente o Reino de Deus pela sua atividade. São pelagianos inconscientes. Afirmam que acreditam no Espírito, mas não acreditam, porque, se acreditassem, não fariam todos estes planejamentos e deixariam que o Espírito conduzisse as coisas. Mas não! Antecipam-se para que o Espírito Santo não tenha nenhuma oportunidade para criar. E depois invocam este Espírito, para que dê apoio àquilo que eles mesmos inventaram. Isto é subordinar Deus à iniciativa humana.

Hoje, como são as coisas... Uma grande ilusão é

achar que os agentes de pastoral e, sobretudo, o clero sejam capazes de orientar a evangelização. E mais, achar que a hierarquia vá orientar a evangelização. Pura loucura! De onde viria a consciência, visto que ela só pode ser adquirida pela experiência produzida pelo Espírito? Pelo fato de estar numa posição tão burocrática, a hierarquia se torna incapaz de orientar a evangelização, bem como de aceitar e de apoiar a evangelização que as pessoas estão fazendo.

Ora, há muitas iniciativas que estão nascendo hoje em dia. Há pessoas que se lançam com sacrifício, e haveria outras mais se tivessem maior apoio.

O clero vai procurar unir, manter a unidade, e impor a todos um quadro preestabelecido. Mas o quadro muda de acordo com as inspirações que aparecerem. Isto é, as estruturas deveriam ser reformadas, readaptadas completamente, a partir das realizações e das inspirações que aparecem. É um papel muito mais modesto.

No entanto, sabemos que, na lista dos carismas de São Paulo, primeiro vem o carisma missionário, depois o profético, depois o do doutor, e só depois o de dirigente. O padre, o bispo, vem em quarto lugar. Porque o seu carisma não é tão importante como os outros. Quem tem o carisma de missionário, quem está no mundo, quem dá testemunho do evangelho, esse é o mais importante. Este é que deve ser preservado, exortado e promovido de todas as maneiras. O resto deve se adaptar àqueles que de fato, no mundo, estão dando este testemunho. Após o missionário, vem o profeta, aquele que reforma a Igreja, porque esta precisa de reforma constante, permanente. Profetas são as pessoas que têm esta sensibilidade e têm um discurso que reforma, que transforma. Depois dos profetas, vêm os doutores, aqueles que penetram, com a ajuda de sua cultura, na mensagem do evangelho. Só por último vêm os dirigentes. Mas, dirigir é só colocar ordem no meio de todas estas coisas, e não estabelecer um esquema prévio. Portanto, transformar as estruturas da Igreja, de tal modo que correspondam ao estilo de

Paulo e à orientação do Espírito Santo, isto é matéria para o terceiro milênio inteiro. Mas, em todo caso, a orientação está muito clara e só depende de conversão.

Então, as pessoas de classe média sentem o chamado de se colocar a serviço dos pobres. No entanto, no meio popular, a cultura burguesa não serve, porque a vida é completamente diferente de tudo aquilo que se planeja, se prepara e se desenvolve no mundo da tecnologia, no mundo das ciências. Trata-se da personalidade e da vida pessoal dos excluídos, dos rejeitados, dos marginalizados, daqueles que, de alguma forma, estão sendo completamente destruídos. Não há os métodos de pensamento de uma civilização científico-tecnológica, que não servem absolutamente. É completamente diferente de qualquer educação da pessoa humana são os esquema teóricos que se aplicam à industria, ao comércio e à vida política.

Na Igreja, tais esquemas se aplicariam melhor à pastoral no meio da classe média, porque aí é possível ter acessa estas informações. Mas, no meio dos pobres, tudo é diferente. As dinâmicas são outras. Então, é preciso deixar de lado tudo isto.

Depois do seminário, depois de dez anos de estudo da teologia, fui para uma paróquia. Após uma semana, constatei que tudo o que eu havia estudado não servia para nada. Tive que recomeçar, tive que aprender. Ninguém se interessava por aquelas coisas. Só o pequeno mundo eclesiástico se interessa. Aí estão todas as respostas, a partir de perguntas que só interessam ao mundo eclesiástico. Aí estão todas as boas respostas a perguntas que ninguém faz. E as perguntas que realmente existem, os desafios que realmente existem, isto não cabe no esquema, na programação *da Ratio Studiorum*, que é feita a partir do concílio de Trento. É claro que, como isto não vai interessar às pessoas normais e ao mundo dos pobres, as perguntas que realmente interessam não foram preparadas. Aliás, só podem ser preparadas a partir de experiências

personalizadas, acompanhadas e refletidas.

5. SÓ VAI PARA FRENTE QUEM OLHA PARA TRÁS

Eis, portanto, algumas observações a propósito dessas prioridades que são prioridade só de alguns. Antes de chegar aqui, estive no Equador, em Rio Bamba, onde se celebrava o décimo aniversário da morte de Dom Leônidas Proeme, a quem conheci muito ultimamente. Por mais de vinte anos, trabalhou em Rio Bamba e foi o bispo dos índios. Dedicado inteiramente à libertação dos índios, que constituem 70% da população da diocese de Rio Bamba. São menosprezados, os mais oprimidos entre todos os oprimidos, mas que agora já aprenderam. Fiquei surpreendido com estes novos dirigentes, como são capazes de se expressar. Cinco foram reeleitos deputados. E é só o começo. Dom Leônidas, em muitos momentos de sua vida, foi o único bispo do país com esta posição, entrando em choque com todo o resto do episcopado. Foi vigiado. De Roma mandaram um visitador apostólico. Um dia, o visitador foi recebido no aeroporto pela polícia nacional e foi levado por ela até Rio Bamba, porque o governo tinha advertido que nesta diocese o bispo era perigoso. Para visitas aos perigosos, não convinha que os visitadores viessem desarmados. Quando o visitador chegou à diocese, o vigário geral disse: "Aqui, o senhor é muito bem vindo, mas tem que dispensar todos estes homens armados. Não precisa disto para fazer visita apostólica". O visitador disse depois que conversou com duas mil pessoas, e somente dezoito falaram mal do bispo. De certo, alguns latifundiários, os grandes proprietários. Somente dezoito entre dois mil! Todos os outros aprovaram o bispo que, nas esferas superiores, era considerado altamente subversivo e perigoso. O visitador escreveu um relatório muito favorável. Nunca veio uma resposta romana. O

contrário aconteceria se o relatório tivesse sido desfavorável. Como foi favorável, nenhuma resposta. É uma maneira de desaprovar.

Aqueles que fazem a opção preferencial pelos pobres devem esperar que aconteça algo assim. Não podem esperar ter a aprovação oficial. Isso não vai acontecer. Antes, vai entrar em conflito e em choque com todo o esquema estabelecido, e isto durante muito tempo. Tão depressa, não vai mudar.

Sabemos que houve um começo, que alguns abriram o caminho dessa forma. Eram uma minoria. A questão é que, hoje, todo mundo diz que faz opção pelos pobres, mas... de que jeito? Fazem opção pelos pobres e depois continua tudo igual? Esta opção, qual é a conseqüência? Só é válida se pudermos observar mudanças no comportamento e se começarem a aparecer perseguições. Se não há perseguições, provavelmente, não houve mudanças. Como dizia Dom Hélder: "Se for para dar aos pobres alimentos, roupas e casas, todo mundo dirá que o bispo é santo e totalmente dedicado aos pobres. No entanto, se eu for dizer que os pobres têm direito e que sua condição é conseqüência das injustiças estabelecidas, então dirão eles que eu sou um comunista, um subversivo que promove a desordem social". Bom, é o que vai acontecer. Compromisso real com os pobres...só será com perseguição.

Será que nos seminários os candidatos ao sacerdócio se preparam para serem perseguidos, para agüentar, para suportar? É uma boa pergunta para a formação. Porque é ingênuo pensar que podemos nos dispensar disso. As estruturas de injustiças são muito fortes e a vontade de manter o *status quo* é muito forte. Qualquer pessoa que queira mudar, transformar, vai apanhar inevitavelmente. Então tem que se preparar.

Fazer opção preferencial pelos pobres é entrar no caminho de Jesus, é entrar no caminho da paixão, é entrar no caminho da cruz. Mas, nem sempre a Igreja gosta muito deste caminho. Ter um crucifixo dourado na igreja, isto sim, e bem

artístico! Mas seguir a via sacra na vida, isso é outra coisa. Celebrar, fazer uma bonita festa de Sexta-feira Santa, uma bonita procissão, isto sim. Mas estabelecer a Sexta-feira Santa na sua vida, isso é outra coisa. No entanto, é inevitável que assim aconteça. Como mostraram os fatos dos últimos trinta anos, e vai continuar sendo assim, o continente não mudou, a sociedade não mudou. E apesar do que diz o FMI, a opção preferencial pelos pobres não é das classes governantes. Antes, será sempre um desafio, um ponto de vista antagônico e uma ocasião de conflitos inevitáveis.

Padre José Comblin é Doutor em Teologia pela Universidade de Louvain, Bélgica e sacerdote na Arquidiocese de João Pessoa, Paraíba. Autor de numerosas obras teológicas e pastorais. Transcreveu o texto Carlos Alberto Rodrigues Jorge do 2º ano de Teologia do ITCR da PUC-Campinas.

CONGRESSO

SOTER '99: MYSTERIUM CREATIONIS UM OLHAR INTERDISCIPLINAR SOBRE O UNIVERSO

1. O CONGRESSO

O Congresso da SOTER[1], ***Sociedade de Teologia e Ciências da Religião***, trabalhando sobre o tema "Mysterium Creationis. Um Olhar Interdisciplinar sobre o Universo" foi realizado com sucesso em Cachoeira do Campo, MG, de 5 a 9 de julho de 1999. Cerca de 120 teólogos, teólogas, cientistas da religião e áreas afins estiveram presentes. Do ITCR participaram os professores Paulo Sérgio Gonçalves, Sávio Carlos Desan Scopinho, José Arlindo de Nadai, Benedito Ferraro, Silvana

---

[1]. A SOTER "teve sua fundação em um Encontro de Teologia realizado em Vila Fátima, Justinópolis, município de Ribeirão das Neves nos arredores de Belo Horizonte - MG, de 25 a 28 de julho 1985. Para além das formalidades jurídicas registradas em cartório no dia 28 de setembro de 1985, todos os participantes deste Encontro são considerados "sócios fundadores". Os Conselheiros Regionais da SOTER foram introduzidos na Diretoria a partir de 1987. O mandato da Diretoria foi inicialmente de dois anos. A partir de 1991 passou a ser de três anos, o que é atualmente vigente. O nome de fantasia "SOTER", embora já utilizando anteriormente, só foi oficializado em 1990, substituindo a sigla S.T.C.R." explica o Boletim nº 24.

Suaiden, Márcio Roberto Pereira Tangerino, Izalene Tiene, Adoniran Possan, Antonio Sagrado Bogaz, Márcio Couto e Airton José da Silva.

Além das palestras e debates em plenário, que ocuparam as manhãs e as tardes, ocorreram **comunicações científicas**, cujo objetivo foi partilhar as pesquisas recentes feitas pelos teólogos e cientistas da religião presentes no Congresso. Eis, como ilustração, alguns dos temas apresentados: "Brasil 500 anos: memória e teologia", "Emergência duma nova concepção da missão evangelizadora, a partir duma experiência de convivência fraterna", "Bíblia, mito, ciência e literatura: abordagem interdisciplinar da história das origens em Gênesis 1-11", "Imaginário religioso na cidade de São Paulo: as devoções católicas". Este material está disponível na página da SOTER na Internet em http://www.redemptor.com.br/~soter. As palestras, que representam o conteúdo mais denso do Congresso, serão publicadas em livro até o final deste ano.

Um encontro por **Áreas de Especialidade** - Ciências e Línguas Bíblicas, Teologia Fundamental, Teologia Dogmática, Teologia Moral, História da Igreja, Filosofia, Ciências da Religião etc - foi realizado na terceira noite do Congresso, onde cada participante colocou em comum para seus colegas suas atividades, e onde se debateu a proposta do novo currículo de Teologia, recentemente enviada pela CNBB aos Institutos e Faculdades de Teologia de todo o país para debate, com vistas à elaboração de Normas para o estudo da Teologia no Brasil.

Para o Congresso do ano 2000, a SOTER optou por fazer um balanço da Teologia Latinoamericana, com o tema: *Teologia e Ciências da Religião na América Latina: Balanços e Perspectivas*. O Congresso será realizado em Belo Horizonte, MG, nos dias 24-28 de julho de 2000, com a participação de outras associações teológicas da América Latina.

Propôs-se um Congresso com poucas conferências

- duas ou três apenas, mas feitas pelos mais importantes teólogos da América Latina, como Gustavo Gutierrez e Leonardo Boff - e muitas oficinas, organizadas com assessoria prévia para se chegar a painéis e a um "Relatório 2000". Dezoito temas foram elencados, alguns eixos propostos e discutiu-se sobre a abrangência e pertinência de tantos e tais temas.

2. O DESAFIO PROPOSTO PELO TEMA

Conforme o Editorial do Boletim nº 26 da SOTER[2], ainda anunciando o Congresso de '99, "*Novos Paradigmas* foi o título da complexa temática com que a SOTER se ocupou no Congresso de 1996. Foi um exame de diferentes áreas que apontam para modelos de conhecimento e cosmovisões novas. Se as convergências são impressionantes, as novas interrogações e os problemas novos são inquietantes. Se o primeiro momento consistiu numa abordagem mais formal, agora somos convidados para um exercício concreto, para um 'estudo de caso', ainda que seja um caso extremamente abrangente: a criação".

Colocado o tema, uma série de questões emergem: "Pode-se casar a categoria teológica de 'criação' com a atual imagem do universo, com a evolução da vida? Há uma intencionalidade e uma promessa inscritas na realidade que possam ser compreendidas desde diferentes leituras? Ou permanece a teologia isolada em suas afirmações sobre o cosmos e sobre a vida? Como casar liberdade e organização, cultura e biologia, ou então aclarar antinomias como acaso,

---

[2]. Os Boletins da SOTER são regularmente distribuídos aos sócios(as) em forma impressa, mas podem ser acessados também pela Internet na página da SOTER.

necessidade ou destinação? Quais as conseqüências para a antropologia, para a soteriologia, para a ética e até mesmo para a eclesiologia?"

E conclui o editorial: "Urge um exercício, um diálogo, uma abertura interdisciplinar. Vamos nos encontrar com autoridades nas áreas de Física, de Genética, em diferentes tradições religiosas. Os novos paradigmas e a interdisciplinariedade nos ajudam, certamente, a ver as questões desde horizontes muito amplos. Há quem suspeite de que se trata do global pulverizando o local, as estrelas nos distraindo do cotidiano, a imensidão e a complexidade paralisando nossas lutas. Ou seria uma nova contextualização e, portanto, uma nova localização e nova fecundidade de nossas lutas?"

3. UM OLHAR INTERDISCIPLINAR SOBRE O UNIVERSO

No dia 5 à noite, após a **Abertura** feita pelo Presidente da SOTER Luiz Carlos Susin, o mestre José Comblin fez uma **Análise de Conjuntura**, traçando um panorama bastante sombrio dos dias em que vivemos, quer seja pela política de globalização, que é antes de tudo a circulação dos capitais norte-americanos, quer seja pela posição oficial da Igreja romana tal qual aparece no documento *Ecclesia in America* - onde 75% das propostas dos bispos são retomadas, mas as mais importantes desaparecem, especialmente a "opção preferencial pelos pobres" que se torna "amor preferencial pelos pobres" - ou pela posição da Igreja latinoamericana que hoje se preocupa mais com sua visibilidade do que com qualquer outra questão.

Nos três dias seguintes, 6, 7 e 8 de julho, os conferencistas abordaram o tema dentro da seguinte lógica: no primeiro dia, a criação foi enfocada sob o ponto de vista da **epistemologia** e do ponto de vista **científico,** com falas de

teólogos, filósofos, físicos e geneticistas; no segundo dia, três **tradições sobre a criação** - budista, judaica e cristã - foram o assunto de quatro conferências e no terceiro dia se ensaiou uma **abordagem teológica** mais sistemática do tema da criação. Finalmente, no dia 9, para encerrar as conferências, Frei Betto falou de espiritualidade à luz dos princípios da indeterminação de Heisenberg e da complementaridade de Niels Bohr.

3.1. A perspectiva da ciência

No dia 6, o *Mysterium Creationis* foi abordado pelo teólogo João Batista Libânio, do CES, Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus de Belo Horizonte, pelo físico Marcelo B. Ribeiro do Instituto de Física da UFRJ, pelo filósofo das ciências Antonio A. Passos Videira do Observatório Nacional/CNPq e do Departamento de Filosofia da UERJ e pelo médico, geneticista e sociobiólogo da UFRGS Renato Zamora Flores.

Segundo **João Batista Libânio**, o tema **Teologia e Interdisciplinariedade - Problemas epistemológicos, questões metodológicas no diálogo com as ciências** é amplo e levanta três grandes questões: 1. Em que horizonte cultural se coloca a problemática da interdisciplinariedade entre as ciências e a teologia? 2. Que implicações têm para o diálogo interdisciplinar as diversas compreensões de ser, de saber e de agir? 3. A partir dessas compreensões, que modelos existem de diálogo interdisciplinar?

Respondendo à primeira questão, Libânio diz que o diálogo interdisciplinar se faz possível na modernidade, quando se realiza a passagem da hermenêutica especular, como a escolástica clássica de Santo Tomás ou o cientismo do Círculo de Viena, para a hermenêutica crítica, segundo a qual conhecer é interpretar. Diz Libânio em seu texto na Internet: "O termo "especular" origina-se da imagem do 'espelho'- lat. speculum. O

conhecimento espelha a realidade. Evidentemente se o espelho é perfeito, não se pode discutir sobre a exatidão da imagem. E se há defeitos no espelho, deve-se corrigir os seus defeitos. Subjaz a tal concepção que, no fundo, o conhecimento goza de uma neutralidade reflexiva de tal modo que a única coisa que pode ser discutida é a exatidão ou não do que foi refletido por causa de algum defeito no espelho. Nunca, porém, a natureza mesma do ato de refletir, de conhecer". Por outro lado, "a tomada de consciência de que o modo humano de conhecer é interpretar e de que na interpretação jogam inúmeros elementos das mais diversas origens, leva necessariamente a uma dupla atitude básica no diálogo interdisciplinar. Em relação à sua própria ciência, uma vigilância epistemológica procurando denotar o mais possível as conotações que se imiscuem no objeto do conhecimento. Em relação às outras, manter uma perspicuidade crítica"[3].

Para responder à segunda questão, Libânio faz ***sete perguntas***, que no seu roteiro distribuído aos congressistas está assim:

1ª. *Qual a condição prévia em relação ao conhecimento da realidade para o diálogo interdisciplinar?* As ciências e a teologia devem ter consciência da identidade e da diferença de suas abordagens da realidade. "A condição positiva para o diálogo interdisciplinar vem do correto manejo da dialética da identidade e da diferença. Os diversos saberes necessitam ter uma clareza sobre sua própria epistemé, métodos, objetos, etc. Para isso ajuda muito um diálogo intradisciplinar. Ao reivindicar para si a autonomia de seu saber, segue-se necessariamente o reconhecimento da autonomia do outro saber. Assim temos estabelecida a dialética da identidade e da diferença"[4].

---

[3]. LIBÂNIO, J. B., *Teologia e Interdisciplinariedade. Problemas epistemológicos, questões metodológicas no diálogo com as ciências*, em http://www.redemptor.com.br/~soter.

[4]. Idem, *ibidem*.

2ª. *De maneira concreta, quais as concepções de realidade no nível do ser, nível ontológico, que as ciências têm?* Há duas concepções básicas: uma clássica e outra moderna.

3ª. *Quais são as principais tendências de concepção de realidade por parte das ciências modernas?* As tendências são 1) de identificação do real físico com toda a realidade, 2) de perceber um processo de emergência na realidade e 3) de considerar a ciência como um determinado olhar da realidade.

4ª. *Qual é o pressuposto fundamental de concepção de realidade no nível do conhecer, nível epistemológico, para o diálogo interdisciplinar?* A interdisciplinariedade pressupõe a unidade e pluralidade da verdade.

5ª. *Quais são as concepções de realidade no nível do conhecer existentes no diálogo interdisciplinar?* As concepções de exclusivismo teológico, de reducionismo científico e de criticismo realista.

6ª. *Quais as atitudes que interferem no diálogo interdisciplinar, dificultando-o?* As atitudes conscientes e inconscientes de ortodoxia, de dominação e de insegurança.

7ª. *Que relações as ciências estabelecem com a ética?* As ciências envolvem-se com a ética por meio de diversos aspectos: da sua negação, do seu próprio modo de conhecer, dos financiamentos, de seu caráter experimental, operatório e da condição do cientista-sujeito.

Finalmente, para dizer que modelos podem ser pensados de diálogo interdisciplinar, ***a última das 3 questões***, Libânio lembra os modelos de continuidade (o concordismo bíblico, por exemplo), de descontinuidade (colocar as ciências em confronto com a teologia é uma postura que pode ser assim classificada) e, finalmente, de mediação: "Ciências, filosofia e teologia buscam um campo comum onde se podem encontrar. Consideram a filosofia a mediação privilegiada para o diálogo. Ela oferece uma base teórica suficientemente aberta que supera

o empirismo das ciências e permite a teologia inserir-se com sua especificidade"[5].

O que a Cosmologia afirma sobre a criação do Universo? Foi a pergunta colocada, em seguida, pelo físico **Marcelo B. Ribeiro** e pelo filósofo das ciências **Antonio A. Passos Videira**. Marcelo Ribeiro traçou um rápido panorama do desenvolvimento da cosmologia moderna, desde as suas definições fundamentais até a formulação do modelo cosmológico padrão de Freedman, Lemaître, Walker e Robertson e suas características, com um universo que está em expansão, podendo, entretanto, ser representado, segundo três tipos conhecidos, como aberto, plano e fechado. Tratou do Big Bang como singularidade matemática e de suas evidências observacionais, para chegar, finalmente, aos fundamentos conceituais da cosmologia, tais como a relatividade geral de Einstein, o conceito de horizonte, os teoremas das singularidades de Hawking-Penrose, e o conceito, ainda em formação, da cosmologia quântica.

Não é possível explicar tudo isso aqui, mas podemos ver o processo da exposição como consta da ementa da conferência publicada no Boletim nº 27 da SOTER: "Apresentaremos quais são os principais argumentos empíricos, físicos e matemáticos empregados pelos cientistas a fim de, ao menos, lançar alguma luz sobre ele. Num segundo momento de nossa apresentação, analisaremos o desenvolvimento histórico, desde Galileu até os dias de hoje, relativo ao problema da criação e, mais geralmente, do surgimento da cosmologia enquanto disciplina autenticamente científica (...) Finalmente, na terceira e última parte, discutiremos de que modo o problema que escolhemos exige uma perspectiva filosófica. No que diz respeito às relações entre ciência e filosofia determinadas pelo problema cosmológico da criação faremos uma abordagem deste problema a partir das idéias defendidas por Ludwig

---

[5]. Idem, *ibidem*.

Boltzmann (1844-1906), Einstein e, mais recentemente, William Stoeger"[6].

Esta terceira parte foi o assunto abordado por **Antonio A. Passos Videira,** reafirmando que as teorias físicas *representam* a natureza, mas não a essência do real. Talvez outras formas de conhecimento o possam, o que abre a perspectiva para o diálogo interdisciplinar, que deve, na linha defendida por William Stoeger - padre jesuíta e astrônomo do Observatório do Vaticano que leciona na Universidade do Arizona - ser mediada pela filosofia.

No debate que se seguiu, o teólogo Hugo Asmann salientou que o diálogo com as biociências e com as ciências da informação constitui tema fundamental. Por outro lado, tenta-se hoje superar a simetria do modelo padrão, como aparece na cosmologia, pois fala-se muito, nas biociências da convivência entre a ordem e o caos. A transdiciplinariedade é hoje a palavra da moda, mas é um projeto que tenta situar-se para além da relação causa-efeito, para além da linearidade, buscando o caminho da complexidade, da auto-organização e da emergência. Fala-se muito da vida como sistemas de "aprendência".

Na tarde do dia 6 o geneticista e sociobiólogo **Renato Zamora Flores** trabalhou questões relativas à **biogenética**, explicando o conceito de vida segundo o modelo darwiniano e a definição de Maturana. Em palestra muito rica e interessante, Renato conduziu a platéia ao raciocínio de que não só a vida pode ser explicada a partir da não-vida, mas também muitas

---

[6]. RIBEIRO, M. B. & VIDEIRA, A. A. P, *O que a Cosmologia afirma sobre a criação do Universo?* em Boletim n. 27 da SOTER: http://www.redemptor.com.br/~soter. Neste mesmo endereço podem ser lidos os artigos dos dois autores mencionados, que têm por título *Dogmatism and Theoretical Pluralism in Modern Cosmology* e *Cosmologia e Pluralismo Teórico*.

das características humanas que temos foram desenvolvidas por seleção natural. Mas Renato chamou a atenção para o seguinte fato: a sociobiologia não é competente para determinar a ética humana. O certo e o errado não são determinados pelo conhecimento da evolução do homem.

O debatedor Hubert Lepargneur considerou a crítica a Maturana severa demais e chamou a atenção para alguns dos temas que devemos prestar atenção neste final de milênio, como as teorias do caos, a união das tecnologias da informação e do ser vivo, os alimentos transgênicos.

3.2. Três tradições sobre a criação

No dia 7 foram apresentadas três tradições sobre a criação por quatro especialistas. A tradição budista foi apresentada pela monja Cláudia Coen Murayama, a tradição judaica pelo judeu Alexandre Goes Leone e a tradição cristã pelo luterano Nélio Schneider e pelo jesuíta Johan Konings.

A monja zen budista **Cláudia Coen Murayama** da Comunidade Budista Soto Zenshu da América do Sul e do Templo Busshinji de São Paulo nos apresentou um breve histórico do Budismo, das suas principais correntes e alguns de seus conceitos básicos, como os *Três Tesouros* (Buda, Dharma e Sangha), os *Selos da Lei* [Impermanência, Não-Self (Não-Eu, Vazio e Não-Ser), Sofrimento, Nirvana], a *Lei da Origem Interdependente* (Causalidade), as *Quatro Nobres Verdades* e as classificações para descrever existência material e mental (cinco agregados, doze campos dos sentidos e dezoito elementos da existência).

"O Universo é uma maravilhosa jóia redonda": citando esta frase do famoso mestre zen budista da China Gensha Shibi (835-908), que dá título a um dos capítulos do Shôbôgenzô, escrito pelo fundador da Escola Soto Zen no Japão, Mestre Zen Eihei Dôgen (1200-1253), escola a que pertence, Cláudia explicou

que no Budismo não existe a noção de um Deus Criador, Controlador, Juiz ou Redentor, sendo a interdependência da existência a Lei Verdadeira. Nós criamos o Universo em que vivemos e somos responsáveis por sua organização. Nós temos dentro de nós a memória de todo o Universo (um paralelo possível com o DNA?). Nós somos a vida deste Universo em uma de suas múltiplas manifestações e constantes transformações. Nossas ações, palavras e pensamentos são alternadamente e/ou simultaneamente causas, condições e efeitos modificando e transformando o Universo. Por isso o Budismo se recusa a responder a questões ontológicas e afirma que é no mundo dos fenômenos - temporal e espacial - compreendido pelas sensações, percepção e consciência, que a existência é reconhecida e julgada[7].

O budismo progressista proposto por Cláudia afirma que para se ler os textos do Buda histórico, o primeiro Buda, que viveu a 2600 anos atrás, é preciso fazer uma hermenêutica adequada, distinguindo entre a essência de seu ensinamento e as circunstâncias histórico-sociais da época. Buda, na sua época, rompeu com o sistema de castas na Índia e com várias discriminações então existentes, deixando-nos uma lição importante, cada vez mais pertinente neste mundo em conflito de final de milênio.

Em seguida, o judeu **Alexandre Goes Leone**, de São Paulo, partiu do relato de Gênesis 1 para apresentar **a interpretação judaica da criação** baseado em três fontes rabínicas: o Midrash, o sábio medieval Maimônedes e, especialmente, a interpretação mística baseada no Zohar, que vê a criação como um processo constante e o ser humano como parceiro de Deus na criação.

Os místicos quando falam da criação ou "obra

---

[7]. Cf. a ementa da palestra no Boletim nº 27 da SOTER em http://www.redemptor.com.br/~soter.

primordial" dizem que Deus, na Torah, possui 10 nomes, que são as 10 manifestações da divindade, não sua essência que é inatingível pelo pensamento. Deus é o "nada" de onde tudo surge, é o infinito, é o "Deus atrás das cortinas". Os 10 nomes são o único meio de se chegar até Deus. Deus não é um ser entre os seres, por isso só é atingível através de sua atividade. Os 10 nomes são as 10 irradiações vindo do "nada". No Zohar se discute, nessa linha, se a criação é *criação* ou *emanação* do divino.

Nélio Schneider, luterano e Doutor em S. Escritura, da Faculdade de Teologia de São Leopoldo, falou, por sua vez, da **criação em Paulo** através da análise do texto de Rm 8, 18-25. Destacou três aspectos: a) a dimensão holística da renovação da realidade, a inclusão da criação como um todo no projeto de libertação de Deus; b) a solidariedade entre criação e humanidade no sofrimento causado pelo pecado humano; c) a solidariedade entre criação e humanidade na esperança da libertação do pecado e conseqüente redenção tanto da humanidade como de toda a criação, tendo como base a concepção da ressurreição de Cristo como nova criação.

Nélio propôs o seguinte: "Com Paulo proponho ensaiar uma nova maneira 'ecoteológica' de ver as coisas: tomando-nos como parte no todo da criação de Deus e não como deuses a dispor de tudo a nosso bel-prazer e, com isso, cortando o galho no qual estamos sentados"[8].

Johan Konings, por outro lado, abordou a temática da **criação nos textos joaninos**. Caracterizou, em primeiro lugar, as teologias joaninas, com as semelhanças e as diferenças mais visíveis existentes entre o quarto evangelho e o Apocalipse. E tratou da visão sobre "o mundo" em João e no Apocalipse, especialmente a partir do prólogo do evangelho.

---

[8] . Cf. a ementa da palestra de Nélio Schneider em http://www.redemptor.com.br/~soter.

No prólogo, segundo Konings, o autor nos remete a Gn 1,1, às obras primordiais, que são ligadas à "Palavra" (Verbo, *lógos*), como nos escritos sapienciais: as obras e as palavras de Jesus são as obras e as palavras de Deus. A "Palavra", que é Jesus, é a mediadora da criação. No prólogo reconhecemos uma articulação cristocêntrica de toda a criação, assim como em outros textos esparsos do evangelho. Konings chamou a atenção para a lógica que está presente no evangelho de João sobre o viver no mundo, onde *cósmos* tem quase sempre sentido antropológico e não cósmico. Viver no mundo é bom ou mau dependendo da postura do cristão em relação a Jesus. O cristão está no mundo e não é do mundo: o ser do mundo (pertencer ao mundo) não é o âmbito de Jesus que pertence ao Pai (Cristo e os seus pertencem a Deus).

Konings nos lembrou também de que a "escatologia presente" de João dá uma boa pista para a teologia da criação: o novo céu e a nova terra já estão presentes e somos responsáveis por eles. Segundo João e o Apocalipse podemos amar o mundo físico, cósmico, mas não o mundo do orgulho humano da sociedade do Império Romano. Finalmente, Konings concluiu que João não idolatra a criação, pois não está preocupado com a conservação desta criação, mas com a nova criação. Sua visão é radicalmente cristocêntrica.

3.3. A perspectiva da Teologia Sistemática

No dia 8, **Juan Noemi Callejas**, teólogo da PUC de Santiago do Chile, tratou das possibilidades de **uma abordagem teológico-pastoral da realidade enquanto criação de Deus**. O filósofo da Universidade Federal do Ceará **Manfredo de Oliveira** e o também filósofo da PUC-SP **Eduardo Cruz** debateram com Juan Noemi a temática apresentada. Finalmente, João Batista Libânio e Juan Noemi fizeram uma tentativa de síntese de todo o Congresso.

Juan Noemi falou inicialmente da centralidade que

adquiriu o tema da criação na teologia atual através do deslocamento terminológico que se pode observar na teologia sistemática. Em seguida tentou uma descrição da teologia da criação, citando muitos teólogos alemães, como Metz, Kasper, Pannenberg, Rahner ou Ganoczy, em relação a três coordenadas: histórico-salvífica, ecológica e científico-técnica. Finalmente, propôs requisitos fundamentais para pensar uma teologia da criação hoje, especialmente a) pensar Deus como um acontecimento escatológico; b) pensar uma cristologia cósmica e c) pensar a fé "na razão".

Em todo o seu discurso notou-se a dificuldade da teologia em elaborar um discurso coerente sobre a realidade onde o saber empírico domina e onde a racionalidade é "procedimental", como notou Manfredo de Oliveira. Sentiu-se também uma ausência flagrante da teologia latinoamericana na sua fala, como se uma teologia da criação jamais tivesse sido pensada neste continente. Do mesmo modo, o mundo dos pobres e dos excluídos não foi contemplado com uma palavra sequer da teologia sistemática sobre a criação que se propôs "uma abordagem teológico-pastoral".

Tanto Manfredo quando Eduardo Cruz procuraram, em seguida, no debate, chamar a atenção para uma filosofia e uma teologia da natureza que devem falar do absoluto, como meio válido para se quebrar a barreira existente entre o discurso científico e o discurso filosófico. E Eduardo Cruz concluiu que podemos dialogar com a ciência através dos símbolos que aparecem nos mitos.

2. ELEMENTOS PARA UMA ESPIRITUALIDADE HOLÍSTICA

Na manhã do dia 9, último dia do Congresso da

SOTER, o conhecido escritor **Frei Betto** falou sobre a mudança de paradigmas ocorrida na física com as descobertas da mecânica quântica nos anos 20, especialmente a partir do **princípio da indeterminação ou incerteza de Werner Heisenberg** e do **princípio da complementaridade de Niels Bohr**. E propôs uma nova visão de realidade que supere os dualismos presentes em nosso saber e fazer, convocando-nos rumo a uma visão holística do universo que integre mente e espírito, observador e observado, sujeito e objeto como aspectos de um mesmo existir.

Segundo a ementa de sua palestra que pode ser consultada na página da SOTER na Internet, "Os paradigmas da modernidade sustentam-se na filosofia de Descartes e na física de Newton. Racionalismo e determinismo seriam as chaves para se chegar ao conhecimento científico, livre de interferências subjetivas, preconceitos e superstições. A transposição da mecânica clássica às ciências sociais sugeriu que um determinismo histórico regeria as sociedades para formas mais perfeitas de convivência humana, porém a queda do Muro de Berlim derrubou também tal aplicação.

Para não cairmos no caos e acaso, torna-se necessário formular novos paradigmas levando em conta dois parâmetros fundamentais derivados da física quântica: o princípio da indeterminação ou da incerteza, de Werner Heisenberg, e o princípio da complementaridade, de Niels Bohr. Heisenberg pretendeu demonstrar que jamais poderemos conhecer tudo sobre os movimentos de uma partícula. Pode-se conhecer a posição exata de uma partícula ou a sua velocidade, mas não as duas coisas ao mesmo tempo. As imutáveis e previsíveis leis da natureza em sua dimensão macroscópica não se aplicam à dimensão microscópica. Isso significa que jamais teremos pleno conhecimento do mundo subatômico. No mundo quântico, a natureza é, portanto, dual e dialógica, como ressaltava Bohr, numa interação de complementaridade. Articulou as duas concepções que, à luz da física clássica, são contraditórias e

aplicou tal princípio a outras áreas do conhecimento. Sobre essa interação, entre observador e observado ergue-se a visão holística do universo: há uma íntima e indestrutível conexão entre tudo o que existe. Ocorre uma migração de sentido que nos faz pensar que a incerteza quântica se faz presente não só nas partículas subatômicas. Revoluciona nossa percepção da natureza e da história.

O princípio da indeterminação aplica-se também à história. Em cada um de nós essa dimensão dual também se manifesta, sobrepondo-se, como análise e intuição, razão e coração, inteligência e fé. Não há leis ou cálculos que prevejam o que fará um ser humano. A ótica quântica resgata a liberdade humana e reinstaura o ser humano como sujeito histórico, superando toda tentativa de atomização e realçando a sua inter-relação com a natureza e com os seus semelhantes. Na prática ainda estamos longe da unidade. A pluridisciplinariedade, rumo à epistemologia holística, permanece como desafio e meta, mas há sinais de otimismo: a cartesiana medicina ocidental abre-se à acupuntura; na política fala-se cada vez mais em ética; nas religiões recupera-se a dimensão mística; só falta fazer com que o capital esteja a serviço da felicidade humana. Então reencontraremos as veredas do Éden"[9].

---

[9]. BETTO, Frei, *Indeterminação e Complementaridade*, Boletim n. 27 da SOTER em http://www.redemptor.com.br/~soter.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

GRÃO-CHANCELER
Dom Gilberto Pereira Lopes

MAGNÍFICO REITOR
Prof. Pe. José Benedito de Almeida David

VICE-REITOR PARA ASSUNTOS ADMINISTRATIVOS
Prof. José Francisco B. Veiga Silva

VICE-REITOR PARA ASSUNTOS ACADÊMICOS
Prof. Carlos de Aquino Pereira

DIRETOR DO INSTITUTO DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves